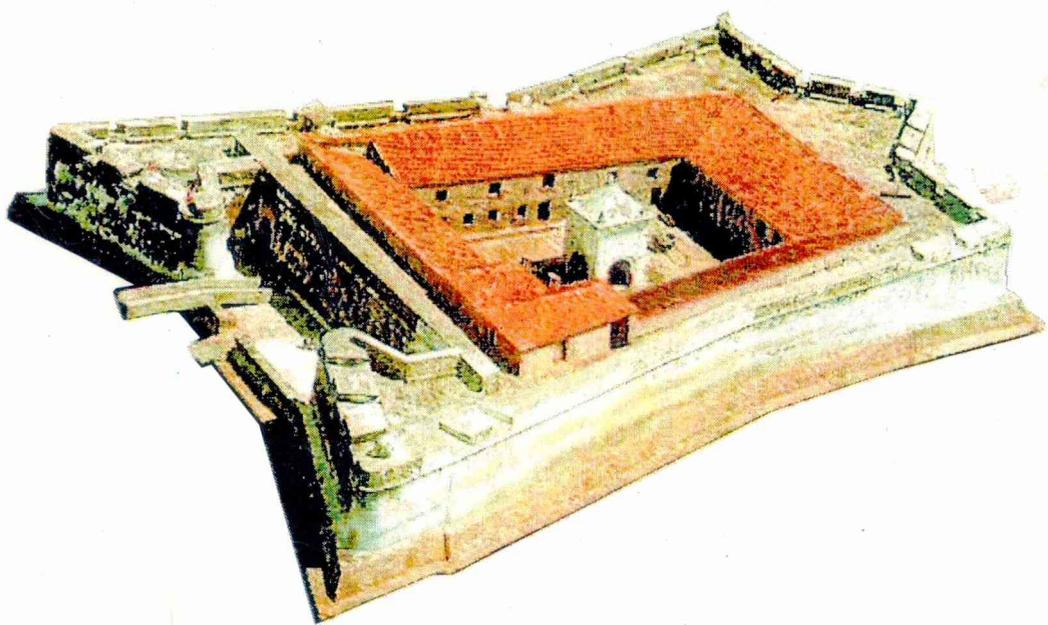


REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



3/99

7/1998

27

Academia Norte-Rio-Grandense de Letras

Volume 39

**Natal
1998**



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO - GRANDENSE DE LETRAS

VOLUME 39 – NÚMERO 27 – JULHO DE 1998



Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de
Letras. V. 39, Nº 27, Julho/1998.

1 – Literatura

Digitação - Maricely de Medeiros

Revisão - pelos autores

CDU:820



DIRETORIA ATUAL DA ACADEMIA

Presidente: Diógenes da Cunha Lima

Vice-Presidente: Paulo Macêdo

1º Secretário: Nilson Patriota

2º Secretário: João Batista Pinheiro Cabral

Tesoureiro: Enélio Lima Petrovich

Diretor da Biblioteca: Dorian Gray Caldas

Diretor da Revista : João Wilson Mendes Melo

Comissão de Contas : Sanderson Negreiros, Gilberto Avelino e Maria Eugênia Montenegro

Comissão de Sindicância: Jurandir Navarro, Alvamar Furtado de Mendonça e José Melquíades de Macêdo



SUMÁRIO

Luís da Câmara Cascudo	7
I – O Pensamento Acadêmico Sobre Vários Temas	9
1 – A Música na Poesia de Cruz e Sousa	11
Pe. Jorge O'Grady de Paiva	
2 – Aventura Humana	17
Dom Nivaldo Monte	
3 – Os Vaga-Lumes de Câmara Cascudo	21
Diógenes da Cunha Lima	
4 – Outeiros ou Oiteiros	24
José Melquíades	
5 – Aspecto do Problema Universitário	28
Grácio Barbalho	
II – Necrológios	35
1 – Tributo a Américo de Oliveira Costa	37
Alvamar Furtado de Mendonça	
2 – Discurso de Vitória dos Santos Costa em Nome da Família de Américo de Oliveira Costa	45
III – Novos Acadêmicos	55
1 – Discurso de Posse do Acadêmico Luís Carlos Guimarães	57
2 – Saudação a Luís Carlos Guimarães	71
Sanderson Negreiros	
3 – Saudação a Aluísio Azevedo	75
Diógenes da Cunha Lima, ao Abrir a Sessão de Posse	
4 – Discurso de Posse	77
Aluísio Azevedo	
5 – Saudação ao Acadêmico Aluísio Azevedo	90
Enélio Lima Petrovich	
IV – História	101
1 – Considerações Sobre a Fundação da Cidade do Natal	103
Olavo de Medeiros Filho	

2 – Contrabando de Pau-Brasil na Baía Formosa	107
Olavo de Medeiros Filho	
3 – A História do Presépio e a Natividade	110
José Melquiades	
4 – Sinopse Histórica do Município de São Tomé	116
Aluísio Azevedo	
V – Memórias	119
1 – Um Céruo Paladino	121
João Batista Pinheiro Cabral	
2 – Relembraças	128
Nilson Patriota	
3 – Homero Homem e a 1ª Semana de Cultura	
Nordestina	135
Manoel Onofre Jr.	
VI – Reflexões	139
1 – Reflexões com Algumas Rimas	141
João Wilson Mendes Melo	
2 – Reflexões de Maria Eugenia	144
VII – Nossos Poetas	151
1 – A Estória Triste e a Lenda de YVA, a Suicida	153
Gilberto Avelino	
2 – Três Canções Para os Teus Sentidos	155
Gilberto Avelino	
3 – A Violeta	156
Gilberto Avelino	
VIII – Colaboração dos Amigos da Academia	157
1 – Homenagem ao Meu Pai	159
Denise Rocha de Azevedo	
2 – Quatro Poemas de Betty Costa	
Encontro	161
Reencontro	162
Ausência	163
Saudade	164
3 – Neruda, Cinema e Literatura	166
Jorge Fontoura	

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

No corrente ano – 1998 – o Brasil inteiro prestará homenagens póstumas a um dos seus mais ilustres filhos das últimas gerações, o escritor norte riograndense Luís da Câmara Cascudo.



O Rio Grande do Norte especialmente, em virtude de ser o Estado de nascimento do ilustre historiador e folclorista, autor de mais de cem livros, desfruta de um regozijo maior. Foi aqui, especificamente em Natal que ele, falecido em 30 de julho de 1986, exerceu sua atividade de pesquisar e escrever, de ensinar, na cátedra do Ateneu Norte Riograndense e nas Faculdades de Direito e de Filosofia, Ciências e Letras e em seu próprio gabinete de trabalho, respondendo às consultas de estudantes e professores, como também dos próprios amigos, no dom magnífico de conversar que ele possuía como ninguém.

Cem anos do seu nascimento, ocorrido a 30 de dezembro de 1898, no bairro da Ribeira, em Natal, constituirão a data de um dos maiores centenários que o Estado celebra, com admiração e louvor, para fixar a figura de um homem exemplar, que honra o País e a terra em que nasceu, viveu trabalhando e morreu na paz do amor que praticou e transmitiu no seu grande carisma de humanista e sincero cristão.

A Academia Norte Rio Grandense de Letras, casa de que Câmara Cascudo foi um dos fundadores, tem estado presente em todos os atos de divulgação da vastíssima obra do imortal homem de letras do Brasil, a quem dedicará a próxima edição desta Revista, exaltando seu justo valor.

I

O Pensamento
Acadêmico
Sobre Vários Temas

A MÚSICA NA POESIA DE CRUZ E SOUSA

Ano do centenário de seu falecimento (19-03-1998)

Pe. Jorge O'Grady de Paiva

A marca predominante da poética de Cruz e Sousa é a sua musicalidade. Indagamos, porém: de que espécie de musicalidade se trata ? Além da musicalidade geral ou comum apresenta, também, outra particularidade — aquela que emprega sons mais agudos ou de maior número de vibrações por segundo. Corresponde tal estado musical à altura com que se pronunciam os vocábulos e aparece, em caráter obrigatório, nas interrogações, exclamações, invocações e evocações ou na chamada linguagem emocional ou música verbal. Assim a característica maior de Cruz e Sousa, na plenitude de seu simbolismo, é a da música violinística, supervibratória, à qual, veladamente, alude, num soneto que dedicou a um seu amigo, em 1882. Deixou, contudo, que o título da composição ficasse dentro do poema, como é de ver por este imponente.

(RIVAL FELIZ)

*De Mayseder gentil o vulto ingente,
De Corelli, de Spohr e de Nardini,
De Ole Bull supernal, de Veracini,
Inspirados por Deus c'ò plectro ardente:*

*Dessa lira febril, áurea, potente,
Do artista sem par de Paganini:
De Viotti dinal, do herói Tardini,
De Lafont, de Baillot, Eck e Laurenti,*

*Sois rival feliz! E nesse crânio
Há, em jorros, oh céus, extravasando,
O amor musical, o ardor titâneo...*

*Já bem cedo, veloz, ides galgando
Lá da glória os degraus, o supedâneo,
Sobre um trono de luz, rindo e cantando...*

Observemos, primeiro, que são 13 os sobrenomes constantes do texto e se acrescentarmos o “Rival feliz” teremos mais um violinista, cada qual, então, correspondendo a um dos versos do soneto que, se declamado com arte, apresentaria aguda ressonância.

Há, também, correções a fazer quanto à grafia de dois nomes: Eck é Egk e Tartini. Admirável soubesse Cruz e Sousa todos os nomes dos grandes violinistas europeus dos séculos XVIII e XIX, a ponto de os mencionar pelos sobrenomes, não fosse, por sua vez, músico nato, espírito harmonioso e que não teria sido o poeta que foi se não procedesse das mais puras raízes afras. Por isso o epíteto de Cisne Negro nada tem, para ele, de pejorativo e, sim, de honroso. Pensava como Verlaine (essa notável expressão do simbolismo francês). O qual, em seu poema “Art Poétique” (pág. 326 das “Oeuvres Completes”) afirmou: “De la musique avant toute chose”, repetindo, mais adiante: (pág. 327) “De la musique encore et toujours”. O verdadeiro para ser musical à Cruz e Sousa sacrifica a própria métrica à sonoridade. Só isso explica porque, num soneto decassílabo, também empregasse versos eneassílabos ou de nove sílabas.

Ainda é de notar-se, neste insigne soneto, o emprego de um qualificativo por ele criado, pois sempre recorria ao neologismo quando não deparava, de pronto, com a rima certa ou a métrica desejada. É assim que no 7º verso utiliza o termo **dinal** (que o Acadêmico Antônio Houaiss deriva do grego **Dynamis**, força), tendo, anteriormente, usado do mesmo adjetivo no poema “A Imprensa”, ao dizer:

*“E Gutenberg, esse herói,
Essa vergôntea dinal”.*

Vejamos, enfim, que a ordem de colocação das rimas, fosse nos quartetos ou nos tercetos, nem sempre era a mais comum. Ele se sentia, versejando, como se estivesse ao violino: foi um músico que compunha versos, com uma sensibilidade artística incomum. Ele mesmo o disse: “Só uma percepção estética, apuradíssima, feita de nitidez visual, olfativa, palatal e acústica, dá exatidão à cor e à forma, ao som e ao sabor do vocábulo, tornando-o não musical” (V. Obra Completa, pág. 678). Equivalentemente, Baudelaire (V. Bibliografia, 5):

“ Les parfums, les couleurs et les sons se répondent ”.

Para o ilustre Prof. Bráulio Sanches, da USP, tudo de grandioso se encontrava no estilo cruzsousense: beleza, forma, elegância, paixão, tragédia, harmonia, ciência e coração. Veja-se como abre Cruz e Sousa o poema “ANTÍFONA”, para apresentar seu livro “Broquéis”:

*“O’ formas alvas, brancas, formas claras
De Luares, de neves, de neblinas...
O’ formas fluidas, vagas, cristalinas...
Incensos dos turibulos das aras...”*

No soneto “Siderações” assim começa:

*“Para as estrelas de cristais gelados,
As ânsias e os desejos vão subindo,
Galgando azuis e siderais noivados
De nuvens brancas a amplidão vestindo...”*

E, no 1º terceto:

*“Dos etéreos turibulos de neve
Claro incenso aromal, límpido e leve,
Ondas nevoentas de visões levanta...”*

Nenhuma referência, porém, ao poeta ultrapassa o que dele disse o Cardeal Cerejeira, figura olímpica da Igreja lusitana: "Esta grande alma religiosa, a quem faltou o conhecimento da verdade integral, eleva a poesia aquele ponto de que fala Schiller, **onde todo trabalho acha seu repouso, toda luta sua paz e toda necessidade sua satisfação**".

Queremos aludir, agora, a dois grandes violinistas citados por Cruz e Sousa em seu soneto revelador e que são Tartini e Paganini. A este chama o poeta de "artista sem par" e, a Tartini, de "herói". Foram incedíveis na arte do arco e se tornaram famosos por haverem levado a música de som mais agudo ao máximo de suas virtuosidades e atribuem o haverem conseguido a ninguém menos do que ao Demônio! Quem narra o caso é Giovanni Papini, no seu "Il Diávolo", traduzido em português e editado em Lisboa e distribuído no Brasil, pela Editora Globo, de Porto Alegre. No cap.65 revela Papini que Tartini sonhou, certa vez, ouvindo o Demo tocar seu violino e, ao acordar, apanhou o instrumento e repetiu toda a composição a que chamou de "trilo do diabo". E causou tal sucesso que revolucionou o violino. Quanto a Paganini, tocava com cabelos desgrenhados, rosto extático, movimentos corporais convulsos e sons frenéticos, num "virtuosismo" que deixava perplexos os próprios músicos.

Repare-se, enfim, que os violinistas referidos por Cruz e Souza formam dois grupos: 6 no 1º quarteto e 7 no segundo. Consta o primeiro grupamento dos "inspirados por Deus"; quanto aos 7 seguintes são, apenas, nomeados, mas, por certo, não "inspirados por Deus," já que entre eles figuram Tartini e Paganini (precursores do movimento "Rock' and Roll" da mocidade hodierna).

Será que teria Cruz e Souza de esperar, ainda, para que todos vissem, em caráter definitivo, **musicalmente** interpretada sua poesia? Mais do que musical, ela é **musicante**. É que ele violinizou seus versos, dando-lhes, inclusive, aqueles aspectos algo barbaristas de seu tempo. Não se oculta ele, de corpo inteiro, no "Rival Feliz" de quem se equipara, mesmo através de um amigo, aos exímios violinistas sete e oitocentistas? Estava ele, então, com 21 anos e já corria, célebre, para a glória... Suas falhas

poéticas e barbarismos poderiam ter sido “intencionais” ao afastar-se, por vezes, dos padrões rígidos da arte poética. Seu versimusicalismo é algo assim como viria a ser, de futuro, o versilibrismo. Ele, apenas, adiantou-se: viu mais longe. Aluno-portento de todos os cursos que fez— e foram muitos— adquiriu cultura invulgar. Não o convidaram, todavia, para integrar a Academia Brasileira, fundada em vida do poeta. Perpetrou-se, contra ele, grande injustiça, já que era um dos maiores intelectuais de sua época. Merecia, sem favor, a imortalidade acadêmica. E poucas academias, municipais ou estaduais, que se fundaram depois, se lembraram dele para patrono, dentre as quais estão a Academia Catarinense de Letras, da sua terra e a Academia Brasileira de Literatura, do Rio de Janeiro.

À imitação dos simbolistas francêses dedicou-se, também, Cruz e Sousa à prosa poética (sobretudo Evocações), gênero no qual se notabilizou. Era um predestinado, que nasceu no dia de São João da Cruz (24 de Novembro), o maior poeta místico da Igreja e de quem tomou o nome, chamando-se João da Cruz e... Sousa (sobrenome de seu protetor). E—note-se — é esse estilo de poesia religiosa altamente musical e melodioso, quase todo constituído, como é, de linguagem emotiva.

Assim como se disse (Olavo Dantas) que “o verbo épico de Camões é a voz do oceano, calmo ou revolto”, assim se pode, também, dizer que **a voz poética de Cruz e Sousa é a própria voz da música, plácida ou encapelada.**

Saudemos, neste centenário da morte de Cruz e Sousa, o maior simbolista brasileiro, cujo espírito musical se lhe entranhou por toda a obra e cujo poema “Antífona”, já citado, apresenta os mais tocantes e suaves versos do Brasil, não superados pelos grandes simbolistas francêses.

Bibliografia

- 1) – Cruz e Sousa, *Obra Completa* Aguilar Editora, Rio, 1961.
- 2) – Verlaine, *Oeuvres Completes*, Ed. Gallinard, Paris, 1962.
- 3) – Consulta ao Acadêmico Antônio Houaiss sobre “dinal”, respondida em carta ao A.
- 4) – Cruz e Sousa em “O Estilo” – pag. 678 da *Obra Completa*.
- 5) – Baudelaire, *Oeuvres Completes*, Ed. Gallinard, Paris, 1961 (soneto “Correspondances” à pag. 11).
- 6) – G.Papini, “O Diabo”, Lisboa e Porto Alegre, 1954 (informe obtido pelo Sr. Carlos Vieira).
- 7) – *Jornais do Rio*, 24/11/1961 (ano do centenário de nascimento).

AVENTURA HUMANA

Dom Nivaldo Monte

De entre os problemas mais relevantes que vieram e vêm inquietar a mente do homem, desde os primórdios aos nossos dias, sem dúvida alguma, ressalta o problema da conservação, da defesa e do aperfeiçoamento da vida. Todos os outros problemas assumem medidas secundárias, diante do inelutável da sobrevivência.

Para se manter vivo, o homem dispõe de um arsenal, mais ou menos generoso, de inclinações instintivas, com a tendência a conhecer, a conservar, a defender e aperfeiçoar a vida.

Para isto ele sente, observa, tasteia, investiga, experimenta a natureza, que o rodeia, a procura de alimentos, abrigos e armas, usando, tanto os utensílios que a natureza lhe oferece, como os que a necessidade o obriga a inventar.

Do vara-pau aos mísseis, como armas; das sandálias aos aviões a jato, como transportes; das cavernas aos arranha-céus, como abrigos; das cerâmicas às utilidades eletrônicas como utensílios; do fogo ao átomo, como fontes de energia, o homem procura, dominando a terra, torná-la menos agressiva e mais acolhedora.

Da parte do homem, ele está condicionado por faculdades físicas, sensitivas e espirituais, enquanto a terra, para que o mesmo possa sobreviver, lhe oferece, o solo, o ar, a água, a luz e o calor.

Feito do limo da terra, o homem guarda sua dependência original com sua mãe comum. Dela tudo recebe; seu calor, a sua força, a sua vida.

A lenda clássica do Gigante Anteu, que, ferido de morte, se refazia ao contato de sua mãe a Terra, continua sendo, para todos nós, uma das mais belas expressões da vocação telúrica do homem.

Da mais humilde babugem ao mais agigantado pau'arqueiro; do germe mais mesquinho ao mais avantajado

paquiderme, todos os seres vivos e, entre eles, o homem, encontram sua razão biológica de viver porque a terra existe.

Aí está, para nós, porque num só punhado de terra, vive e palpita mais força e mais ternura que em todos os mundos reunidos.

É do equilíbrio ecológico: solo-gente, terra-homem que se situa o bem estar e o desenvolvimento da pessoa humana. Rompido este equilíbrio, o mal estar se instala no indivíduo e na sociedade, enquanto o subdesenvolvimento assume medidas de permanência. Tudo que sucede na terra afeta profundamente a existência do homem. A relação entre ambos é tão íntima e tão profunda, que, se a terra vai bem, estamos a meio caminho do bem estar do próprio homem. De outro lado, se o homem não vai bem, a terra se ressentida, se degrada, torna-se selvagem.

Não sendo o homem um mero espectador da natureza, mas, por sua relação íntima com a mesma, parte integrante do ecossistema, faz com que o problema de um reflita sobre a existência do outro. A única diferença é que o homem, por sua inteligência, pode escolher alternativas, não, porém a terra. Daí competir ao homem assumir a liderança, na ação, no intuito de defender, conservar e aperfeiçoar a natureza, em função de uma relação cada vez mais harmônica entre os dois.

O equilíbrio entre o homem e o alimento é a primeira condição a se considerar na luta pela vida. Toda civilização, que não quer ser suicida, cuida, antes de tudo de alimentar o seu povo. Um país é desenvolvido na medida em que seu povo é bem alimentado. Era neste sentido que os antigos costumavam dizer: que devíamos primeiro viver para depois filosofar. É pura insensatez se promover um desenvolvimento industrial em detrimento da agricultura.

Falando sobre a fome no mundo, Galbraith chegou a afirmar que não existe questão de ordem econômica tão importante quanto a de se saber porque tanta gente pobre passa fome. De fato a questão da pobreza e da miséria, no mundo atual, se tornou socialmente tão penosa, a ponto de grande parte da humanidade não ter tempo e energia suficientes senão para lutar com a finalidade de se manter viva.

Mais de um bilhão e quinhentos milhões de cerca dos quatro bilhões, dos habitantes da terra são alimentados insatisfatoriamente, enquanto, quase quinhentos milhões sofrem de subnutrição, isto é, de fome. Mais da metade da população do globo não tem problema maior do que lutar pelo pão de cada dia.

Dois em cada três seres humanos que morrem, não morrem de morte natural, mas, de epidemias e de fome e isto é, realmente, catastrófico...

Por que há tanta miséria, tanta gente passando fome, por que tantos não se desenvolvem, se estiolam e morrem por falta de alimentos ? Infinitas têm sido as tentativas de uma explicação razoável. O próprio Galbraith, em seu magnífico estudo sobre a Era de Incerteza, procura catalogar algumas delas, sem conseguir chegar com isso a uma conclusão definitiva. Não seria a falta de energia e ambição de certos povos ? Sua raça e sua religião não os fazem viver assim ? Ou será porque o país é desprovido de recursos naturais ? A causa não estaria no sistema econômico errado ? O comunismo e capitalismo, o socialismo não estariam falidos ? A falta de investimento e poupança não estaria na raiz deste estado de coisas ? A insegurança com a propriedade, remuneração pelo trabalho ? Enfim o ensinamento inadequado, a falta de técnicos e cientistas, de administradores ? A herança de uma administração colonial selvagem, a discriminação racial, o estado de humilhação nacional ?

Todas estas causas podem ter a sua parcela de responsabilidade diante dos fatos, todavia, não se furta a evidência de que todas elas esbarram no binômio : terra-gente, no processo de produção, consumo e população.

As coisas sucedem, no mundo, movidas por duas grandes forças: as da matéria, movidas pelas leis determinadas, físico-químicas e biológicas, de uma parte, e, de outra parte, pelas leis do espírito, regidas pelas leis relativas da consciência e da liberdade.

As afinidades e os tropismos, as tendências, os reflexos e os instintos, são forças inelutáveis da natureza bruta, enquanto a lucidez, a sagacidade e o bom senso são forças opcionais do espírito.

As primeiras sucedem, pura e simplesmente, enquanto as outras podem ou não acontecer.

Os fatos demonstram que a terra é lugar adequado à origem e desenvolvimento da vida em geral e do homem em particular. A este compete se enquadrar às exigências da matéria bruta ou adaptá-la às aspirações do espírito.

Na escala de grandes necessidades do homem, a alimentação está em primeiríssimo lugar. O homem pode viver sem cultura, sem bem-estar, sem maiores aspirações para o futuro: não porém sem alimentos. Esta é a mais primordial de todas as suas necessidades. Catar folhas e raízes para comer, caçar animais na terra, nas águas e nos ares, para se alimentar, foram as primeiras atividades do ser humano. Não foi sem razão que o soldado japonês Kafuni Kurahashi escreveu em seu diário de guerra, "9 de Janeiro, esqueci a data, creio que é mais ou menos esta, a única coisa que eu penso agora é no arroz. Hariuk (sua esposa) se me acontecer alguma coisa, peço que você ponha uma tijela de arroz em minha sepultura".

OS VAGA-LUMES DE CÂMARA CASCUDO

Diógenes da Cunha Lima

Foi me deixar, como de seu hábito gentil, no alto da escadaria da sua casa, de onde se via o Potengi. Um grande e lustroso besouro placidamente atravessava o nosso caminho. Coleóptero, disse. E me provocou:

– O homem não tem nenhuma importância, importante mesmo é o besouro.

– Faça o favor de me explicar.

– Na melhor das hipóteses, o homem está na terra há cinquenta milhões de anos, um besouro como este tem duzentos e cinquenta milhões de anos. O homem pode destruir todas as baleias (estava indignado com a matança das baleias na paraíba), as azuis, os cachalotes, os mamíferos todos, mas não consegue acabar com uma única classe de insetos. E quando o homem houver desaparecido, eles continuarão a voar sobre a terra...

– São apenas mais aptos, ou mais importantes ?

– Quando um homem é importante, é como eu. É porque imita os insetos.

– O senhor imita inseto ?

– Imito pelo menos dois desses bichinhos: tenho a obstinação do carrapato e faço a publicidade e auto-promoção do vaga-lume. T'acabado !

Quando levei o meu livro ao professor Câmara Cascudo, ele não gostou do título: Um Brasileiro Feliz.

– Você está chamando, indiretamente, outros milhões de brasileiros de infelizes.

– Não. Estou só destacando um, feliz pelo que faz.

O tempo passou e ele adotou a expressão, honrando-me com a citação.

No título há o destaque da nacionalidade, por seu amor à cultura do povo, permanente bom humor, mais que brasileiro, pedaço de Brasil feito gente. Ele foi afortunado porque fez o que quis e amou o que fez.

Escreveu cerca de 150 livros. Não terminou o que seria o último: **Antes da Noite**. Noite como sinônimo de morte. Encomendou-me a **roupa da viagem**: “Quero a veste vermelha, a de Professor Emérito, a preta com arminho que rima com velhice e com carinho”. Saiu da Academia para a noite, vestido com arminho.

Em verdade, ninguém escreveu mais e melhor sobre o Brasil e sobre os brasileiros do que Câmara Cascudo. Os seus estudos etnográficos são com o que há de melhor para compreensão do que é nosso. Penso que ele e Gilberto Freyre são duas faces da mesma moeda. Eles estudaram e revelaram o Brasil, Gilberto com maior visão sociológica e Cascudo com visão antropológica, de cultura popular. Fazem a verdadeira interpretação social. Gilberto parte do Regional para fixar o brasileiro no mundo (**Casa Grande e Senzala**). Cascudo parte do homem no Universo para fixar o brasileiro (**Civilização e Cultura**). As suas obras são paralelas, vezes convergentes e complementares uma da outra. Os dois descobriram o Brasil.

Por exemplo, Cascudo escreve o **Prelúdio da Cachaça** – Etnografia, História e Sociologia da aguardente no Brasil – e Gilberto declara “um encanto” e escreve o seu doce livro **Açúcar**. Cascudo vai a réplica com **Sociologia do Açúcar**. Na inicial, Cascudo dá boa noite à Velha Casa-Grande de engenho...

Tenho proposto, sem sucesso algum, que as nossas Universidades criem um Núcleo de Estudos da obra cascudiana e gilbertiana, até agora objeto de ensino isolado, de professores como Sanderson Negreiros. Estou convencido de que não há escritores maiores no Brasil do que os dois. Porque fizeram ciência, mas sabem escrever com estilo. Às universidades, como às pessoas, convém que tenham caráter. Estudar o que nos é singular, o que nos distingue dos outros, o que é expressão nossa, o que nos confere honra e dignidade de viver.

Faça o leitor um exercício de imaginação. Imagine se desaparecesse toda a literatura nacional, menos dois autores. A obra de quais seria escolhida para que se entendesse o Brasil e os brasileiros ?

Uma vez, conversando com o Mestre, ele me desafiou a qualificá-lo com uma única palavra:

– O senhor é um inatural.

– Inatural ? Como assim ? Estou fora da realidade ?

– Eu só vejo o senhor no passado ou no futuro, logo inatural.

O seu presente é apenas para agradar a D. Dália, aos netos, aos filhos, aos seus audientes e leitores.

De fato, em vinte anos de convivência quase diária, me foi difícil encontrar Cascudo no presente. Sempre pensando nas coisas através do passado e vivendo no futuro.

Na época, um jornal do Sul credenciou uma repórter para entrevista com o Mestre sobre a chegada do homem à lua.

– Mocinha, eu não entendo nada de astronáutica.

– O jornal quer saber o que o Professor notou nesta viagem.

– Ah ! sim, notei que quando os astronautas desceram no Pacífico houve manifestação de regozijo popular. E que o povo fez a saudação da mesma maneira que faziam os babilônios para os seus heróis: batendo com os dedos da mão direita na palma da mão esquerda. Outra coisa: quando Armstrong foi pisar na lua, decidiu pisar com o pé direito, ou seja, a superstição já chegou na lua.

No centenário de Luís da Câmara Cascudo, eu e dezenas de outros vaga-lumes, tentaremos iluminar a noite cascudiana.

OUTEIROS OU OITEIROS

José Melquiades

Houve um tempo, em Pernambuco, lá pelos meados do século XVIII, que os poetas se reuniam à noite para recitação dos seus **oiteiros**, o que compreendia **glosas** em decorrência do mote. Era uma recitação ou concurso poético alusivo às festas religiosas. Armava-se um palco no pátio da Igreja simbolizando o monte Parnaso. Uma mulher servia de musa e distribuía os motes, todos mais ou menos adequados aos atos litúrgicos ou à festa religiosa celebrada. Esses **oiteiros** fizeram época e escola até o final do século passado. Deles participaram os melhores poetas improvisadores ou glosadores. Para melhores detalhes, consulte-se o **Dicionário Folclórico** de Câmara Cascudo. Convém lembrar que **oiteiro** é alteração vocálica de **outeiro** – pequeno monte ou colina. Origina-se do latim **altarium** – altar. **Altaria** era o altar em que se queimavam as ofertas feitas aos deuses. Em Portugal, os **outeiros** motivavam concursos poéticos, nos quais os poetas glosavam motes “dados pelas freiras”. Sem mais delongas e sem freiras, no meu caminho, incluo, aqui, humilde amostra dos meus tímidos **outeiros**.

*Não sou, nunca fui, jamais serei poeta.
Faço **outeiros** em estilo desigual.
Jamais, na vida, pensei em ser o tal
Nem jamais pensei em ser esteta.
Desse modo conservo humilde meta.
Conto as sílabas até pelo viés
E se conto-as assim ou ao revés,
Levo os versos a raias sem destinos,
Tento fazê-lo à moda dos latinos
E arranjo o verso ao bater dos pés.*

* * *

*Desejo ser feliz ganhando pouco,
Suportar esta vida alegremente,
Esquecer que haja rico lá na frente
E fazer do insulto ouvido mouco,
Recorrendo ao meu santo de pau oco,
Noutro caso eu imploro ao Redentor,
Numa prece de fé ao meu Senhor,
Elevando na prece o coração:*

*Concedei-me, Senhor, consolação
para carregar minha cruz de isopor.*

** * **

*O salário que ganha um professor,
Num país onde todos comem tudo
Do professor esse salário mudo
É seu preço de ser educador,
Da pobreza um forte indicador,
E vivendo assim desse ordenado,
Pelos governos de modo desprezado,
Os carochos de feijão que ele come
Se não lhe dar para morrer de fome,
Muito menos morrerá empanzinado.*

** * **

*É muito fácil para uma agulha
Passar pelo fundo do camelo
Puxando da linha um bom novelo
E o novelo, no fundo, nem se entulha.
É preciso ter na crença essa fagulha
A parábola, sem fé, parece pulha.
Era fácil, no fundo, a coisa entrar,
Difícil mesmo era o rico se salvar.
Era o rico que entrava pelo cano
Mas do camelo que se cuide o ano
Se no fundo a agulha atravessar.*

* * *

*Reserva só se for remunerada.
Tu só vales na vida se tu tens.
Por isso só respeito **homens de bens**
Homem de bem só serve de piada.
E reserva moral não vale nada.
Que adianta Ter reputação,
Se no bolso não tens um só tostão!
De que vale receberes a medalha,
Forte elogio longe da batalha,
Se te falta ou não tens de cada dia o pão.*

* * *

*Jesus, lá, do cimo do Calcário,
Pregado, na cruz, ao Pai orando,
Valeu-se do Salmo e se queixando:
Eli la'ma... o que não era hinário.
Inda não terminara o temporário,
Inda no templo pedras e degraus,
Antes que das trevas levantasse o **chaus**,
Dimas, ao seu lado, pede-lhe perdão.
Jesus levou para o céu o bom ladrão
Enquanto na terra permanecem os maus.*

* * *

*Melhor só do que mal acompanhado
E se diz que a voz do povo é a voz de Deus,
E também que Mateus primeiro os teus.
É essa a filosofia do ditado.
Já existe o caso do bocado:
Não é para quem faz, para quem o logra;
Isso aqui não é nem casa de sogra:
Todos mandam, no fim não há mandão*

*Se te irritas, logo não tens razão
E toda essa xaropada é uma droga.*

ASPECTOS DO PROBLEMA UNIVERSITÁRIO

Acadêmico Grácio Barbalho

Na abertura dos cursos universitários, é hábito louvável e sedimentado confiar à sabedoria de convidados eminentes a soberana tarefa de expor conceitos e ensinamentos, que a vivência da cultura amadurecida fez acumular e solidificar.

Por tradição, chama-se a isto “Aula inaugural” e o simbolismo do que ela representa deve trazer, em seu bojo, muito do que necessitam os alunos universitários, em preparação para o abraço com o futuro.

Desta vez, entretanto, uma exceção é concedida, significando a usurpação do instante solene, em sua doura contextura, uma transmutação em simples culto de convívio familiar. É, então, que aqui nos encontramos, um de nós em nosso meio, para investir em sua tarefa, contaminado da idéia de que não se fala em Assembléias Universitárias sem ser atraído, insensivelmente, para assuntos de Universidade.

Difícil, no entanto, é caminhar sem percorrer a mesma estrada, é construir novas dependências do edifício sem utilizar a mesma argamassa. Certo que a Universidade, embora desconhecida, como entidade, das civilizações pré-cristãs, é, figuradamente, contemporânea do primeiro homem civilizado – e assim devem ser, também, suas indagações. Indagações na arte de polarizar e disciplinar a Ciência, em sua espiral evolutiva, desde a roda do oleiro à utilização da energia nuclear. No momento em que os nômades da proto-história, trazendo seu nebuloso acervo de medicina, matemática e astronomia, se transformaram em comunidades sedentarizadas, fazendo despontar as primeiras civilizações, estava plantada a semente da Universidade.

A partir de então, o panorama científico do mundo antigo, desenvolvendo-se à réplica das civilizações que nasciam aqui, floresciam além e finalmente se extinguíam para a transmutação, parecia caminhar dispersivamente cada rebento de cultura bastando-se a si mesmo, à procura da perfeição.

Assim os babilônios, com suas tábuas numéricas e seu código de leis; os egípcios, com o empirismo das especulações médicas e a magnitude de suas construções arquitetônicas; mais tarde, o polimorfismo da cultura helênica e sua filosofia idealista, à sombra de jardins floridos. E, por último, o legado do Direito Romano, firme e inatingido em seu pedestal, pelos séculos afora.

Toda essa contribuição do pensamento científico, milagrosamente trazida à posteridade mercê do paradoxo do árabe avassalador e do santo recolhimento dos mosteiros medievais, deve ter, certamente, sentido, em cada cultura específica, a tutela imprecisa, imponderável, insubstancial de uma força disciplinadora, que depois se chamou – Universidade.

Do primitivo “Studium” medieval, repositório oficial, aglutinador e distribuidor dos conhecimentos acumulados, eis que chegamos ao requintado ambiente universitário dos nossos dias. Em sua firme trajetória de alguns séculos, muito recolheu e muito mais influenciou. Nos seus primeiros passos, vê despontar a força revolucionária do Renascimento Europeu, em que o pensamento, emergindo das trevas da Idade Média, liberta-se do imediatismo e retoma a investigação pura do fenômeno científico, ao mesmo tempo que alça seu despreocupado vôo nos domínios da Arte. Depois, na maturidade, recolhe, com estremecimento, o poderoso contingente de sua própria conquista material, passando a decidir sobre as forças da vida e os mistérios da morte.

Sob suas vistas, aparentemente despreocupadas, surgiram potências, alargaram-se os mares, expandiu-se a superfície da terra; sob sua égide sucederam-se revoluções, povos foram desoprimidos, dogmas religiosos atacados em suas raízes. Comandou, com sorradeira firmeza, a luta contra a doença e a morte precoce, proporcionando, com o aumento da vida média do homem civilizado, que as grandes decisões fossem, cada vez mais, frutos do amadurecimento e da ponderação.

Neste entardecer do século XX, quando se proclama que as culturas tradicionais que nos inspiraram deslizam num processo de inevitável senectude, podemos levantar o braço e apresentar nossas credenciais.

Sabem todos que as modernas Universidades do Velho Mundo foram fundadas, no alvorecer do século XIX, como consequência da expansão industrial, que também induziu à reformulação dos métodos e normas daquelas que eram tradicionais. Por sua vez, a condição de país independente resultou, nos Estados Unidos, na transformações dos antigos colégios em centros universitários e, na maioria das nações sul-americanas, na criação de Universidades.

* * *

Não importa analisar porque o Brasil se conservou à margem desse específico movimento cultural, mantendo isoladas, por mais de um século, as Escolas Superiores, criadas à época de D. João VI. Não desmerece o fato em si e a influência dessas Escolas como veículo de cultura pode ser medida pela amarga afirmativa de gaúchos eminentes e esclarecidos, quando proclamam: o relativo atraso cultural do Rio Grande é, em parte, o resultado de sua condição geográfica pois, enquanto núcleos quase centenários de educação superior, como Recife e São Paulo com suas Faculdades de Direito, formavam idéias e modelavam o pensamento, estava o gaúcho de trabuco na mão, defendendo as fronteiras da Pátria.

É de supor que o processo de organização das primeiras universidades brasileiras estava contido na agenda de um movimento revolucionário, que pretendia erradicar do país velhos hábitos de nossa vida pública. Duas décadas após o evento, quando ainda escassas sementes tinham sido plantadas, aqui e ali, começou-se a verificar que o terreno rarefeito era propício a mais abundante sementeira.

Os tempos eram outros, o adubo fartamente encontrado, mais apropriadas condições climáticas, ventos promissores soprando favoravelmente. O mundo saíra de uma conflagração que, aguçando o espírito científico, no esforço de lançar artefatos de guerra mais e mais poderosos, na realidade criara um arsenal técnico da mais alta eficiência, para ser aplicado nos dias de paz. As populações do interior, tangidas de suas tocas pela fácil comunicação, menos se contentavam em morrer simplesmente,

desconhecendo ou renegando a Ciência. E, sobretudo, uma nova juventude, gerada nos anos de convulsão, beneficiária dos frutos de incontáveis conquistas técnicas, a se constituir em material humano da melhor receptividade, para empunhar o bastão trazido pelos seus maiores e conduzi-lo ao futuro.

Disseminaram-se, então, em poucos anos, as Faculdades, rapidamente convertidas, pela compreensão coerente de seus mentores, em Centros Universitários. Não existisse o dínamo propulsor dessa nova mentalidade e não estaríamos nós, professores, alunos e servidores desta Universidade, a reverenciar este momento, esta legítima festa universitária, que nos dá a confortadora sensação do que muito fizemos e do muito que temos a fazer.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Não se atribua a um passe de mágica a rápida formação, o desenvolvimento e a integração da nossa Universidade. Na realidade, há apenas 10 anos teríamos, fatalmente, de correlacionar a idéia de ensino superior com a visão de outras terras. E, ao mencionar outras terras ocorre, de pronto, a irresistível necessidade de confrontar a vida universitária de hoje com as coisas do ensino superior, vividas pelos moços de minha geração. Eram os últimos anos da década de trinta. Luta entre irmãos ensangüentando a Espanha; Itália a envergonhar o mundo com o massacre de negros indefesos; a Alemanha, em fervoroso culto de beligerância, alargando suas fronteiras com a submissão de nações pacíficas, preparando a guerra. Entre nós, insurreições da Esquerda e da Direita, das quais menos participavam os estudantes; golpe de Estado, supressão do regime político tradicional. Que faziam os estudantes ? como se comportavam ? que espécie de ensino lhes era oferecido ?

Permitam-me que, na análise destas indagações, precise descer ao terreno de minha própria ambiência. A Escola era longínqua, perdia-se além fronteiras e, para atingi-la, era necessária a intrepidez resignada das longas viagens empoeiradas. O recolhimento em quartos de pensões, cercado de visitantes indesejáveis, que acorriam pela madrugada, com o

pensamento a remoer inevitáveis doenças de eternizado tratamento. A incerteza do futuro, do êxito profissional, era um tema sempre constante. Em verdade, poucos eram os Institutos assistências, incapazes de absorver o fluxo ininterrupto de médicos e doutores; a era dos blocos de cimento armado estava para vir, uma conseqüência do acúmulo de divisas nos anos de guerra.

Certo, a figura do professor era acatada e temida: temor suscitado pelo inatingível, pela distância, acatamento ao próprio mérito ou, talvez, respeito aos mais velhos – uma condição quase desaparecida. No setor do ensino médico, para tomar um exemplo, o que se via eram mestres respeitosos, desajudados de aparelhagem técnica e de métodos objetivos, contando, apenas, com seu material humano para digressões e experimentos, a repetir velhos conceitos europeus, o mais das vezes eivados de retórica. Era o “magister dixit” – e que importava se, às vezes, atingia à fatuidade? As Escolas Médicas modelavam profissionais à sua imagem e semelhança e o país, amordaçado em seu tropicalismo, longe estava de sonhar com os recursos propiciadores da pesquisa científica.

* * *

Quatro lustros se passaram. Período suficiente para a formação de uma juventude universitária sem liames com aquele passado distante. Na esteira de uma guerra total, o mundo conheceu novos caminhos. A objetividade científica despontou no Hemisfério Ocidental, não só influenciando velhas culturas a reformular seus métodos, como assumindo a primazia no comando das novas fontes de inspiração. O ensino das ciências muito perdeu de seu “hábitus” contemplativo. E não seria o fenômeno, simplesmente, o resultado de uma ação de ajustamento, de adaptação ao espírito renovado da mocidade de hoje?

Que seja proclamada a verdade: embora a sombra velada do Apocalipse esteja a estreita-la, como um fantasma inquietante, certo é que esta juventude estudiosa vive melhores dias.

Multiplicam-se os artificios do conhecimento e da divulgação sem o concurso de mestres, a cada engenho que surge; a fácil comunicação e a maior soma de recursos específicos permitem o intensivo intercâmbio, as bolsas de estudo, onde quer que se apresentem; suaves e compreensivos são, cada vez mais, os métodos de estudo, inclusive na aproximação amistosa e, sob certo aspecto, niveladora entre professor e aluno; propiciaram-se os meios de incentivo à pesquisa em regiões antes inacessíveis; em sentido comparativo, o estudante, nas suas andanças e no empenho de suas obrigações, encontra o conforto, o bem-estar, o requinte da ambiência de uma nova e promissora época. E, a menos que usufrua condições específicas e assim o deseje, nem mais será preciso procurar noutras terras o caminho de sua formação profissional. Pois está a seu alcance, em seu "habitat", em sua casa, Universidade como esta, da qual o menos que se pode dizer é que os próprios plasmadores, os pioneiros, se surpreenderam ao recorrer aos fados para torná-la um presente antecipado.

Nos tropeços de seus primeiros passos, já antevê o que pode representar para o futuro de nossa terra. Da mesma forma que se envaidece de sua precoce seriedade, sob cujo signo já povoa o nosso Estado de prestimosos frutos do seu trabalho, recolhe, compreensiva e superior, as atitudes daqueles que, sob sua bandeira, porfiam nas distorções do nobre sentido profissional ou as eivas dos que, ausentes inconformados ou mal conduzidos, investem contra a sua honorabilidade.

O momento já propicia a partida para vãos arrojados, como esse em que persegue a interiorização da cultura. Dentro em pouco, raízes firmes e cerne vigoroso, não lhe faltarão os meios com que possa se transformar em centro irradiador da pesquisa científica, desses que, em futuro próximo se implantarão no Trópico.

Para isto, tem que contar, principalmente, com o empenho, a vivacidade, o espírito devotado à investigação dos moços de agora e dos que virão no amanhã. É a estes que compete, em futuro não muito distante, contribuir para a continuidade de uma

civilização latina que se esboça e que poderá ser, não duvidemos, aquela que receberá ou estenderá o fio da cultura a mundos desconhecidos.

Se, por vezes, manifestações episódicas ocultam atitudes mal dotadas e acometimentos imaturos, nem por isso devemos subestimar o alentado potencial que se irradia desta geração e mais se irradiará das gerações futuras.

O mundo ambiental que os envolve é, sobremodo, inspirador e convidativo. Cada vez mais um menor esforço será exigido para lutar pela perfeição e promover, afinal, a felicidade do homem sobre a terra.

(Aula inaugural do ano letivo proferida na Assembléia Universitária de 02/03/1966)

II

Necrológios

Alvamar Furtado de Mendonça

Há um lado amargo neste compromisso acadêmico, quando falamos da ausência definitiva de um amigo que está do outro lado da vida. É um momento que indagamos fatos da memória, episódios que ocorreram ao longo dos dias que vivemos em comum, com pontos de contato que criaram sentimentos afins, justificando as saudades que agora sentimos.

Instante em que procuramos evocar o perfil, a presença, as características de personalidade, o espírito, que ficaram para sempre em nossas recordações.

É um legado de espiritualidade que ressuscita uma existência, um complexo de qualidades que nos prendem à memória dos tempos.

É uma hora em que o orador e assistência se integram numa evocação coletiva.

Visões que ocupam o espaço de um palco que foi elaborado ao longo dos anos por sentimentos comuns. Alegrias, surpresas, afeições, mas orientadas por um denominador comum que nos guiou no trânsito da existência.

Daí procurar chamar a presença de Américo de Oliveira Costa, em suas dimensões no tempo e no espaço, na medida das minhas possibilidades.

Começo recordando os dias do Atheneu, quando eu andava pelos começos do ginásio, e Américo, no último ano.

Sua pessoa, discreta no vestir, de paletó e gravata, de comportamento comedido, já se antecipava à figura do acadêmico de Direito. Quase sempre com um livro debaixo do braço, que lhe adicionava um ar intelectual. Já escrevia nos jornais da época. As vezes, sonetista. Abordava leituras de livros recentes nos intervalos das aulas.

Rapaz de Macau, com trânsito afetuoso por Mossoró.

Nessas etapas de formação, já se entremostravam os começos de uma cultura literária que lhe daria autoridade, seriedade e admiração. Qualidades que o acompanhariam sempre.

Mesmo numa certa distância que sua condição de veterano, nos anos de ginásio, lhe atribuíam, não faltaram os encontros ocasionais que mesmo assim, permitiam antever uma amizade que se manteria ao longo de nossos caminhos.

É bem verdade que esses fatos e impressões que me acodem agora, se tornam nítidos demais na gratidão pelo que Américo estimulou minhas tentativas literárias, naqueles começos que eu me sentia tímido, indeciso. Eu queria ser jornalista, escritor, e em nenhum momento me faltaram as críticas e as palavras incentivadoras do meu querido amigo. Apesar disso, frustei-me nesses propósitos dos meus verdes anos de juventude.

Quantas leituras eu fiz sob orientação ! Os escritores que eu consagrei nas minhas predileções, tantas vezes estavam nas indicações de Américo.

Certa vez, num impulso de atrevimento intelectual, pronunciei uma palestra na Sociedade Cultural Brasil – EE.UU., sob o título “Sociologia do jazz”, tema que envolvia os encantos da minha mocidade. Os ritmos de New Orleans, a beleza da improvisação, os lamentos do “blues” nascidos entre os negros dos algodoais do Mississippi.

Américo estava presente e não se manifestou. Permaneceu em silêncio. Cheguei em casa, ainda preocupado com que eu dissera para aquele auditório qualificado. Alguns minutos depois, o telefone chamou. Era Américo. Analisou longa e competentemente o que eu dissera, de forma elogiosa. E chegou a uma conclusão que me emocionou: — “Sua palestra merece qualquer auditório universitário”. Américo se aguardara para uma oportunidade melhor, mais íntima, com maior espaço para falar.

Peço desculpas por essa revelação pouco discreta, que não esconde minha vaidade pessoal, mas serve muito bem para mostrar a face desse amigo. Simples, ponderado como um verdadeiro mestre, solidário, que não hesitava um instante sequer em ressaltar as virtudes dos outros, quando se oferecia oportunidade.

Quando entrei nesta Academia Norte-rio-grandense de Letras, fui saudado por ele. Em certo trecho de suas palavras de recepção, quando descrevia os estados de espírito que nos irmanavam, afirmou:

“Por duas oportunidades, me couberam esta honra e esta satisfação.

A primeira, na saudação a Luís da Câmara Cascudo que, embora fundador da Academia, retardou-se longamente na cerimônia de posse.

A segunda é este instante de Vossa Excelência, senhor Alvarado Furtado de Mendonça.

Quanto ao primeiro, isto é, quanto ao senhor Luís da Câmara Cascudo, o que me tocava, era, sobretudo, a honra, nem sempre dada a um discípulo, de falar diante do mestre.

Quanto a vós, é, principalmente, a satisfação de, vosso velho amigo e companheiro, inclusive de convívio intelectual e de magistério, ver que aqui dentro, mais uma vez, se cruzam e condicionam, cordial e fraternalmente, os nossos itinerários”.

Em outra parte de seu discurso, referiu-se aos nossos tempos de convívio, às suas coincidências no gosto pelas músicas do cinema falado. A grande novidade da época, que tomava conta de todas as idades com seu fascínio.

Prossegue Américo: “Numa das partes desse tempo, também eu me encontrava aqui e no mesmo Atheneu, embora alguns poucos anos de idade a vossa frente me houvessem levado mais cedo ao curso de humanidades, concluindo-o antes de vós. O que recordais, porém, naquela página, com tanta ternura e emoção, do Royal Cinema e dos filmes de Eddie Polo, Buch Jones e Tom Mix, sucedeu-me identicamente. Já a revelação dos “talkies”, ou seja, do cinema falado, “Broadway Melody” a frente, que aqui tivestes – “Al Jolson de braços abertos, com a cara pintada de preto, patético, gesticulando numa terna canção, “Mammy”, motivo obstinado de solfejos e assobios dos estudantes de então”, como escrevestes, – eu a veria no Recife, – e a canção em que mais reencontro essa idade perdida já seria “Sonny Boy”, ou talvez “Singin’ in the Rain”, ou “You were meant for me”, que sei constarem igualmente do vosso repertório familiar”.

Para melhor compreensão, Américo nessas palavras se refere a confissão que eu fizera em plaquete, em 1961, quando declarei que fôra marcado com a mania do cinema e do jazz, no alvorecer dos "talkies".

Eram nossas preferências nessa era de entretenimento. Essas belas canções se tornaram o fundo musical de nossos sonhos de juventude.

Não há dúvida que esse testemunho, sincero e fiel de nossa fraternidade, confirma o que eu disse pouco antes.

Nada me faz esquecer aquelas tardes quotidianamente esperadas, na sua acolhedora casa da rua Mipibu, sob o agasalho daquela palmeira de origem marroquina, onde nos recebia, sentado, tendo nas mãos uma caneta, anotando uma das últimas edições de livros chegados da França.

Interrompia suas anotações e se entregava com visível satisfação às conversas que se prolongavam até os inícios da noite.

Era um momento agradável, de novidades locais e de atualização cultural. Presentes tantos amigos, desfrutando a tertúlia, às vezes sobre fatos sem importância ou impressões literárias, que se sucediam de forma amena na agenda improvisada.

A assiduidade dos amigos de sempre cerca a presença despresticiosa e espontânea de Américo. Que bons tempos se foram !

As palavras nos fraternizavam nessas tardes.

Américo era jornalista. Manteve durante anos uma coluna no "Diário de Natal" – "Pretextos" – em que quase sempre os assuntos culturais prendiam a atenção dos leitores. Era um excelente conferencista. Sensível aos assuntos musicais. Escrevia nos jornais de Recife, também. Por vezes, crítico de livros de sucesso lançados na época.

Foi um extraordinário escritor. Um dos maiores do Estado, pela beleza do estilo e pelo aproveitamento dos temas que abordava. Um humanista incomparável.

Em "A Biblioteca e seus Habitantes" foi o mestre do ensaio, da crítica literária. Fixou perfis com sensibilidade e inteligência que o consagraram sem favor.

A leitura desse livro nos deixa um travo de inconformação. Sua importância supera os limites culturais da província, vai muito além. Seu valor se impõe às dimensões da cultura nacional.

Nesse admirável trabalho agente encontra uma simples citação perdida num mar de sabedoria, que nos informa que nada passou pelos olhos de Américo inutilmente. Ocorre quando ele cita um provérbio chinês: "Três dias sem ler, e a conversação perde todo sal".

Não lhe faltava vivacidade, incomum sensibilidade, atualidade, oportunidade no seu falar. Era sempre uma conversa bem temperada pelo sal da vida.

Poucos penetraram na obra Cascudina, na sua amplitude, na sua diversidade, com tanta competência, como surpreendemos em sua " Viagem ao Universo de Câmara Cascudo".

É um enfoque que faço agora, nas imediações do centenário do ilustre mestre, ressaltando o grande trabalho de Américo, que não pode passar despercebido no decorrer desse memorável acontecimento, que falará aos nossos sentimentos, ao nosso orgulho, à nossa memória e ao nosso patrimônio cultural, como uma forma de preservá-los.

O mundo de Luis da Câmara Cascudo, diverso e profundo, analisado na sua grandeza, está nas páginas desse estudo de Américo, que foi e será sempre uma extraordinária homenagem ao mestre de todos nós.

Ele relata, em certa altura, no primeiro volume do "Comércio das Palavras", uma pequena história em que "o moço William de 20 anos, embarcado no "Tritan", ouve do capitão Blacknaff as primeiras perguntas identificadoras, sua resposta é de um rigor sintético, clássico, perfeito. — "Como te chamas, camarada ? Foi a primeira pergunta do capitão.

- "William Shakespeare, de Stratford - on - avon"
- "E o que fazes ? "prosseguiu Blacknaff.
- "O comércio das palavras. Meu pai o das lãs"

Comenta Américo, que nesse tipo de viagem e de embarcações havia sempre razões ou interesses de mercancia.

Desse diálogo, Américo tirou a sugestão para o título que emprestou a trabalhos posteriores, — “O Comércio das Palavras”, em vários volumes, de “textos e montagens”, como ele identifica os assuntos abordados. Com o mesmo vigor e originalidade de seu trabalho anterior.

Esses livros mereceram os melhores elogios da crítica nacional, por exemplo, a de Paulo Rónai —, em carta ao autor: “Feito de muitos pedaços e, com tudo isso, obra de grande unidade e inteiramente original, este livro de tanto gosto, é uma façanha cultural de alta significação pelo qual o senhor merece a admiração e a gratidão de quantos se preocupam com o futuro da inteligência”.

Entre outras destacamos ainda a de Homero Senna, que expressou sua opinião numa frase sintética: — “Que livro admirável você soube fazer ! Sozinho vale uma biblioteca”.

Não faltaram também os aplausos de Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Eduardo Frieiro, Eugênio Gomes e Plínio Doyle.

Para esses livros, uma longa, variada, inteligente e madura reflexão na área da cultura e da erudição, esperamos uma divulgação editorial, como já disse, além dos limites de nosso condado intelectual.

Não podemos omitir sua identidade com a cultura francesa. Seu amor a Paris, que estava sempre presente no seu espírito.

Da Itália, meta de todos viajantes inteligentes, ele tinha especial ternura por Florença, motivo de suas agradáveis conversas nos seus regressos.

Era o Américo de visão internacional, de olhos voltados para o vasto mundo, sem limites diante do belo, que enriquecia a feição humanista da sua singular personalidade.

Nas vezes que eu estive em Paris e Florença, senti a sensação do “*déjà vu*”, que eu herdara das conversas e informações de Américo. Ele me ensinara, com o amor e o entusiasmo de suas palavras, a admirar, sentir a alma dessas cidades, o que de melhor o espírito humano concebeu.

São inesgotáveis as sugestões de vida que Américo de Oliveira Costa nos deixou, e são revividas nesse instante de nostalgia.

Como homem público deixou sua competência presente na Secretaria Geral do Estado, nas funções de Procurador, Professor de Cultura Brasileira na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, por muitos anos professor na Escola Doméstica de Natal, na Fundação José Augusto, como membro do Conselho Estadual de Cultura, do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, um dos mais ilustres membros da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Condecorado pelo Governo Francês pelo seu amor à França. Membro do Pen Clube. E, afinal, professor emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Curioso. Quando organizava essas palavras de saudade, ocasionalmente, passando a vista pelas fotos penduradas nas paredes do meu escritório, onde estão perpetuados fatos, fases de minha vida esportiva, amigos, pessoas queridas de minha família, como num “travelling” de câmara, me detive numa fotografia de um evento rotário, quando assumia a presidência do meu clube, há muitos anos. As pessoas presentes nesse momento, pela longa ação desgastante do passar dos tempos, esmaeceram, se apresentam numa tonalidade inexpressiva, contrastando com a imagem de Américo, inalterável, ainda com as cores vivas, originais, em nada sofrendo os efeitos dos dias passados, como se representasse uma mensagem de permanência, de solidariedade, de amizade que não feneceu e se transformou numa imagem simbólica.

É profundo o sentimento que preside o que eu tenho a dizer do meu amigo Américo de Oliveira Costa, quando, nesta hora, se abre a vaga para seu sucessor.

A riqueza de sua vida não permite uma maior abrangência num simples olhar pessoal. Essa é a verdade de tudo que tive condições de dizer.

Retorno emocionado à moldura daquelas tardes antigas, embaixo da palmeira marroquina, na companhia de amigos,

do olhar sereno e carinhoso de Zefinha, de seus filhos, noras e netos, da assessoria de Vitória, de suas anotações literárias, do cavaquear de onde se ausentava a vulgaridade e servia, tantas vezes, para a conexão de nossos felizes itinerários existenciais e dos sonhos que ficaram pelos nossos caminhos.

NECROLÓGIO DE AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA

Discurso de Vitória dos Santos Costa em nome da família do imortal escritor

Hoje a Academia Norte-rio-grandense de Letras se reúne para o necrológio do meu pai Américo de Oliveira Costa. Papai sempre me dizia: caberá a você minha filha, a missão de falar em nome da família. Assunto que eu sempre desconversava. Mas eis que chegou o dia. E aqui me encontro para em nome de todos os meus, como gostava de se referir Américo, a sua família, proferir algumas palavras nesta solenidade.

PRELIMINARMENTE

Permitam-me, minhas senhoras, meus senhores acadêmicos, narrar um fato curioso, envolvendo as figuras de Luís da Câmara Cascudo e a de Américo de Oliveira Costa.

Cascudo, como é do conhecimento de todos, fundou a Academia com um grupo do qual não fazia parte Américo.

Deixemos Américo contar:

“Escolhido e convidado, há algum tempo, a ingressar – senhores – acadêmicos – na vossa ilustre companhia, que passava, então, a ter aumentados os seus quadros de 25 para 30 membros, - honra aquela que mais uma vez, e de público, vos agradeço profundamente, - ocorreu-me a necessidade de também realizar uma escolha pessoal: a do patrono da cadeira que, entre vós, me fora reservada. A Academia, abrindo as suas portas, em circunstâncias assim excepcionais, a um pequeno grupo de novos titulares, assegurava-lhes como aos fundadores, essa oportunidade da manifestação de preferências, simpatias ou admirações em torno de nomes – sob cujos signos ou ao influxo de cujos espíritos viriam aqui sentar-se.

Evidentemente, não se tratava de uma fácil tarefa.

Desde o primeiro instante, contudo, a sugestão do nome de Aurélio Pinheiro me apareceu como a de maiores ressonâncias humanas e espirituais, a que acordava mais íntimos e sensíveis índices de afinidades com as minhas próprias tendências ou gostos literários, os meus gêneros de estudo ou as minhas leituras prediletas. Aurélio havia sido um ficcionista, um ensaísta, um crítico, um cronista, um poeta, um jornalista... Seu romance “Macau”, que assim, levava a designação da minha cidade natal, despertara-me sempre um particular interesse.

Espero, ao longo deste estudo, transmitir-vos uma noção e um roteiro do homem e do escritor, bastantes para justificativa da minha comovida exaltação pela sua obra e pela sua memória. Noção e roteiro que envolverão, passo a passo, o homem e o escritor, nos seus momentos e aventuras pessoais e literárias, de tal modo em Aurélio Pinheiro, – insisto em acentuar, – se interpenetram o ato de existir e o ato de escrever”.

Escreveu Américo um longo discurso de posse publicado na revista da Academia e, posteriormente, no seu volume IV do Comércio das Palavras.

Américo foi recebido na Academia a 22 de dezembro de 1949, por Edgar Barbosa, o esteta do Ceará-Mirim, com as seguintes palavras:

“Não sois um viajante que por acaso nos chegasse, sob a calma da noite, batendo a porta com as mãos vazias. Trazeis para este cenáculo as honras e os lauréis da bela viagem que, desde a adolescência, empreendestes pelo país das letras, em cujas praias ensolaradas desfraldastes as velas do vosso barco, cheio da determinação aventureira de um jovem marinheiro”.

Américo entrou na Academia. Cascudo, apesar de fundador, não havia ainda tomado posse. Resolveu, então, convidar Américo para saudá-lo. Este é fato interessante. Cascudo chamava Américo de seu Ticiano, o seu pintor. Foi a partir desta ocasião que o assunto – vida, obra, do historiador, folclorista, musicista, etnógrafo, nome maior da terra potiguar passou a fazer parte dos seus estudos. A Viagem

ao Universo de Luís da Câmara Cascudo, e a Seleta Cascudo, obras esgotadas, nas quais Cascudo surge vivo, atual “ressuscitado das águas do Potengi aonde vivia encantado cantando suas toadas”, nas belas palavras do médico assuense João Freire. E muito escreveu Américo sobre Cascudo, inclusive nos seus quatro volumes do Comércio das Palavras, lançando um fio de Ariane a orientar o estudo do labirinto cascudiano.

Falar de Américo é penetrar num vasto universo, pois ele era ser múltiplo, vário, arquipélago, ilha e continente. Esta diversidade compreende o homem, a vida, a família e a obra.

AMÉRICO: biografia

Américo nasceu em Macau a 22 de Agosto de 1910, filho do baiano Pedro Vicente da Costa e da potiguar Victória Alves de Oliveira. Ficou órfão de mãe aos 2 anos e de pai, aos 4 anos de idade. Os seus irmãos do primeiro casamento do seu pai foram residir no Rio de Janeiro, mas Américo foi entregue aos cuidados de sua tia Amélia, irmã de sua mãe e casada com um juiz de direito, Dr. Eufrásio, indo morar em Mossoró.

MOSSORÓ

Passou a infância e parte da juventude em Mossoró, aluno do Colégio Diocesano, colega de Dix-Sept, Dix-Huit, Nelita e Laire Rosado, de Mário Negócio e tantos outros.

Mossoró era sua Passargada e com que carinho se referia àquela cidade, a ponto de dizer que:

“Um convite de Mossoró sempre se constituiu uma convocação, uma determinação, uma ordem, que não me seria lícito recusar. Tenho dívidas morais e sentimentais para com esta cidade, que remotam aos dias da infância e da juventude, e que a idade madura, ou seja, a terceira idade não pode esquecer nem relegar a segundo plano”.

Américo foi orador da solenidade de aniversário do Colégio Diocesano e por diversas ocasiões participou do dia 30 de setembro, data da libertação dos escravos, daquela cidade.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

NATAL E RECIFE

Em Natal, veio para completar os seus estudos preparatórios no Atheneu e, em seguida para Recife, Colégio Padre Félix, ingressando na Faculdade de Direito, em 1931.

Estudante típico, morando em pensões, lendo muito e já escrevendo, colaborando em jornais de Recife.

POLÍTICO

Estudante em Recife, Américo foi chamado por seu amigo Sandoval Malta de Almeida, que trabalhava no Departamento das Municipalidades, no governo de Carlos de Lima Cavalcanti, para passar umas férias e ao mesmo tempo investigar algumas irregularidades na Prefeitura de Bebedouro, atual Agrestina. Vindo a conhecer o chefe político da região Abel Guilherme, foi convidado a disputar o cargo de prefeito daquele município. Não sendo pernambucano, na campanha política, seus adversários afirmaram que aquele forasteiro não tinha aonde morar. Morava debaixo do seu chapéu. Foi eleito. Companheiro e testemunha dessa época e posteriormente, seu padrinho de casamento, foi Carlos Borges de Medeiros.

VIDA FAMILIAR

Conheceu a jovem Josefa Avelino dos Santos, filha do comerciante Alfredo Avelino dos Santos e de D. Umbelina Maria dos Santos, com quem se casou e dessa união nasceram cinco filhos: Pedro Américo, José Américo, Vitória, Paulo Américo e Carlos Américo. Todos os quatro homens casados, tendo, assim, quatro noras, dez netos e três bisnetos. Esteve casado por cinqüenta e nove anos e completaria em novembro de 1996, Bodas de Diamantes.

Cassado pelo Estado Novo, em 1937, regressou ao Rio Grande do Norte, vindo a ser Promotor de Justiça nas cidades de Mossoró e Currais Novos. Em 1940 veio para Natal, onde ocupou

cargos de chefe de gabinete no governo de Rafael Fernandes. Foi Secretário Geral de Estado do governo de Dix-Sept Rosado e de Sílvio Pedroza.

Exerceu a função de Procurador Fiscal do Estado.

OBRA LITERÁRIA: Jornalista e Escritor.

A vida literária de Américo começou em jornal. Ele é o típico exemplo do jornalista que envereda para a literatura. Escreveu crônicas e ensaios literários em vários jornais como, A República, o Diário de Natal com a sua coluna “A Margem dos Livros”. Os seus dois primeiros livros publicados já foram aqui mencionados. Os outros A Biblioteca e seus Habitantes, em duas edições, é o seu livro maior, onde o leitor apressado pode ler capítulos independentes. Escritos num ordenamento de quem eu chamo garimpeiro das palavras, só trazendo das profundezas do conhecimento literário universal, as pérolas, o substrato, o diamante polido para dividi-lo com o leitor desconhecido.

O Comércio das Palavras – são quatro volumes, que ele mesmo afirmou, serem a continuação da Biblioteca, em que o autor pula de galho em galho mas permanece na mesma árvore.

AMÉRICO, PROFESSOR

Foi professor da Escola Doméstica de Natal por quase vinte e cinco anos, da Escola Normal, da Faculdade de Direito e da Faculdade de Jornalismo Elói de Sousa.

Nasceu com a missão de ensinar e como se realizava e se realizou totalmente nesta atividade. Tinha o prazer de passar adiante os seus conhecimentos.

Conversar com Américo era percorrer uma biblioteca inteira. E que memória. O contacto com os jovens lhe foi muito gratificante. Aposentado pela compulsória da Universidade, quantas vezes o levei para ministrar aulas de Direito Internacional Público.

AMÉRICO E OS LIVROS

“Os livros faziam parte de um mundo humano fascinante”, a frase do historiador norte-americano Robert Darnton, sintetiza a emoção, o amor, a devoção e o culto do livro que Américo consagrou durante toda a sua vida. Era o leitor voraz que deixou rabiscados, anotados, grifados no seu birô os Goncourt, “Italiens” de Yves Hersant, Miguel de Cervantes – “O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha,” Stendhal, Henri Troyat – “Aliocha” e Borges. Borges era um dos autores preferidos. Anotou na primeira página a que se referiu ao poema França – “Tu já estavas aqui antes de entrares”. Aliás, Américo como não pode viver na França, Paris era o seu grande amor, só traído pela beleza de Florença, empreendeu dez viagens a Paris e na sua Biblioteca se respirava o ar da França, uma vez que mais da metade dos seus inúmeros livros são franceses. Era a sua “petite Paris”, em Natal.

FRANÇA

A França ocupava um lugar de grande importância na sua vida.

Fundou o Movimento da França Livre, durante a guerra, ao lado do Coronel Paul Vachet e de Marcel Girard.

A seguir veio a Aliança Francesa ao lado de Dr. Aldo Fernandes Raposo de Melo.

Foi designado Consul Honorário.

Recebeu comendas do governo francês: Chevalier e Officier de l’Ordre des Palmes Académiques, Chevalier e Officier de l’Ordre National du Merite, diploma e livro dedicado por De Gaulle que disse :

“Em lembrança da grande provação, e em testemunho por si e por seu grande país”. – Natal, 09/08/1956.

Escreveu longas reportagens sobre Jean Mermoz e a epopéia da Ligne.

AMÉRICO – O “CAUSEUR”

O Américo gostava de reunir com os amigos nas tardes amenas da rua Miçibú, em Petrópolis, para conversas animadas com Alvar Furtado, com Gorgônio Regalado, com Mário Porto, com Sanderson Negreiros, com Cláudio Emerenciano, com João Wilson Mendes Melo, com Carlos Borges, com Manoel Benício e tantos outros.

MÚSICA

Escreveu diversas crônicas sobre música clássica e seus compositores, sobre jazz, blues, spirituals.

Proferiu palestras sobre canção francesa.

Mahalia Jackson, o fado e canções brasileiras faziam parte da sua devoção.

SABADOYLE

O Américo que fazia parte dos encontros sabadoyleanos, no Rio de Janeiro e que por três vezes foi recebido com Atas elogiosas de Homero Senna e de Geraldo de Menezes.

VIAJANTE

O companheiro agradável das muitas viagens que ele, mamãe e eu fizemos, pela Europa, México, Estados Unidos, Canada e pelo Brasil, numa delas levou a neta Cristiana .

AMÉRICO E A VIDA

Diante da vida se mostrava um homem cordial, simples, de bom humor, sempre com “estórias” para contar.

Repetia os Eclesiastes: “O que é que se há de fazer senão se alegrar”.

No seu volume I do Comércio das Palavras traçou um balanço de vida que passo a citar:

“Cada um de nós constrói, à sua sorte e à sua maneira, a própria experiência da vida, numa lenta capitalização de conhecimento e compreensão das criaturas e das coisas, a qual não se efetua, aliás, sem surpresas, inquietudes e decepções.

Nunca é idêntica essa aprendizagem, nem as suas conclusões se manifestam sob visões semelhantes. A diversidade da nossa natureza humana faz com que os reflexos de um fenômeno vital que é o mesmo para todos - nos aspectos essenciais de nascimento, desenvolvimento, decrepitude, morte - não incidam produzindo clarões e sombras de uma igual tonalidade.

Só sob um prisma, as conclusões gerais apresentam mais pontos de contacto: na sensação da brevidade da vida, no julgamento da fuga rápida do tempo, o que redundava em que, para muitos, sempre os melhores sonhos, ideais, desejos permanecem no vago plano das irrealizações, sem a posse ou a materialização.

A arte é longa, a vida é breve, dizia possivelmente melancólico, o velho e sábio Horácio, atentando certamente nessa condição do homem. E pela expressão “arte”, deve ser entendido um mundo numeroso de coisas”. [Pág. 21 - Volume I]

A estas considerações gostaria de acrescentar, ainda, que, em setembro de 1995 afirmava Américo ao jornalista Franklin Jorge, numa entrevista ao Jornal de Macau que apesar da idade estava de bem com a vida e não pensava na morte.

A PARTIDA

Américo partiu “voyager sans bagages et sans soucis” a primeiro de julho de 1996 e como tudo foi tão rápido! Ceamos os três, ele, mamãe e eu por volta das 18:30. Não sabíamos que aquela era a nossa última ceia! Ah! Se soubéssemos, talvez tivéssemos chamado a todos os seus, como ele gostava de se referir a sua família.

Era uma Segunda-feira, comum do dia a dia, do início do mês, do dia 1º de julho de 1996. Os desígnios de Deus já estavam determinados. Um infarto fulminante o retirou do

mundo dos homens e foi nos braços da nossa mãe Zefinha, que ele faleceu, ela a mulher forte, a mulher que segundo ele, no seu poema “Nupcial”, publicado no jornal “Aveloz”, de Agrestina apaixonadamente escrevera: “Ser a povoadora da minha solidão e que com ela todas as sombras haveriam de desaparecer”. Ela foi avisada em sonhos e, assim, preparada para assistir, sozinha o capítulo final. Eu havia saído de casa para resolver pequenos problemas, alguma horas antes. O meu encontro com Américo já foi no necrotério da Casa de Saúde São Lucas.

Deixou gravado num dos seus volumes, IV do Comércio das Palavras, a dedicatória para uma amiga com a assinatura e a data do “depart”.

CONCLUSÃO

Disse Adolfo Bioy Casares que graças aos livros que leu e também à tarefa de escrever a sua existência foi feliz...

No caso de Américo poderia concluir que graças às atividades que exerceu, aos seus familiares, esposa, filha, filhos, noras, netos e bisnetos, aos amigos, aos livros que escreveu e que leu, a sua vida na terra riograndense foi feliz.

Finalizando, me vem à mente a frase dita por ocasião da morte do professor Anísio Teixeira por Pericles Madureira do Pinho ao escritor Hermes Lima - “Agora temos que aprender a viver sem Anísio”.

Insisto, em roubar esta citação e dizer agora teremos que aprender a viver sem a presença física de Américo de Oliveira Costa.

Lembrando que Maquiável, numa distante Florença, num dia 10 de setembro de 1513 - escreveria:

“Finda a tarde, retorno aos meus aposentos. Vou para a minha biblioteca. Deixo, na ante-sala as roupas poeirentas de todos os dias e visto-me como se fosse aparecer nas Cortes e diante dos Reis. Preparado, assim, convenientemente, penetro nos salões antigos dos homens do passado. Eles me recebem amavelmente, em sua companhia eu me nutro do alimento que é especificamente o meu e para o qual nasci. Ouso, sem timidez, conversar com

eles, interrogá-los sobre a razão de seus atos; tão grande é a sua delicadeza que eles me respondem...

Durante quatro longas horas, assim, não sinto qualquer cansaço, esqueço todas as dificuldades, não temo a pobreza, a própria morte não mais me espanta; neles me integro plenamente”.

Entre, Américo, na Biblioteca, seja mais um dos seus habitantes.

Em nome da família de Américo de Oliveira Costa quero agradecer as gentis palavras e de verdadeira amizade de Dr. Alvamar Furtado e a Academia de Letras pela realização desta solenidade do necrológio.

MUITO OBRIGADO.

09.09.1997.

VITÓRIA DOS SANTOS COSTA.

III

Novos Acadêmicos

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO

Luís Carlos Guimarães

Não posso deixar de receber com alegria a acolhida desta Casa. Acolhida que passou pelo julgamento da aprovação. E todo acolhimento é receptivo. Com mais razão, esse de agora, que significa a integração da convivência, a participação nos propósitos do grupo, a convergência de objetivos comuns, o encontro na atividade de trabalho da mente e do espírito, plasmado na cultura e seus desdobramentos.

Nesta Casa, onde estiveram Juvenal Lamartine, Luís da Câmara Cascudo, Edgar Barbosa, Mariano Coelho, Floriano Cavalcanti, Seabra Fagundes, Othoniel Menezes, Luiz Rabelo, Américo de Oliveira Costa, Otto Guerra, Esmeraldo Siqueira, Manoel Rodrigues de Melo, Nilo Pereira e Veríssimo de Melo, e hoje, na tarefa de nos enriquecer com sua cultura e inteligência, Mário Moacir Porto, Alvamar Furtado, Nestor dos Santos Lima, e outros que o pecado ou a desmemória da omissão excluem da referência. Mas as Academias ficam, com a sua ressonância, a perenidade de seu eco.

Enquanto a imortalidade simbólica de alguns de seus integrantes tem apenas a medida de suas vidas, ao passamento físico resta m as cinzas do esquecimento. Quando muito a gravação tumular de um epitáfio piedoso, a homenagem póstuma na placa de uma rua ou logradouro público, a nota familiar de saudade em certas datas especiais, a edição empoeirada de um livro esquecido na estante, um poema ou uma canção recordados pela voz saudosa de um boêmio recalitrante. Enfim, o cumprimento da vida humana no que ela tem de passageira, efêmera, transitória.

A qualificação de imortalidade acadêmica, ironizada por tantos, atesta apenas a permanência da instituição, sua atividade e contribuição intelectual, significando motivação cultural na consciência de sua época vivida pelos seus integrantes. A par disso, a mentira caridosa do artifício regimental contempla uns poucos, somente aqueles que por uma existência e uma obra

excepcionais, mantêm a chama acesa na memória do tempo. Entre esses, aqui no Estado, temos Luís da Câmara Cascudo, na sua reverberação de gênio.

E falar sobre ele é entrar no incomensurável, tal é a vastidão de sua individualidade. Por mais que procuremos conhecê-lo, no ilimitado de sua presença humana, sobram áreas inexploradas, rios nunca navegados, montanhas intransponíveis, um mundo marcado pelo apelo do desconhecido. Aproximar-se dele traduz, apenas, aportar a uma terra que os olhos e o pensamento vêm pela primeira vez. Não significa o conhecimento de quem pode alardear a descoberta, porque a verdadeira descoberta não é daquele que, no encontro inicial, chega e vê pela primeira vez. Descobrir é conviver e cansar os olhos na contemplação permanente. O descobridor não é aquele que empreendeu a viagem prevista pelo destino, fundeando a âncora na primeira abordagem, mas aquele que, sucedendo a Colombo, no aprendizado de repetidas viagens, plantou no novo mundo a semente do futuro.

Os que quiserem terão a revelação do mundo de sabedoria e cultura contido nos livros do Mestre Cascudo. Mais de duzentas obras, nas quais os temas mais diversos, do folclore à história, da ficção ao ensaio crítico, da antropologia à sociologia, do tradutor de poetas clássicos ao compilador de contos populares, temas revividos com a força criativa dos gênios verdadeiros. Para citar apenas dois, entre as duas centenas de livros que sua prodigiosa cabeça elaborou, aí estão o “Dicionário do Folclore” e “Civilização e Cultura”, patrimônios da humanidade. Pela paciente leitura podemos nos considerar seus descobridores pela convivência com o mestre Cascudo. E nos seus livros, nesta convivência-descoberta, privilegiados habitantes da mesma cidade, tivemos a oportunidade maior de sua presença física no casarão da Junqueira Aires. Falaram sobre ele, com agudeza, entre nós, os poetas Diógenes da Cunha Lima, Zila Mamede e o mestre Américo de Oliveira Costa, conviventes deste continente chamado Luís da Câmara Cascudo, que ao chegarem às suas praias, devassaram a floresta de sua alma e mergulharam nas profundezas do seu coração.

Que estranho e inexplicável designio assinala em certos homens um destino de eleição, como sinal do carisma que os acompanha e como duradouro estigma torna-se inarrredável e não se pode extirpar ou renunciar ao seu entranhamento no corpo e na alma. Entre estes estão Newton Navarro, a quem agora apenas sucedo, e o poeta Jorge Fernandes, patrono da vaga ocupada pelo primeiro. Este homem, um homem simples em todos os quadrantes de seu temperamento e de sua vida, habitante de uma cidade humilde nos horizontes de seus pequenos sonhos, não sabia o peso do seu destino.

Uma cidade parada, quase sonolenta, acordada pelos sinos chamando à missa domingueira, sacudida na sua apatia pela festa da Padroeira ou por um relevante acontecimento político. Uma cidade perfumada de mangueiras e sapotizeiros, na tranqüilidade noturna de cadeiras nas calçadas, “em que a luz elétrica do seu tempo / vinha com a lua cheia”, lembrada no seu famoso poema. Uma cidade afogada no provincianismo, na quase mornidão de seus dias sempre iguais, não sabia o destino de poeta do seu filho Jorge Fernandes.

Uma cidade sem vaidades, despreziosa e displicente na roupagem pobre do casario rasteiro, ataviada pelos azulejos portugueses nos frontões dos poucos sobrados coloniais, por um ou outro marco ou monumento afirmando a presença do passado. Uma cidade vestida de sol e da alegria do verde, que passava da calma das noites coroadas de estrelas ao rebuliço dos primeiros pregões matinais. Uma cidade acostumada aos saraus, às lantejoulas e vidrilhos dos recitativos e serenatas. Uma cidade saudosa dos lampiões, que agora ostenta a iluminação elétrica e os bondes que cruzam os bairros abraçando distâncias. Uma cidade que, nos anos 30, viu escândalo e insolência na sua poesia; mas o tempo, que é o senhor de todas as mudanças, abriu as portas do futuro para o poeta Jorge Fernandes.

A Semana de Arte Moderna, de 1922, deflagrada em São Paulo, predispunha-se à ruptura do panorama existente no país, na literatura e nas artes, e daquele centro cultural espalhou-se vagarosa ou apressadamente para os demais Estados. Na literatura criou-se um clima propício, na década de 30, ao

surgimento do romance regional no Nordeste. Na poesia, em particular, visava o banimento das formas, da rima, do metro, dos temas de importação duvidosa fora de nossa realidade, de gêneros poéticos como o soneto, considerado de arquitetura emaciada e arcaizante. Enfim, clamava por uma transformação radical, queria mostrar as cores da tosca alma brasileira.

Jorge Fernandes foi o São João Batista do Movimento Modernista no Rio Grande do Norte, assim como Manuel Bandeira encarnou idêntico papel no plano nacional. Divisor de águas, sinal de uma nova era, referencial que jamais poderá ser omitido, um “daqueles espíritos privilegiados que, embora sofrendo as influências do tempo em que viveram, se sobrepueraram aos seus contemporâneos e avançaram pelos anos seguintes, conservando permanente atualidade em sua mensagem”, como bem realçou Veríssimo de Melo.

E a poesia de Jorge Fernandes, crescendo em originalidade, numa inversão cíclica do processo evolutivo, com o decorrer do tempo, passou da fase da maturidade à do reatamento, ganhando - o que só acontece com os verdadeiros poetas - uma eterna juventude.

A poesia tem a idade do mundo. Antes da fala, como forma articulada de expressão, ensaiou manifestar-se com algaravias e garatujas. Quando a mente abriu-se ao pensamento golpeou a pedra em inscrições rudimentares nos tempos primitivos. Deu voz aos mitos cantando os feitos de reis, guerreiros e heróis. Escreveu a vida edificante e estoica dos santos na sua elevação para Deus. Coroou de louros e glória a frente dos poetas ou cobriu o seu rosto com a sombra da maldição. Com Homero celebrou a saga de um povo, com Dante subiu aos Céus e desceu aos Infernos. Como avalanche cobriu de sofrimento e dor a alma de Camões. Teve na língua portuguesa a pátria de Fernando Pessoa. Transformou o coração de Baudelaire numa paisagem sulcada de cicatrizes. No sanatório de Clavadel, inspirou Manoel Bandeira a “fazer versos como quem chora / de desalento... de desencanto...”. Descreve a colisão de vaga-lumes na noite e louva o mar que chega à praia exaurido em ondas e espumas. Ouve a voz lamentosa do cego cantador das feiras nordestinas. É tudo e

nada, o alfa e o ômega. E continuando viva, a poesia apenas é, como dizia o pobrezinho de Assis, tirando cisco do olho de um passarinho. E até permite que um reles aprendiz de poeta, inábil com a lira, despossuído de engenho, junte palavras canhestras e com sons e notas desarticuladas entoe uma canção desafinada, há quarenta anos, numa busca vã da poesia.

Se ingressei na Academia, o fiz em razão de acreditar na poesia e ter a ocasião de ocupar a vaga de Newton Navarro, que viveu e até exacerbou de sua condição de poeta, desempenhando assídua e diuturnamente essa missão durante toda a vida.

No mais pouco tenho a dizer sobre mim. Talvez bastasse definir-me como ser humano com uma trajetória sem lances que mereçam registro, dividido por dúvidas e dívidas, questionamentos existenciais, perplexidades, ânsia de verdades que indicam inquietações espirituais. Um homem simples, três palavras que dizem tudo sobre minha vida e desde já recomendo como meu epitáfio.

Se algum porta-voz ou vaticinador de julgamentos apressados atribuiu vaidade ao meu ato, repetirei o lugar-comum de que a vaidade é inerente à existência humana, consagrado na inscrição do Eclesiastes. E assim espero redimir-me, pela confissão, do comportamento vaidoso da aceitação, este pecado venial que merece perdão e complacência, pois foi cometido por quem já dobrou o Cabo da Boa Esperança e se avizinha da partida definitiva.

Neste momento, a respeito de Newton Navarro e sobre sua obra, não há pretensão da análise, mas o juízo da impressão causada à sensibilidade por um impulso do coração, que vê o artista com os olhos do afeto e à luz irrenunciável de uma incontida admiração. Que ouçam minhas palavras como depoimento, como testemunho que valha pela espontaneidade, nunca como julgamento que tenha a frieza ou rigor de crítica, presa a esquemas que mais aprisionam que libertam.

Nasceu Newton Navarro em Natal, na avenida Rio Branco, 697, numa casa próxima ao antigo Cinema Rex, em 08 de Dezembro de 1928. Seus pais : Elpidio Bilro e Celina Navarro. Casado e sem filhos, deixou viúva Salete Navarro.

Desconheço quem tenha demonstrado tamanha vocação de artista. Múltiplo, dominava com igual talento todas as áreas da atividade intelectual. Embora sua projeção maior tenha sido como artista plástico, realizou-se em plenitude como escritor, nos gêneros da poesia, novela, crônica, conto, jornalismo, teatro, oratório, conferência.

Seus quadros e desenhos, várias centenas, espalhados por museus e coleção particulares. Artigos e crônicas, milhares, dispersos pelos jornais, numa colaboração assídua de mais de 30 anos. Livros publicados : “Subúrbio do Silêncio” e “ABC do Cantador Clarimundo” (poesia). “De Como se Perdeu o Gajeiro Curió” (novela), “Os Mortos São Estrangeiros” e “O Solitário Vento do Verão” (contos), “ Beira-Rio”, “Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros” e “ 30 Crônicas Escolhidas” (crônicas). Para o teatro as peças, “O Caminho da Cruz” e “Verão Amargo”, esta inédita. Fez a adaptação de Um Jardim Chamado Getsêmani”, de Henri Gheon, e “O Muro”, de Sartre.

Ainda bem moço dividiu seu tempo entre Recife e Natal. Aqui modorrava, em breves temporadas, na cidade ainda pequena e horizontal. Na capital pernambucana, ao contrário, conviveu com figuras do mundo intelectual, que contribuíram na formação de sua personalidade de artista.

Ali, dos ensinamentos de Lula Cardoso Ayres, seu professor durante algum tempo, nascia o pintor, revelando sua natureza de artista, a inclinação para o desenho, o descobrimento das cores, formas, volumes, tintas, perspectivas, harmonia, de tudo aquilo que constitui o espaço, a extensão e a profundidade da pintura, essa linguagem que, embora fundada em uma realidade, tem componentes lúdicos e imaginários de transfiguração impostos pela concepção do seu autor. Em depoimento ele próprio reconhece esse legado que deu sentido à sua arte.

Ao mesmo tempo, não por obra do acaso mas por destinação, assumiu-se escritor na intimidade com Mauro Mota, José Gonçalves de Medeiros, Odilon Ribeiro Coutinho, Reynaldo Fonseca e outros, participantes de uma época de mudanças, de efervescência rebelde na política e na cultura com o desmoronamento da Ditadura Vargas. Ai então foi forjado

o artista em todas as nuances de expressão. Nas campanhas políticas o orador esgrimia a palavra como lâmina afiada. O **causeur** enfeitiçava os ouvintes com um vocabulário de magia, alternado com os gestos e a entonação da voz, animando qualquer conversa, fosse o tema a amenidade do dia-a-dia ou a gravidade de um assunto que exigisse uma observação mais séria. Por último, quem se recorda de suas breves atuações como ator, no Teatro Experimental de Arte, no Grupo de Amadores e na Companhia de Teatro Vertentes ?

No pórtico do seu livro o “Subúrbio do Silêncio”, Newton traça seu brasão, num perfil desencantado de si mesmo:

*“Quase sem vogais
Deram-me nome,
Em letra amarga
E tom cinzento escrito.*

*Vem daí a razão
Dessa cor de que me visto.
E não tenho senão funda tristeza
E nenhuma doce voz
Para fazer de um home,
Do amor e da vida
Cantigas que não me deixassem
Tão desperto e só”.*

O tom confessional nos apresenta um parceiro da melancolia ? Um triste e desvalido habitante do Subúrbio do Silêncio, com estes versos gravados, em sua casa, num quadro com moldura de prata ? À entrada, no pequeno jardim, flores murchas esparzem doce perfume ? Há um banco de mármore à sombra de um caramanchão ? O poeta vivia a mágoa de íntimo dilaceramento, depois de uma desilusão amorosa ? Não. O poeta não foi um amargurado; conheci-o na alegria de quem festejava a vida, as claridades do dia. Todos nós, poetas ou não, abrigamos nos escaninhos da alma, no mais recôndito da mente, na noite do coração, sentimentos de tristeza e desolação. Naquela

"dolorosa exaltação que sempre foi a vida", a que alude Rubem Braga, Newton Navarro certamente escreveu o poema. Num instante de sombra e pessimismo, numa atmosfera tão ao gosto dos românticos e simbolistas. Só isso. Fernando Pessoa tinha razão:

*"O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente".*

"Pinta a tua aldeia, e estarás pintando o mundo", aconselhava Tolstói. Esta é uma fórmula comprovada através dos tempos para se alcançar a universalidade, recorrendo a temas que não ultrapassam as fronteiras de seu país ou da região em que nasceram. Naturalmente, pelos verdadeiros escritores. Newton seguiu este conselho.

"O estilo não passa do movimento da alma", disse Michelet. Em tudo quando fez, fosse na pintura ou no que escreveu ou falou, ali estava inteira a alma de Newton Navarro, num momento de serenidade ou arrebatamento – o seu estilo.

Por uma necessidade interior de liberação, escrever significa, quase sempre, uma ação em estado puro que é apreendida pela leitura, que tanto pode conferir reconhecimento como rejeição. E de nenhuma forma o artista deve silenciar, deixar ignorado o seu mundo, a sua procura de caminhos de salvação, numa maior ou menor escala de veemência. Até atingir as culminâncias de um Kazantzákis, ao anunciar que "sua alma é um único e ininterrupto grito, e sua obra é a interpretação desse grito". Por essa mesma razão, François Mauriac entendia que "o escritor é um homem que não se resigna à solidão".

Nos seus contos, novelas, poemas, crônicas, discursos, ao narrar fatos, decisões, histórias interioranas, artificios do poder, a existência dramática e aventureira dos cangaceiros, acontecimentos do cotidiano, eventos de tragédia e felicidade, atribulações e desventuras, pela força do pormenor, pela incisão do detalhe, enfim, pelo seu estilo e talento, Newton Navarro

imprime personalidade ao seu universo ficcional. E faz a sua história de todo artista, a restituição e o testemunho do que foi no que sempre virá, para aqueles que têm olhos de ver e memória de guardar, erguendo com a pedra da palavra a própria vida do tempo.

A terra sertaneja é uma constante no espaço de sua ficção. Quase sempre temas da região rural onde viveu a infância. O que de nenhum modo, impede a altura do vôo ou reduz a amplitude de horizontes. Transmite aos enredos de seus contos um sentido universalizante, seus tipos simples refletem a secura da região queimada pelo sol, a realidade de padecimento da condição humana, e em tudo propõe a reflexão e a busca, o anseio e a intenção de alcançar a outra margem, no ato de escrever que não deixa de ser uma forma de desvendar a esfinge que mora no coração de cada homem.

Newton Navarro possuía aquela “visão única e particular do mundo”, a que se refere Herbert Read, o grande crítico de arte. Estão em toda a sua obra, seja ficcional ou pictórica, “suas experiências vivenciais, com suas alegrias, suas tristezas, seu realismo, seu misticismo, suas dúvidas, suas certezas, seus anseios, o mundo que o rodeia”, como salienta Marlene Galvão, no seu trabalho sobre o artista.

Seus desenhos possuem um estilo que ficou conhecido em todo o Brasil, pela elaboração e firmeza do traço que é só seu e pela clareza marcante da construção pictórica nos quais, mesmo com a força de um sulco gravando a forma de uma figura humana ou paisagem, não lhe faltavam leveza e delicadeza. Nada neles é labiríntico ou obscuro: a sua arte guarda a essência do que projeta, meridiana e de rara plasticidade.

Que melhor exemplo do que digo que suas figuras magras e alongadas, mais que desenhadas esculpidas no espaço branco da tela, condenadas à esperança ou excluídas da vida, não se sabe bem, com o olhar pungente de quase desespero, querendo fugir da paisagem ensolarada, na desolação agreste de cactos levantados para o alto, parecendo Quixotes sertanejos.

Não é reduntante afirmar que ninguém esquecerá a suave aspereza de seus vaqueiros e pescadores, nem a agressividade

de seus cangaceiros trágicos e solitários. Nem a paisagem desafiadora do Sertão, com o traço simultaneamente forte e tênue em nanquim, nem as esmaecidas aquarelas de nossas praias, nem as poucas telas em lápis cera e guache, que resultaram de sua breve viagem a Paris.

Como não podia deixar de ser, recebeu a influência cultural das suas leituras e da convivência social, numa vinculação final para as motivações da região em que nasceu e viveu. Ele próprio declarou que sua “temática era a do nordeste. Mesmo quando pinto Dom Quixote, eu o pinto vestido de vaqueiro, com traços característicos dos homens nordestinos”. “Eu sou – prossegue – uma resposta do que vi e vivi”.

A tal ponto se identificam o pintor e o escritor, que na obra de um e de outro os mesmos temas se sucedem, diferindo apenas o tratamento dado na escrita e na pintura, mas todos são impregnados por uma mesma matriz de emoção. Em ângulos e situações diferentes são explorados uma só região e uma só paisagem, os tipos e dramas que a compõem, o mar que sempre recomeça, a luz e as cores que, na sua infinidade de tons e matizes, nunca se repetem.

Essencialmente um poeta, Newton Navarro transformava em poesia tudo quanto tocava. Embora fosse mais destacado como desenhista e pintor, suas atividades de pensamento na pintura e na ficção estão a exigir um estudo crítico, pois ambas merecem igual atenção e uma não é mais importante que a outra. Se em alguma instância o escritor supera o pintor, este aparece naquele pela impressionante capacidade descritiva de ambientes, paisagens, figuras, numa composição detalhista e plástica possível apenas a quem tem o domínio absoluto da arte pictórica. Valendo dizer que escrevendo é um pintor e pintando é um escritor, numa conjugação de ambivalência que o tornam um artista multifacetado e completo.

Em vida, Newton Navarro recusava o elogio que pedia retribuição. Apenas, e talvez por um reclamo de consciência mais do que de vaidade, gostava que o chamassem o poeta de sua cidade. Foi generoso vezes sem conta para os que se salvavam pelo merecimento. Aceitava as limitações do homem

na sua travessia pelo mundo, mas como ser falível e mortal não desdenhava da esperança, e lutava para que não se extinguisse a pequena aurora que brilhava na sua alma, porque sabia, como o poeta Salvatore Quasimodo, que “cada um de nós está no coração da terra, atravessado por um raio de sol. E subitamente é noite”.

Em todo artista existe o empenho de fazer uma confissão. De si mesmo e do mundo, e o faz de todas as formas possíveis. E tanto pode ser a confissão de sua derrota como de seu triunfo. Assim busca ser o catalisador do imponderável. Tudo nele persegue uma contemplação severa do que se passa no seu espírito. E por mais que tente, pela nossa interpretação, nunca ele se apresentará por inteiro, porque jamais haverá precisão quando se fala de um homem. Muito menos quando se quer mostrar um ser humano que não se resigna à solidão. Para procurar entendê-lo, olhemos os reflexos de sua alma nas palavras que ele diz ou escreve. Ele bem podia fazer sua a declaração de Antônio Alçada Batista, de que “escrever não é minha razão de viver. Viver é que é minha razão de escrever”.

Com essa linhagem de um ser em solidão, Newton Navarro fazia do ato de escrever uma aventura, com o que ela tem de venturosa, mas também como percurso de catarse rumo à descoberta que traz o selo do transcendente. Rotina e rito. Experiência existencial. Dom de observação. Visão minuciosa dos fatos. Expição de enganos e descrença de certezas. O mergulho para conduzir à superfície obscuridades inexplicáveis. Lado a lado e passo a passo com “a poesia, essa dimensão mágica do homem”, como pensa o poeta Francisco Carvalho.

Que seria da árvore se tivesse apenas raízes e não erguesse os braços para o céu, em movimento e vibração constantes? Uso a metáfora para dar uma razão de ser e uma explicação ao artista e à sua arte, quando o criador e a criatura, na projeção de um ideal, só realizarão a sua obra pela ação incessante do pensamento. Imóvel como pântano exprime estagnação, jamais um caminho de água, nem sequer a idéia de um rio. E a arte, como envolvimento e compromisso, é um vislumbre de uma expedição do espírito. O artista nunca fundeará

âncora num porto, pensando que ali terminarão seus dias. Ao contrário, viverá em permanente navegação à procura da outra margem do horizonte, em contínuas vigílias, em exercícios de partidas. Seja qual for a linguagem, os seus instrumentos de trabalho, sempre será um descobridor que não se contenta com a última descoberta. A uma etapa segue-se outra e o seu mundo é o do amanhã.

Talvez não tenha realizado uma obra plena na abrangência e diversificação de caminhos, pela dispersividade que impôs à sua vida ou que a vida impôs ao seu destino de homem. Mas mesmo com esse temperamento difícil, unindo à vida de forma inseparável talento e dissipação, indisciplinado, construiu uma obra considerável em volume e qualidade. Daí perguntar se teria feito mais e melhor com uma natureza diversa e mais dedicada à sua missão ?

Mas, com certeza, sua existência foi uma entrega apaixonada à vida e à sua arte. Por isso impunha uma obstinada intensidade ao seu viver e ao seu trabalho, como se para realiza-los plenos e perfeitos apenas lhe restasse um momento único e irrepetível.

E até se assim não fosse, já bastava a inventiva do seu texto, em qualquer gênero, extraindo o mágico e o onírico da palavra, que excede à narrativa. E como arquitetura melódica – como as notas da pauta –, percebida pelos nossos ouvidos, numa sucessão de imagens poéticas, de recolha de música da linguagem, atinge o cerne da beleza – esse estuário de maravilhas.

Rimbaud, por exemplo, seria outro, se tivesse procedido de forma diferente ? Acredito que sua obra deva sua estatura ao pouco tempo em que foi escrita, realizada numa fluência avassaladora, como se fosse ditada num paroxismo de concentração. Aqui mesmo no Rio Grande do Norte, José Bezerra Gomes teria obra mais relevante não fosse a enfermidade que embotou sua mente nos últimos anos de vida ?

Imagino Newton Navarro, em qualquer vertente de sua arte, ardendo na voltagem da inspiração, tanto era o exaspero atroz de quem se doava gastando os derradeiros instantes da vida, no ímpeto doloroso de quem fosse consumido pelo fogo mais abrasador. No arroubo lancinante, no abandono mais atormentado, com a saudade

da separação definitiva, como se cada minuto de criação prenunciasse a serenata do adeus, a despedida para nunca mais.

E me permito agora este relato de saudade e quero voltar ao passado, que é o tempo mais presente quando fixado na memória. Na paisagem da lembrança que vou buscar nos anos 50, encontro Newton Navarro, onipresente em qualquer lugar onde estivéssemos. Descobríamos o mundo nas conversas nas rodas de amigos. E até nos sentíamos maduros porque retínhamos perplexos, palavra a palavra, quase num transe de êxtase, numa unção de quem ouvia a parábola da salvação, a sabedoria que nos transmitiam aqueles que, eleitos pela dádiva de algum Deus desconhecido, já se sentiam velhos apenas por estarem na vizinhança dos trinta anos. Um desses eleitos era Newton Navarro.

O tão moço e já tão velho Newton Navarro era o que mais se sobressaía entre os companheiros. O artista completo com o seu carisma. O orador com o fogo de sua palavra e o vôo de seus gestos. O pintor, o cronista, o dramaturgo, o causeur admirável. Tudo nele era excessivo. Mesmo exuberante era espontâneo e natural como o vôo de um pássaro. Jamais conheci alguém que somasse tantos dons maravilhosos de inteligência e sensibilidade. Nem também que fosse tão perdulário com esses dons maravilhosos. Aquela época já estava em formação o mito Newton Navarro, depois incorporado à mitologia da cidade, com lances de imprevisível folclore pessoal.

Desde que não se tenha a alma pequena, como falou Fernando Pessoa, todos os caminhos conduzem a Newton Navarro. Quaisquer que sejam os atalhos e trilhas que percorremos, terminamos na encruzilhada de sua alma de artista múltiplo na abordagem das muitas manifestações da arte. Rico de humanidade, receptivo à vida de todas as horas, que esbanjava multiplicada todos os instantes, num devotamento que não esperava recompensa. Dele quero falar em nome de uma amizade de mais de quarenta anos, que mais e mais se firmava, na surpresa de todos os encontros.

Itinerante, Newton Navarro repartia seu tempo entre Natal e Recife. Tenho ainda dessa fase uma carta em que Newton confessa, talvez num puro desabafo de poesia ou ferido de

resignada amargura: “Eu sou um pobre morador da rua Estevão de Oliveira, em bairro silencioso, não mais menino antigo, mas um daqueles calados homens de Faulkner, com um punhado de lembranças e uma casa grande na saudade”.

É certo que a vida separa mais do que une, velho Navarro. Continuo mais só nesta cidade que já não é a mesma de antigamente. A cidade cresceu e com a passagem do tempo fomos envelhecendo e, seguindo diferentes rumos, nos distanciamos uns dos outros. Nesse distanciamento nos separamos e o reencontro fica mais difícil no espaço ampliado, no território que delimita as fronteiras de uma nova Natal. Por conta desses obstáculos nossos encontros foram rareando. Vez por outra ia à sua casa ou nos falávamos pelo telefone. Talvez nos últimos anos, recolhido à sua casa e entocado em longos silêncios procurasse no cume da solidão escutar o tumulto de suas vozes interiores. Agora foi a sua vez. E nós todos, seus amigos, vamos morrendo um pouco. Porque sentir-se só é uma forma de morrer quando os amigos se vão. Assim fala um personagem de um conto de Gabriel Garcia Marques.

No século passado, na feira de vaidades de um salão parisiense, ao perguntarem o que fazia o ainda desconhecido Stendhal, ficaram estarecidos com a resposta do romancista que previu o reconhecimento de sua obra somente 50 anos depois de sua morte: “Je suis un observateur du coeur humain”. Até hoje ninguém contradisse a opinião do taciturno Stendhal. Também ninguém contestará a crônica do coração que fez Newton Navarro.

Ao fim e ao cabo, como por costume se diz em Portugal, chegando ao fim destas palavras, quero dedica-las à minha esposa Maria Leda Lins Guimarães, que vem partilhando comigo, até hoje, tristeza, alegria, esperança, e aos meus filhos João Rafael, Ricardo Luiz, Cristina Raquel, e Paulo Daniel e, em memória, aos meus pais João Neto e Francisca Titila Guimarães.

E agradeço e peço desculpas aos que pacientemente me ouviram, porque me alongando tanto me incluí entre aqueles que o Padre Antônio Vieira criticava por não terem tido tempo de ser breves.

Obrigado.

Luís Carlos Guimarães

SAUDAÇÃO A LUÍS CARLOS GUIMARÃES

Sanderson Negreiros

Santayana, certa vez, ao assumir sua cátedra de filosofia, exclamou para os alunos: “Hoje, não tem aula. A Primavera / chegou”.

Ora, direis, ver e ouvir primaveras em plenos trópicos tristes. De certo, perdestes o senso, na avaliação bilaquiana. Mas a verdade é que aportou, nesta noite, nesta Casa, um grande poeta e um personagem denso e rico de aventura humana.

O poeta Luís Carlos Guimarães ocupa a cadeira de Newton Navarro e Jorge Fernandes, segundo os trâmites chamados legais. Mas, sobretudo, obriga-nos a lembrar da definição de Augusto de Campos sobre outro poeta americano, Wallace Stevens: “Ele é um inclassificável construtor de sonhos reais”.

Desvestido das vestes talares que a regra acadêmica preceitua, recordo o jovem estudante de Direito na cidade de João Pessoa, apresentado a mim por Dorian Gray Caldas, o primeiro amigo que eu fiz, ao sair, aos 13 anos, do seminário. E como ele, Luís Carlos, já o acompanhava na maneira de ser quase única: uma certa bondade instintiva para ser aberto à empatia circulante; e que já sabia construir, em torno de si, uma aura de paciente bonomia diante da vida. Éramos os três, os amigos moicanos: Dorian, ele e eu. Ainda há pouco, Dorian encontrou uma fotografia do começo dos anos 50 - em disponibilidade total, passeando pela praça Pedro Velho, estávamos a descobrir na literatura um caminho de alumbramento e realização interior. Éramos livres e não sabíamos.

De repente, Dorian encontra o que talvez tenha sido o primeiro poema de Luís Carlos, que ele escondeu durante anos inteiros. E dizia:

*“Aqui, jaz um menino azul
tragicamente desaparecido
num desastre de velocípede”.*

Para mim, foi uma revelação. Era possível tratar a poesia com os fatos, acontecimentos e palavras do cotidiano.

Antes, ainda sem saber como se vive fora das centenas de paredes de um seminário, eu encontrara Dorian Gray numa livraria, no centro de Natal, que se chama “Boi Tatá”. Olhei para Dorian e, à queima-roupa, sem saber quem era ele, perguntei: “Você acredita em Deus?”

E, pela vez inicial, eu via diante de mim um livro de poesia moderna: “O Narciso Cego”, de Thiago de Mello. No seminário não havia bibliotecas. A conversa deve ter trazido susto positivo a Dorian, que logo me levou para conhecer Newton Navarro, hospedado na casa de Moacir de Goes, na avenida Rio Branco. Eram cinco horas da tarde – e Newton estava se levantando de uma noite mal dormida.

E meus treze anos se modificavam. De poesia, só conhecia o “Navio Negreiro”, de Castro Alves. Dorian, Newton, Zila e Luís começam a me ensinar Poesia.

Hoje, lendo e relendo os poemas de Luís Carlos, sinto o quanto de vida passada, como arcabouço perfeito, tem não só de sua infância vivida nos altiplanos de Currais Novos, provendo com olhar profundo as serras azuis da Borborema, como, igualmente, sua poesia é doação de amizade, de ternura fraterna, em torno de amigos, parentes e instantes que o empolgaram. Na sua humanidade mais radical. Seu lirismo, que se contém nos limites perseverantes de amplo conhecimento do fazer poético: ele não só traduz, mas é capaz de retirar poesia de qualquer prosa. Ou pedra. Foi ele quem salvou do esquecimento os poemas de José Bezerra Gomes: organizou a antologia dessa figura estranha, de dons às vezes geniais, que só o Rio Grande do Norte tem, exemplar na sua figuração única com outro poeta revelador: João Lins Caldas, também salvo do naufrágio do tempo por Celso da Silveira.

Hoje, experiente domador da surpresa da vida, com o coração que já recebeu safenas – que, nele, se tornaram em verbenas – na sua humilde caminhada desprezenciosa pelas ruas e solidões da sobrevivência, é o emissário de um rei desconhecido, como lembrava Fernando Pessoa; e tem

saudades de uma paisagem que não há, seguindo ainda a versão do poeta português. Mas essa paisagem está dentro dele, e começou com a visão mais bela de sua infância currais-novense, ao lado de Neto Guimarães, o pai guerreiro e libertário; e de dona Titila, que era só suavidade, silêncio e doçura. E cresceu com Leda, nos passeios de mãos dadas na Lagoa de João Pessoa. Bezerra Gomes me dizia que o maior símbolo do seridó era um pé de algodão e um galo-de-campina pousado em cima do capucho branco. Quem já viu isso, terá de ser poeta, para revelar o inexprimível, contemplar o que está por trás da beleza exposta e memorizar os dons e sons que o vento canta, assobiando em atropelo, quando sobe a Serra do Doutor, para chegar ao Seridó.

Poeta Luís Carlos Guimarães: você sucede a Newton Navarro, a quem tanto devemos, nós todos que formávamos uma geração: Zila Mamede, Celso da Silveira, Miriam Coely, Woden Madruga, Diógenes da Cunha Lima, Berilo Wanderley, Ney Leandro de Castro. O que lhe devíamos? Simplesmente, pelos momentos, às vezes raros, em que falava de suas experiências de leitura, de pintura, de artistas que conhecera e dialogara, transitando em julgado nossa falta de vivência literária numa Natal sonolenta, que nos sonegava, muitas vezes, os grandes autores. Nisso, lembro uma vez, Navarro falando para Paulo de Tarso Correia de Melo, este ainda um menino e seu vizinho, sobre William Faulkner. Pouco tempo depois, Paulo lia Faulkner no original.

Nossa amizade, tão antiga, e tão acrescentada, de Diógenes da Cunha Lima, que nasceu com a ciência infusa, e para quem, muitas vezes, e tantas, empurrávamos de graça um carro seu, Ford antiquíssimo e preto, nas ladeiras da rua José de Alencar. Parece que estou a ouvir Navarro, afirmando para mim, acerca de Ney Leandro: “Este será um grande poeta”. Ney era um adolescente de 15 anos; e estávamos em um jantar do restaurante que ficava nos altos do Natal Clube. E de onde se via a cidade, das Quintas profundas às Rocas melancólicas.

Tanta vida, meu poeta, e ainda tanta esperança! Voltaica visão do passado, hoje você ministro plenipotenciário da

simplicidade sensível de viver e contemplar – contemplari aliis tradere – como está no dístico dos monges trapistas, que você, de vez em quando, telefona-me com vontade de conhecê-los em um monastério. Por eles, o maior deles, pelo menos em nosso século, que foi Thomas Merton, escreveu em seu diário: “Vivo sob o signo de Jonas. Viajo para meu destino no ventre de um paradoxo”. Não é paradoxo. É Deus, ó Thomas Merton !

Nesta noite, um hiperespaço, hoje comprovado pela física quântica, aqui se ocupa com personagens, para todos nós, inesquecíveis: Jorge Fernandes, Antônio Pinto de Medeiros, Zila Mamede, Berilo Wanderley, Veríssimo de Melo (ali, de pé no estrado e na estrada), Luís Rabelo, Walflan de Queiroz, Miriam Coely, Américo de Oliveira Costa, o mestre querido, e tantos e quantos já se foram para a Outra Margem. Quando de repente, entra Cascudo, cabeleira leonina, olhos trespassados de azul, caminhando como verdadeiro protonatário apostólico, de casemira inglesa e colete branco, como o vi numa tarde sedenta da Ribeira, e passando diante desta mesa, exclama: “digo que todos os poetas estão abençoados”.

Que quer você mais do que isso, querido irmão ? Só se for Berilo Wanderley solfejando para nós, como fez tantas vezes, o “Carinhoso”, de Pixiguiinha.

SAUDAÇÃO A ALUÍSIO AZEVEDO

Diógenes da Cunha Lima ao abrir a sessão de posse
do novo acadêmico

Seja bem-vindo, senhor Acadêmico Aluísio Azevedo.

Esta é a sua casa, a Casa de Manoel Rodrigues de Melo, que a construiu com argamassa, tijolos e amor.

A Academia é o lugar dos humanistas, encontro dos que amam a terra comum e valorizam as virtudes de nosso povo, chão da amizade, construção de uma cultura superior.

Todo o saber é aqui valorizado, cultuado, tornado feliz. Somos felizes com isso. O homem infeliz é uma lágrima de Deus.

Aqui se faz o reconhecimento da obra, chamando o Acadêmico de imortal. De fato, os nossos Acadêmicos serão sempre lembrados, ainda que, muitas vezes, sem a real apreensão da sua pessoa, apenas parte dela, lembranças e concepções míticas e mágicas. Mas ficamos com a ilusão de conhecer. Em inédito testamento e último desejo, orientamos Veríssimo de Melo, querido amigo, colega, talentoso e Imortal:

*“Não contraries a eternidade:
Os eternos não admitem ilusões”.*

Somos um povo de desmembrados. A cidade do Natal, já e já completando 400 anos, tem muito pouco de sua memória, dos seus anos idos e vividos. O trabalho de Vossa Excelência, senhor Acadêmico, redime parte significativa da nossa história e, sobretudo, estimula, por pequenos incisivos verbetes, o estudo, aprimoramento, maior interpretação e compreensão do ato memorável.

É certo, todavia, que o mundo da cultura é agressivo porque crítico. Dê importância apenas à crítica que constrói, esqueça as mal traçadas linhas.

Continue, senhor Acadêmico, as suas pesquisas que trazem nomes e fatos do passado para povoar a nossa inarredável solidão. Uma vez me disse o fundador da Academia, meu Mestre Luís da Câmara Cascudo, que gostava de trazer para hoje os sumidos na voragem da eternidade. E isso é bom.

Comovem-me as miúdas sabedorias, ensina Jorge Luís Borges. Vamos em busca delas, nesta Casa.

Por isso, repito, seja bem-vindo, Senhor Acadêmico.

DISCURSO DE POSSE

Aluísio Azevedo

Não sendo possuidor da fluência do verbo, que empolga os auditórios, ou dos dotes oratórios de um Cícero ou Demóstenes, contenta-me, apenas, que as inspiradoras musas do lendário Potengi, que tantos bardos têm motivado, algo me dessem, também, para dizer o que sinto, neste momento solene.

A verdadeira generosidade dos integrantes desta Casa da Cultura e da Inteligência traz-me hoje, ainda atônito pela distinção, a ocupar uma de suas cadeiras, em cumprimento a uma disposição do seu Regulamento.

Confesso, nesta ocasião, que tive receio de transpor os umbrais desta Casa, em virtude de minhas próprias limitações. Alguém já disse que **“as homenagens não se solicitam mas, também, não se recusam”**. Completo este pensamento, dizendo que tudo que recebi, na minha vida profissional ou intelectual, apareceu-me como algo nem pleiteado, nem reivindicado, senão acontecido. Nada mais melancólico do que suceder sem substituir, pois a cadeira pode se preencher, mas o lugar continua devoluto.

Refazendo-me da impressão inicial, própria de pessoas não afeitas a essas distinções, ao penetrar honrado e alegre, neste templo de sabedoria, experimentei a doce ilusão de estar ingressando em uma casa de gente conhecida, pois, por aqui passaram em outras épocas os meus parentes Dom José Adelino Dantas e Antônio Antídio de Azevedo, ambos acadêmicos, além de Tonheca Dantas, patrono de uma das cadeiras.

Com os olhos de admiração e respeito, contemplo as paredes desta majestosa sede, construídas com a argamassa da coragem, da perseverança e do idealismo de Manoel Rodrigues de Melo, a quem, com grande júbilo, sucedo nesta Casa e a quem rendo as minhas maiores homenagens, nesta noite.

Avizinhei-me desta Academia, este templo de intelectuais, para me incorporar, com seu beneplácito, ao seu convívio, sob

o domínio da unção mística, com que o sacerdote se aproxima do altar.

Eu os saúdo, pois, com efusão, Srs. Acadêmicos, neste prólogo de minha oração protocolar e os homenageio, respeitosa e, como príncipes da inteligência e fiéis depositários da cultura desta terra, ao mesmo tempo em que lhes agradeço a gentileza de suas escolhas.

Sr. Presidente e Srs. Acadêmicos:

Venho de uma longa caminhada, que se iniciou em São Paulo do Potengi e na qual aconteceram vários encontros e desencontros.

O Ministro José Fernandes Dantas, em notável discurso de posse na Academia Mossoroense de Letras, cita uma tradição dos cassubianos-polacos, segundo a qual, na aldeia de Bohnsack, na foz do Rio Vístula, as crianças eram batizadas com as águas do Rio e do Mar Báltico, misturadas meio a meio. O meu batizado sacramental ocorreu na Igrejinha de minha terra, com as águas do Rio Potengi, que chegando à sua foz, em Natal, misturam-se às águas do Oceano Atlântico. Anos mais tarde, ao chegar à encantadora Cidade do Natal, Cidade Presépio, Cidade dos Reis Magos, recebi o segundo batismo, não aquela inspiradora mistura de águas, porém o batismo da luz, que abriu os meus caminhos, para a realização de meus anseios.

Relembro, aqui, com emoção, os meus pais, Manoel Henrique e Josefa, que dormem o sono dos justos, na morada celestial, pelo privilégio, que me concederam, de realizar estudos fora de minha terra, sem o que não estaria, hoje, ingressando nesta Academia. Com eles, aprendi a amar a Deus, com o dever de servir à Pátria e aos homens. Dele, herdei um constante pendor para o trabalho e o desprendimento pelos transitórios interesses materiais, aos quais sobrepuj os sadios dons do espírito, perenes e imortais.

Lembro, como uma forma carinhosa de homenageá-los, os meus estimados e diletos familiares, por motivo de suas efetivas participações, em favor de minha projeção cultural, ressaltando-se, dentre eles, a minha querida esposa Maria, fiel companheira de todas horas e de todos os momentos e os

filhos queridos, Marco, Franklin, Aluísio e Denise, que desabrocharam, como rosas multicores do jardim da vida conjugal e que, nesta noite festiva, comungam das mesmas alegrias.

Recordo, com saudade, a minha primeira infância, minha primeira escola e, com resignação, o instante em que contrai a poliomielite, razão maior da futura formação cultural, que não foi dispensada aos demais irmãos, que se tornaram agricultores.

Rememoro minha transferência para Natal, as aulas do secular Ateneu, cujos professores de minha época, em grande parte, passaram por esta Academia e aproveito este ensejo para saudar o único remanescente, Professor Alvamar Furtado de Mendonça, acadêmico aqui presente e, por intermédio dele, reverenciar a memória dos demais, que já partiram para outra vida.

Como esquecer a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal, em cuja primeira turma coleí o grau de farmacêutico no ano de 1951 ?

Evoco, com respeito e gratidão, a Casa do Estudante, onde tive a felicidade de conviver com valorosos colegas, que hoje engrandecem este Estado, muitos dos quais estão presentes nesta solenidade.

Recordo minha participação na obra comunitária da Paróquia de São Paulo do Potengi, ao lado do Mons. Exedito Medeiros, o tão conhecido “Profeta das Águas”.

Lembro, também, minha passagem pelo magistério, no interior e nesta Capital, onde contribuí para a formação de tantos jovens.

Relembro, finalmente, minha modesta vida cultural, no Instituto Histórico e Geográfico do RN, minha produção literária no campo da História, e outras participações em atividades sociais, profissionais e culturais, neste Estado.

Faço minhas as palavras de Émile Zola, ao tomar posse na Academia Francesa: **“Muito pouco fiz, na vida, para tanto merecer”**. Reconheço, hoje, com justiça, que a vida me deu muito mais do que mereço. Nesta hora solene, afirmo, com alegria, que já estou colhendo os frutos das pequeninas sementes, que plantei ao longo de toda a minha existência.

A congregação de intelectuais em academias de letras e de ciências não é uma invenção do Século XX. Desde a mais remota antigüidade, que encontramos a existência dessas agremiações. A mais remota de todas, que se tem notícia, foi a que se denominou Antiga, fundada por Platão, em Atenas, no ano de 387 a.C. Depois, surgiram, ainda em Atenas, a Média, criada em 268 a.C., e a Nova, fundada em 137a.C. Na França, a mais antiga foi a dos Jogos Florais, em Tolosa, fundada em 1323, por Carlos Magno. A Academia Francesa foi fundada pelo Cardeal Richelieu, no ano de 1635.

Na Itália, a mais antiga foi a de Florença, fundada por Brunetto Latini, em 1270. Na época da Renascença, foram fundadas, aproximadamente, 700 academias literárias, dentre as quais a mais famosa foi a Della Crusca, de Veneza, fundada por A.F. Grazzini, no ano de 1582.

No Brasil, a mais antiga Academia foi a dos Esquecidos, fundada pelo vice-rei Dom Vasco Fernandes César de Mendonça, na Bahia, em 1724. Em 1759, surgiu, também na Bahia, a Academia dos Renascidos. No Rio de Janeiro, surgiram as Academias dos Felizes, em 1736, e a dos Seletos, em 1752. A Academia Brasileira de Letras foi fundada a 15 de dezembro de 1896, uma idéia de Lúcio Mendonça, com o apoio de Machado de Assis, que se tornou o seu primeiro presidente, e a quem lhe foi atribuída a idéia de fundação.

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras foi fundada pelo mestre Cascudo, em sua residência, a 14 de novembro de 1936, por sugestão da Academia Brasileira de Letras que, naquele tempo, já pugnava por um bom relacionamento dos intelectuais em todo o País. Henrique Castriciano foi o seu primeiro Presidente. Inicialmente, ela teve ocupadas apenas 25 cadeiras. Sete anos depois, por recomendação da Federação das Academias de Letras do Brasil, aquele número foi elevado para 30. Posteriormente, nova majoração ocorreu para 40 cadeiras, que é o número tradicional.

Nesta oração, faço o registro de depoimentos de acadêmicos e outros intelectuais, sobre a função de uma Academia.

De Dom Nivaldo Monte:

“A função da Academia, cônica de sua responsabilidade é, sem dúvida, despertar um permanente interesse pelo pensamento filosófico e prático, como motivações essenciais para o desenvolvimento e bem-estar de todos.”

De Alceu de Amoroso Lima:

“O primeiro dever de uma Academia de Letras é defender o passado, a dignidade das letras, da cultura como um todo; é a defesa dos valores morais, sem preço, da liberdade criativa e, através dela, da distribuição da Justiça.”

De José Melquíades de Macedo:

“Por analogia, as Academias de Letras criaram a cadeira do patrono, geralmente, em número de 40. Esse número liga-se mais aos muçulmanos do que aos hebreus.”

De Luís da Câmara Cascudo:

“A Academia dá, aos seus pares, o que somente cabe à divindade conceder, o dom da imortalidade, em plena ascensão luminosa, no caminho da perfeição.”

De Diógenes da Cunha Lima:

“A Academia, lugar de humanistas é, também, lugar de compreensão, de amizade, de respeito à pessoa, de autodomínio, encontro de patriotas.”

De Jurandir Navarro:

“A Academia é um templo, que mantém aceso o fogo sagrado da cultura, em cujas labaredas é queimado o incenso à musa Calíope e à deusa Minerva.”

Concluída esta parte, não poderia me furtar ao dever de tecer algumas considerações a respeito do eminente Mestre, Luís da Câmara Cascudo, fundador desta Academia, pelo que ele representa, como uma das figuras de maior grandeza das letras potiguaras, em todos os tempos. Não há forma mais eloqüente de homenageá-lo, senão reproduzindo o que disseram outras personalidades, de vez que, no meu modesto vocabulário, não encontro expressões para fazê-lo.

De Itamar de Souza:

“Falo do nosso maior polígrafo, que foi o resultado da convergência, rara e magnífica, de uma constelação de circunstâncias positivas: inteligência de escol, memória de computador, personalidade carismática e ontologicamente vocacionada para as atividades culturais.”

Do Cônego Jorge O’Grady:

“De Luís da Câmara Cascudo, cultura e erudição universal de nossos tempos, podemos, sem receio, dizer: é o mais sábio cultor das ciências humanas e o mais humano dos sábios cultores da ciência”.

De Oriano de Almeida:

“Escritor, historiador, professor, poeta, folclorista, antropólogo, sociólogo, humanista, orador, conferencista, jornalista, pensador, cronista, musicólogo, entretanto, o seu talento multiforme nunca se afastava da viga mestra fundamental, a pesquisa”.

Nesta parte dedicada à exaltação do nosso grande Mestre, a quem rendo, neste instante, a minha especial homenagem, reproduzo o seu **Credo Memorável**:

“Creio na bondade, bondade sem a garantia prévia da gratidão, sem que se assegure da memória devedora. Sem que estabeleça, pelo ato generoso, uma servidão vitalícia no beneficiado. A bondade paga-se no puro e simples ato de sua realização. Como um fruto justifica a existência útil da árvore. Bondade antevendo a recompensa é apólice de sociedade mutualista, rendendo juros de capital intocável do fator inicial. Os pássaros não são devedores dos frutos e da água da fonte.”

Sr. Presidente e Srs. Acadêmicos:

Em cumprimento a uma disposição estatutária desta Academia, faço o elogio ao patrono da Cadeira número 30, na pessoa do Mons. Augusto Franklin. Ele nasceu em Goianinha, neste Estado, a 19 de março de 1842, sendo filho de José Nicácio da Silva, pernambucano de Itamaracá, e de Dona Antônia Joaquina Moreira, natalense. Ainda menino, passou a residir no Recife, onde fez o curso preparatório no Colégio das Artes, estudando, depois, no Seminário de Olinda, onde se ordenou padre, a 10 de setembro de 1865.

Exerceu o seu ministério sacerdotal, em Pernambuco, onde sempre residiu, não havendo registro de sua passagem por nosso Estado, como vigário de alguma Paróquia ou capelão.

Segundo os seus biógrafos, o Mons. Augusto Franklin foi um dos precursores da reação católica, no Norte e Nordeste do Brasil, em fins do século passado, aliás, esse título lhe foi atribuído pelo próprio acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Com o advento do regime republicano, o Mons. Augusto Franklin fundou, no Recife, o jornal “Era Nova”, cujo objetivo era combater os erros da nova forma de governo e trazer de volta o tradicional pensamento da Igreja. Anteriormente, na questão religiosa, colocou-se ao lado de Dom Vital, Bispo de Olinda. Ele era um sacerdote culto, erudito e um dos maiores oradores do seu tempo, respeitado por seus adversários e aplaudido por seus admiradores. Por causa de sua fidelidade à Igreja Católica, foi agraciado com o título de Monsenhor Camareiro do Papa Pio X.

Segundo o escritor e acadêmico Veríssimo de Melo, de saudosa memória, não foi possível obter um só artigo assinado pelo Mons. Augusto Franklin. No entanto, há um editorial publicado no seu jornal “Era Nova”, intitulado “Sinal dos Tempos” que, pelas suas características, são peculiares à sua personalidade.

O Mons. Augusto Franklin faleceu no Recife, a 8 de janeiro de 1906 e está sepultado no Cemitério de Santo Amaro.

O primeiro ocupante da cadeira número 30, cujo patrono é o Mons. Augusto Franklin, foi o escritor Manoel Rodrigues de Melo, bacharel em direito, historiador, professor, jornalista e ensaísta, a que tenho a insigne honra de suceder, nesta Casa da Cultura. Ele foi um desses homens predestinados para a prática do bem, amante e estudioso das coisas de sua terra, especialmente da sua tão querida Várzea do Açú. Era um homem apaixonado pela Várzea, e talvez tenha sido o único cidadão que encontrou, em nossa terra, o chamado “Paraíso Perdido”. Ela era única, deslumbrante e incomparável.

Manoel Rodrigues nasceu na Fazenda do Queimado, na ilha de São Francisco, à margem direita do rio Açú, Município de Macau, a 7 de julho de 1907, sendo filho de Manoel de Melo Andrade Filho, proprietário e agricultor, e de Dona Maria Rodrigues de Melo.

Era o quarto dos oito filhos do casal. Sua infância transcorreu correndo em cavalo de pau e carro de bois, pelos sítios vizinhos, uma prática muito comum, naqueles tempos.

Em janeiro de 1920, Manoel Rodrigues passou a residir em Macau, para estudar numa escola particular, tornando-se, naquele mesmo ano, um pequeno empregado no comércio local. No grande inverno do ano de 1924, volta para o Queimado, para o trabalho da agricultura, tirando a safra. No ano seguinte, transfere-se para Currais Novos, empregando-se numa loja de tecidos, de propriedade do Sr. Vivaldo Pereira. Iniciou, naquela mesma época, as suas atividades literárias, que se prolongariam durante 70 anos. Ao lado de Ewerton Cortez e Nelson Geraldo Freire fundou o jornal literário e noticioso “O Porvir”.

Com a sua vinda para Natal, em 1928, passou a estudar na Escola do Comércio, por onde se diplomou como contador, sendo inclusive o orador de sua turma, voltando depois à mesma escola, como seu professor. Foi inspetor de alunos do Colégio Pedro Segundo, do Professor Severino Bezerra e funcionário do Centro de Imprensa e da Sociedade de Assistência Hospitalar, além de secretário do Hospital das Clínicas, hoje o Hospital Universitário Onofre Lopes, da UFRN.

Na sua infância, teve o apelido familiar de Badeó, que conservou durante muito tempo. Ingressou na política, como seguidor das idéias de Plínio Salgado, tendo sido eleito Vereador à Câmara Municipal do Natal, pela legenda do Partido de Representação Popular, no ano de 1948. Desencantando-se com a política, dedicou-se, de corpo e alma às letras, por onde obteve os maiores e consagradores sucessos. Com referência às suas atividades culturais, ele fundou revistas e jornais em Natal, como: “Renovação”, “Bando”, “A Palavra”, e “Nordeste” (revista), tendo sido um grande colaborador de outros jornais, como: “A República”, “A Ordem”, “Diário de Natal”, “Tribuna do Norte” e “O Jornal”. Publicou, igualmente, vários artigos nas Revistas desta Academia de Letras.

Ele era sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do RN, onde ocupou o cargo de Vice-Presidente, do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e da Sociedade Brasileira de Folclore.

Em 1961, concluiu o curso de bacharel em direito, pela Faculdade de Direito de Natal, no entanto nunca exerceu essa profissão. Foi professor de História e Geografia do Rio Grande do Norte, durante vários anos, da Escola Normal de Natal.

Sua eleição para esta Academia de Letras, como resultado do seu magistral trabalho no campo da cultura, ocorreu a 22 de julho de 1943, tomando posse a 13 de abril de 1950. Cinco anos depois, como prêmio à sua inteligência e à seriedade com que abraçava as iniciativas, foi eleito para a Presidência desta Casa, cargo que exerceu com competência, zelo e dignidade, durante 21 anos. Numa justa homenagem ao seu edificante trabalho, este templo da Cultura tem o nome "Casa Manoel Rodrigues de Melo".

Veríssimo de Melo, no seu livro "Patronos e Acadêmicos", afirma que:

"Manoel Rodrigues, durante a construção desta sede, foi arquiteto, mestre de obras, pedreiro, pintor, carpinteiro, mas, sobretudo, cavador de verbas e isto tudo fazendo a pé e sem relógio."

Ao que outro acadêmico acrescentou:

"e sem dinheiro."

Em menos de 10 anos, o majestoso edifício estava concluído, graças ao eficiente e perseverante trabalho.

O mestre Cascudo, no seu discurso de saudação a Manoel Rodrigues, quando de sua posse nesta Academia, dentre outras, fez as seguintes revelações:

"A mãe ensinava-lhe a rezar todas as noites, depois de lavar os pés."

"Foi campeão em corrida de cavalo de talo de carnaúba e dono da maior boiada do

Vale do Açú, boiada de ossinhos de carneiro e de ovelhas.”

“O professor Gilberto da Cunha Pinheiro, sobrinho de João Tibúrcio, deu-lhe o lustro inicial ao esmalte de uma leitura, que se fazia regular e diária.”

“Foi um estudioso da nossa etnografia, da sociedade rural, do nosso patriarcalismo, fixando as fisionomias dos comboeiros, dos chefes de famílias tradicionais, dos vaqueiros, de usos, costumes e superstições.”

“Ele já era escritor conhecido e citado por esse Brasil inteiro, do Acre ao Rio Grande do Sul.”

A produção literária de Manoel Rodrigues é representada por nada menos de 9 livros, a saber: Várzea do Açú (3 edições); Patriarcas e Carreiros (3 edições); Cavalo de Pau; Chico Caboclo e Outros Poemas; Pesquisas Sociológicas; Mons. Augusto Franklin (separata da Revista da Academia de Letras); Terras de Camundá (romance); Dicionário da Imprensa do RN e, finalmente, Memória do Livro Potiguar.

O jornalista Arlindo Freire, ao agradecer as homenagens póstumas prestadas pela Academia ao seu tio Manoel Rodrigues proferiu brilhante discurso, do qual cito este trecho, que foi extraído do livro “Várzea do Açú” :

“Nenhuma guerra, revolução ou epidemia deixou, entre nós, vínculos tão fortes e profundos de sua passagem como a remotíssima e sempre atual batalha das secas, trazendo, no seu cortejo, as conseqüências mais trágicas e dolorosas, quais sejam: a nudez, a fome, a peste, a orfandade e a própria morte.”

Em continuação disse o orador:

“Isto, senhoras e senhores, constitui a verdade para definição do pensamento de um homem que sem conceber a ilusão do orgulho, prepotência e riqueza, soube valorizar, defender e assumir as condições de vida da sua origem, no meio de uma multidão dominada pela miséria e ignorância seculares, sem indicações de mudança necessária, esperada e indispensável para que o homem seja criador e criatura, segundo o meio em que vive.”

Manoel Rodrigues de Melo faleceu, em Natal, na UTI do PAPI, às 10:50 horas, do dia 29 de fevereiro de 1996, num ano bissexto, e está sepultado no Cemitério Parque de Nova Descoberta.

Sr. Presidente e Srs. Acadêmicos:

Eis, em suma, o que pude reunir para produzir este elogio regulamentar ao patrono e ao meu antecessor, neste instante solene de minha posse, nesta Academia de letras.

Neste final de oração, cumpro o dever de agradecer ao Acadêmico Enélio Lima Petrovich a generosa e comovente saudação que acaba de me dirigir, em nome de seus pares.

Não fossem demasiadas as benesses que colho, nesta noite emocional, tenho honra e o privilégio de ser recebido, da palavra vibrante deste consagrado homem de letras, que é o Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de nosso Estado.

Agradeço, sensibilizado e emocionado, do fundo do meu coração e com as forças de minh'alma, em primeiro lugar, a Deus Onipotente, pela gloriosa consagração deste dia e, finalmente, às autoridades presentes ou representadas, aos Senhores Acadêmicos, intelectuais, amigos e convidados, pela honrosa presença de cada um e de todos, para dividir comigo e familiares a alegria e felicidade desta hora.

Para finalizar, imploro ao Pai Criador, as bênçãos e forças, com as quais não possa desmerecer, em tempo algum, a confiança que me foi depositada pelos Srs. Acadêmicos,

elegendo-me membro desta Academia, para que investido dessa dignidade eu possa incentivar a prática da amizade, do calor humano, do reconhecimento da grandeza moral do meu semelhante e, acima de tudo, pugnar pela maior projeção deste Templo de Sabedoria, na sua jornada histórica de promover a cultura desta terra potiguar.

(Sessão Solene da Academia em 20/11/97).

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO ALUÍSIO AZEVEDO

Enélio Lima Petrovich

A euforia desta hora solene traduz, em cores multiformes, a consagração cultural das criaturas que tanto engrandecem a existência, embora efêmera, mas com o signo da sabedoria e do humanismo, disseminando os eflúvios benfazejos, talvez emanados de deuses invisíveis.

Se fugazes são as nossas vidas, na meteórica passagem dos anos, cada um tem o seu lugar ao sol. Uma missão a cumprir, neste mundo tumultuado.

Nada importa que uns não consigam superar a inércia e o indiferentismo, permanecendo no anonimato. Outros, todavia, mais inteligentes e obstinados, conquistam maior espaço, através de vitórias sucessivas e, assim, influenciam os circunstantes, com a sua firme e forte personalidade.

Por isso, o nascedouro dos gênios e dos santos. A predominância dos cultos, letrados, humanistas, pensadores, os quais transmitem o saber e a fraternidade universal.

Saudando-o, pois, escritor Aluísio Azevedo, nesta noite primaveril, em nome da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, no instante de sua posse festiva, emergem a nossa admiração e o nosso respeito.

E com o coração aberto, agradecendo a distinção do convite para saudá-lo, estamos convictos de que, a partir de hoje, graças aos seus méritos, integrar-se-á, como ato de plena justiça, a esta Casa, celeiro da inteligência potiguar.

Ora, conhecem todos a tarefa honrosa de quem saúda um novo imortal, discorrendo sobre a sua vida e obra.

Tem como escopo apresentar o intelectual ao público. Aos que emolduram este salão dourado, na imagem de Cavour, majestoso e acolhedor.

Acadêmico Aluísio Azevedo:

Ab initio, formulamos um apelo.

Permita-nos fugir um pouco à seqüência das datas. Dos cansativos enfoques biográficos. Exaustam-nos sobremaneira

os números, os cargos, as funções, a referência minuciosa aos livros que publicou.

Esse posicionamento, porém – convenhamos – não obnubila o seu rico *modus vivendi et faciendi*.

Então, sejamos breves e objetivos.

Enfrentando deficiência física, aos dois anos de idade, soube, como raros, superá-la, corajosa e condignamente. Que beleza de conduta !

Nascido em São Paulo do Potengi, ano de 1925, sentiu as agruras e os desalentos do sertanejo, “antes de tudo um forte”, nas expressões de Euclides da Cunha, e consolidou a sua formação moral e cristã. Voltado para o amor à família, da esposa Maria Rocha Azevedo (Didi), dos 4 filhos (Marco Aurélio, Franklin, Aluísio Júnior e Denise) e dos 8 netos (Mara Camila, Aluísio Neto, Natalie, Franklin Filho, Tatiana, Alan, Mariana e Matheus), oferece a eles o exemplo magnânimo de sua feliz trajetória existencial.

Na verdade, acadêmico Aluísio Azevedo, a sua ascensão nesta respeitável entidade, cujo fundador e patrono é o genial e humilde Luís da Câmara Cascudo, vem enaltecê-la.

De há muito, acompanhamos os seus passos. De sacrifício, de lutas, de obstinação, de coragem até, rompendo barreiras difíceis, em busca do ser e do vencer sempre.

Vêmo-lo nos bancos do velho Grupo Escolar “Cel. Maurício Freire”, em São Paulo do Potengi. Depois, aluno do Atheneu Norte-rio-grandense, aqui, em Natal e, mais tarde, em 1951, concluindo o curso superior de farmacêutico, na tradicional Faculdade de Farmácia e Odontologia, integrando a 1ª turma.

Professor de Ciências e História do Brasil em várias escolas e colégios, no interior e nesta cidade dos Santos Reis Magos.

Para nossa alegria, é sócio efetivo do quase centenário Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, desde 1985.

Seguindo a lógica de Artur da Távola, como homem de letras, sublima também o viver, que “*é oscilar entre os extremos que constituem o mistério da existência: é envelhecer ficando cada vez mais moço por dentro. Viver é laborar no permanente*”

exercício de incompletudes e incongruências, a começar pelo próprio mistério de existir num planetinha perdido num sistema solar, quando se sabe que há 100 bilhões de astros e estrelas em cada uma das 100 bilhões de galáxias.” (O Dia-Rio- 18.09.97)

Então, a nossa palavra representa o louvor à sua garra, à sua indômita força de vontade, no viver cotidiano, sem máscara, sem sofisma, sem disfarce, sem ódio, sem inveja, porque a sua psiquê foi amalgamada nos princípios da solidariedade e do bom senso.

Óbvio, não nos será possível apresentá-lo “inteirinho da cabeça aos pés”, como se diz na linguagem popular.

No entanto, com a aquiescência dos partícipes desta romaria gratificante e sentimental, livre da afetação e do elogio cortejador, diremos ainda que o ilustre recém-empossado fez parte do Centro Estudantil Potiguar, órgão máximo da classe, ocupou a presidência da Junta Eleitoral da entidade e exerceu funções de direção na Casa do Estudante. Se criticado algumas vezes, os justos aplausos multiplicavam-se.

Defendendo, com ardor, a Casa do Estudante, ao lado de seus valorosos companheiros, espalhou-se um versinho, muito conhecido. Ei-lo:

*“A encrenca ia engrossando
e a coisa ficando preta,
quando passou pelo alto
a sombra de uma muleta.
Era ele que chegava,
o Aluísio perneta.”*

Um episódio por demais jocoso e original vem também à baila. É que Aluísio Azevedo, como tesoureiro da Casa do Estudante, pagava a ele mesmo as suas mensalidades. E o Regimento Interno da instituição estabelecia o pagamento antecipado, o qual, não satisfeito, resultaria numa suspensão imediata do associado.

Certa vez - imaginem - amanheceu a portaria do próprio tesoureiro o suspendendo pela falta do pagamento mensal.

Aluísio Azevedo foi pioneiro em vários fatos. Dois são dignos de registro. Primeiro filho de São Paulo do Potengi a obter diploma de curso universitário; e integrante da primeira turma de internos da Casa do Estudante.

Façamos, a seguir, outra alusão oportuna. Decerto, o Monsenhor Expedito Medeiros, figura singular e carismática do Clero, ao agradecer a participação do nosso homenageado em prol do trabalho desenvolvido pela Igreja, proclamou, de público, que *“fora ele o braço direito da ação social de sua Paróquia.”*

No prefácio do livro “História de Barcelona”, editado em julho de 1985, o saudoso escritor e consócio Ivanaldo Lopes definiu:

“Aluísio Azevedo já está com o seu nome registrado na literatura do Rio Grande do Norte, através de trabalhos publicados e que se vinculam a fatos de nossa história. E as narrativas têm o mesmo mérito. Tudo é colaboração para reviver os anos. Inteligente, esforçado na pesquisa, vem se destacando na busca de perenizar os atos e fatos.”

Quando do lançamento, em São Paulo do Potengi, do livro “Dom Adelino Dantas”, ainda o Monsenhor Expedito Medeiros, em 28 de abril de 1990, evidenciou:

“Há muito tempo eu procurava uma ocasião para me referir ao compadre Aluísio, pois é mais fácil assim chamá-lo.”

“Como historiador, ele ama ressuscitar o passado, pinçar meios muito importantes para assegurar a memória, e é com essas coisas que ele vai se projetando. Mas o trabalho de Aluísio Azevedo comigo e com outras pessoas da comunidade levou esse lugar para projeções internacionais.”

De nossa parte, nos rejubila repetir o que escrevemos, em julho de 1989, no preâmbulo da citada obra.

Sim, "Aluísio Azevedo, amigo, escritor, memorialista, com seu estilo escorreito e ameno, nos proporciona conhecer melhor a existência fecunda do biografado, impregnada de inteligência e emoção, com a marca da própria santidade." (omissis)

*"Antes mesmo de integrar o quadro de **Sócios Efetivos** da Casa da Memória Norte-riograndense- a mais antiga instituição cultural do Rio Grande do Norte, os seus trabalhos diversos – **História da Casa do Estudante**, em 1982; **História de São Paulo do Potengi**, sua terra –berço, um ano depois, e o mais recente sobre a **História do Município de São Pedro**, de cujo lançamento participamos, em 28 de junho de 1988, o credenciam a figurar entre os historiadores sérios, percucientes e espontâneos, nascidos no torrão potiguar, capaz de dar conta do recado, assumindo qualquer compromisso no campo da pesquisa histórica e geográfica."*

"Sem dúvida, Aluísio Azevedo, longe de ser alvo de elogios fáceis e fúteis, vem, inegavelmente, contribuindo para a valorização da cultura, espargindo-a, em dimensões nacionais."

Por sua vez, está com a razão o sociólogo Itamar de Souza, ao inserir no prefácio de **História de São Pedro**, em março de 1986, *in verbis*:

"Tenho a impressão de que Aluísio Azevedo segue à risca o conselho do evangelista

São João, quando este diz que quem é da terra, fala sobre as coisas da terra... ”

“A história é dinâmica sem ter pressa, grita pelo silêncio de suas marcas e nos convida a refletir sobre o passado para não nos perdermos nos caminhos do futuro. A história é o próprio homem agindo e retroagindo na construção do seu projeto, cuja finalização transcende às suas próprias forças. O trabalho de Aluísio Azevedo é digno de todos os encômios, principalmente daqueles que sabem ver, na cultura, a mais bela expressão do ser humano.”

Em outro livro — “História de Senador Eloy de Souza” — junho de 1988, lê-se este trecho da lavra do Desembargador Hélio Fernandes:

“As pessoas dotadas de espírito não se amoldam ao estado de inércia, nem mesmo em se deparando com a justa e merecida aposentadoria. Continuam, pela vida a fora, sendo um acidente proveitoso no seio da comunidade de que são insuperáveis multiplicadores de idéias e ações positivas, em proveito do bem-estar social. Nasceu Aluísio Azevedo com essa predestinação. Volta-se ele, a essa altura de sua fecunda e dinâmica existência, em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, para os altos domínios da literatura. Na verdade, sempre teve ativa participação em todos os movimentos sócias e culturais de sua estremecida cidade. De São Paulo do Potengi dirá, inspirado no gênio épico de Luís de Camões (“Os Lusíadas”, III, 21):

Esta é a ditosa pátria minha amada.”

Entretanto, se não bastassem tantas publicações, o seu mais recente livro - "Cronologia do Rio Grande do Norte - Cinco Séculos de História" (edição de 1996), é de uma importância transcendental.

Sobre ele, com proficiência, explicita o ilustrado consócio e membro desta Academia, José Melquíades:

*"Hoje, dispomos do album, das efemérides, do calendário e do almanaque com algumas alterações de sentido, na transformação da semântica histórica. Com essa evolução e com essas revelações, o nosso escritor Aluísio Azevedo nos apresenta, dentro desse conceito histórico, esse valioso livro intitulado: **Cronologia do Rio Grande do Norte - Cinco Séculos de História**. Todos nós já nos habituamos com os estudos de Aluísio Azevedo e já nos familiarizamos bastante com a seriedade de suas pesquisas."*

E arremata, de igual modo, Murilo Melo Filho, desta terra natalense, imortal, um dos nossos:

"O trabalho é realmente admirável e meritório: a paciência e o cuidado que ele pôs já o recomenda de saída. Nosso querido e comum Estado já estava mesmo necessitando de um trabalho dessa categoria, útil, importante e necessária para todos quantos queiram conhecê-lo melhor."

Já dizia Madre Tereza de Calcutá, que se encantou recentemente: "Não devemos permitir que alguém saia de nossa presença sem se sentir melhor e mais feliz."

Verdade é que, na hora que passa, valem também as palavras do saudoso historiador Pedro Calmon, quando, a 6

de novembro de 1978, no plenário do extinto Conselho Federal de Cultura, em homenagem a Péricles Madureira de Pinho, enfatizou:

“Precisamos conhecer o homem, na sua virtude, na sua simplicidade, conduta, honradez, inocência e comunicabilidade.”

Está, aqui, pois, Aluísio Azevedo, sob a égide desses ensinamentos. Despretensioso, modesto, eufórico, extrovertido, ao lado de seus amigos, admiradores e familiares, que prestigiam e ornamentam este encontro de luz e de som, de júbilo e de emoção.

Eis o que desejávamos proferir nesta noite votiva, de conagração cultural.

Não, por favor ! Deixem-nos, autoridades, senhoras e senhores, agora e ainda, aditar algo mais.

Com efeito, na sublimidade deste momento apoteótico, queremos afluir uma singela mensagem. A mensagem de Jackson Brown Jr., contida em “Life’s Little Instruction Book”. São conselhos ao filho Adam, recém-ingresso na Universidade.

Mesmo que lhe sejam peculiares e habituais alguns conselhos, Acadêmico Aluísio Azevedo, devemos refletir melhor acerca deles, como lições, que já aprendemos, pela experiência da vida, numa comunhão verdadeira de pensamentos.

Vejamos:

1 – “Viva de forma que, quando seus filhos pensarem em justiça, carinho e integridade, pensem em você.”

2 – “Crie o hábito de fazer coisas boas pelas pessoas sem que elas descubram que foi você.”

3 – “Quando alguém está contando alguma coisa importante que lhe aconteceu, não tente superá-lo com uma de suas histórias.”

Os outros também têm direito de aparecer.”

4 – *“Evite gente negativa.”*

5 – *“Meça as pessoas pelo tamanho de seus corações, não pelo tamanho das suas contas bancárias.”*

6 – *“Torne-se a pessoa mais positiva e entusiástica que você conhece.”*

7 – *“Aceite a dor e a decepção como partes da vida.”*

8 – *“Julgue o seu sucesso pela medida em que você está desfrutando de paz, saúde e amor.”*

9 – *“Procure reavivar antigas amizades.”*

10 – *“Viva sua vida como uma exclamação. Jamais como uma explicação.”*

Acadêmico Aluísio Azevedo:

Esta a nossa saudação, espontânea e protocolar, sincera e emocional. Cheia de calor humano e merecimento.

Foram conceitos e definições, em tributo ao seu talento, ao seu espírito empreendedor, ao seu *curriculum-vitae*, isento de quaisquer nódoas morais.

Enfim, sua entrada triunfal nesta Academia, sucedendo o inolvidável Manoel Rodrigues de Melo, sempre presente na lembrança eterna de todos nós, significa a exaltação da Cultura, porque sobreleva, *pari passu*, o testemunho mais alto e mais nobre do amor às letras.

E somente com a participação efetiva dos abnegados, dos altruístas, dos peregrinos do conhecimento, dos itinerantes da inteligência, dos mensageiros do otimismo, como dádivas do céus, poderemos construir uma nação soberana e democrática, onde, no pódio consagrador, a Cultura se instala e se consolida, no tempo e no espaço.

Cabe-lhe essa grandiosa missão, Acadêmico Aluísio Azevedo.

Daí, deste templo literário, seja um timoneiro, ardoroso e idealista, *ad immortalitatem*.

Bem-vindo, jubilosamente, em voz uníssona.

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras já lhe pertence, de fato e de direito, pela nossa e sua vontade. Sobretudo, pelos desígnios de Deus.

(Sessão magna da A.N.L em 20/11/1997).

IV

História

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE DO NATAL

Olavo de Medeiros Filho

Aproximando-se o dia 25 de dezembro de 1999, que será o ponto culminante das festividades do IV Centenário da Fundação da Cidade do Natal, julgo cabíveis algumas considerações sobre o surgimento da nossa Capital.

No final do século XVI, o território correspondente ao atual Estado do Rio Grande do Norte achava-se sob controle dos traficantes franceses, que “iam comerciar com os potiguares, e dali saíam também a roubar os navios que iam e vinham de Portugal, tomando-lhes não só as fazendas mas as pessoas, e vendendo-as aos gentios para que as comessem” (1).

O rei Dom Felipe II de Espanha, que na ocasião acumulava a coroa de Portugal, determinou ao governador-geral do Brasil, Dom Francisco de Sousa, que o mesmo entrasse em entendimentos com o capitão-mor de Pernambuco, Manuel Mascarenhas Homem, para que este fosse ao Rio Grande, “lá FAZER UMA FORTALEZA E POVOAÇÃO, o que tudo fizesse com conselho e ajuda de Feliciano Coelho”(1), que era o capitão-mor da Paraíba.

Não abordarei, nesta ocasião, os episódios relacionados com a edificação da Fortaleza dos Santos Reis da Barra do Rio Grande, nem as lutas com o gentio Potiguar, encerradas com a celebração das pazes entre portugueses e indígenas, ocorrida no dia 11 de junho de 1599, na Cidade Filipéia, na Paraíba.

Com as pazes obtidas, tratou-se de tomar as primeiras providências, com relação à fundação de uma povoação. Infelizmente não foram encontrados, até o presente, os documentos relacionados com a fundação do Natal. A primeira notícia sobre o nome do fundador da cidade e a data da ocorrência, nos foi dada por Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, em seu **Catálogo Genealógico das Principais Famílias**, obra impressa em Lisboa, em 1761.

Segundo informa Jaboaão, Jerônimo de Albuquerque, por ele considerado o primeiro capitão-mor do Rio Grande, teria fundado a Cidade do Natal, no dia 25 de dezembro de 1599(2). Todavia, documentação posteriormente encontrada, revela o fato de que Jerônimo de Albuquerque não foi o primeiro capitão-mor do Rio Grande, e sim o segundo, tendo iniciado sua gestão no dia 6 de julho de 1603. Até então, o capitão-mor da capitania foi João Rodrigues Colaço, que assumira o posto em 24 de junho de 1598, por provisão do Governador-geral do Estado do Brasil, Dom Francisco de Sousa (3).Frei Vicente do Salvador também incorreu no engano de apresentar Jerônimo de Albuquerque (que depois acrescentaria o agnome Maranhão), como tendo sido o primeiro capitão-mor do Rio Grande, o que levou alguns historiadores a considerarem Jerônimo o fundador de Natal...

Jerônimo de Albuquerque foi, na realidade, o primeiro capitão-mor do Maranhão e o fundador da cidade de São Luís, conforme informam os autores Raimundo José de Sousa Gaioso (4) e Pe. Jacinto de Carvalho (5).

Antes de tomar a denominação definitiva de Natal, a nossa capital recebera outros nomes: CIDADE DE SANTIAGO, conforme notícia que nos é fornecida por Melchior Estácio do Amaral, ao descrever o episódio do naufrágio da nau Santo Iago, ocorrido em 1602 (6); e CIDADE DOS REIS, conforme informa aquele historiador Frei Vicente do Salvador (7).

Quanto ao fundador da Cidade do Rio Grande (Natal), sustento a opinião de que foi Manuel Mascarenhas Homem, que detinha o posto de CAPITÃO-MOR DA CONQUISTA DO RIO GRANDE, que lhe fora concedido pelo próprio monarca Felipe II de Espanha. Através do que consta da primeira data e sesmaria concedida no Rio Grande, cujo beneficiário foi o próprio capitão-mor João Rodrigues Colaço, datada de 9 de janeiro de 1600, verifica-se que Mascarenhas Homem ainda mantinha sua superioridade hierárquica, em relação a Colaço .

Entrarei, agora, no terreno das hipóteses. Por que a denominação de CIDADE DE SANTIAGO ? Em 1585 fora fundada a Cidade Filipéia, atual João Pessoa, capital paraibana. São Filipe

e São Tiago são os padroeiros da Espanha, parecendo-me muita coincidência o fato de as duas cidades terem recebido justamente os nomes daqueles santos. Teria sido a cidade do Rio Grande fundada no dia 25 de julho de 1599, data em que era comemorado o dia de São Tiago ? ...

Outra hipótese, com relação à designação CIDADE DOS REIS. Como se sabe, as obras de edificação da Fortaleza dos Santos Reis iniciaram-se em 6 de janeiro de 1598, quando eram comemorados aqueles santos católicos. Será que a cidade fundada no Rio Grande foi batizada com o nome de Cidade dos Reis, em atenção aquele início de construção? Ou, teria sido fundada a cidade em 6 de janeiro de 1600 ? ...

O que é certo é que o nome Cidade do Natal, somente aparece documentalmente em 1614, por ocasião do Auto da Repartição das Terras da Capitania do Rio Grande (9).

Por que CIDADE DO NATAL ? Talvez lembrando a data em que os navios de Mascarenhas adentraram o rio Potengi: 25 de dezembro de 1597... Ou, então, por ter sido mesmo fundada a cidade no dia comemorativo do Nascimento de Jesus Cristo, 25 de dezembro de 1599, como informava Frei Jaboatão...

O grande historiador pernambucano José Antonio Gonsalves de Melo encontrou no Arquivo Geral de Simancas (Espanha) – Secretarias Provinciais, códice 1575, a **Relação de Ambrósio de Siqueira (1605) da Receita e Despesa do Brasil**, a qual inclui toda a movimentação financeira ocorrida no Rio Grande, no período de 1598 a 1605. Talvez, no mesmo Arquivo de Simancas se encontrem os documentos que tratem da fundação da cidade do Rio Grande. Outro arquivo, também espanhol, onde poderiam estar arquivados aqueles documentos, seria o de Sevilha.

O surgimento de uma nova documentação inédita, poderia modificar o próprio programa oficial relacionado com a fundação da Cidade do Natal !

1. SALVADOR, Frei Vicente do . **História do Brasil 1500 - 1627**, p. 267. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982;
2. CALMON, Pedro. **Introdução e Notas ao Catálogo Genealógico das Principais Famílias de Frei Jaboatão**, vol.I, p. 167. Salvador, Bahia Empresa Gráfica da Bahia, 1985;
3. RELAÇÃO DE AMBRÓSIO DE SIQUEIRA (1605) DA RECEITA E DESPESA DO ESTADO DO BRASIL. Cópia e edição de José Antonio Gonsalves de Melo, pp.163-176, 199-200, 226, in Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, vol.49, 1977;
4. GAIOSO, Raimundo José de Sousa. **Compêndio Histórico-Político dos Princípios da Lavoura do Maranhão**, p.73. Rio de Janeiro: Editora Livros de Mundo Inteiro, 1970;
5. CARVALHO, Jacinto, S.J. . **Crônica da Companhia de Jesus no Maranhão**, p.90. São Luís: Alumar, 1995;
6. BRITO, Bernardo Gomes de. **História Trágico-Marítima compilada por Bernardo Gomes de Brito com outras notícias de naufrágios**, vol.V, pp. 60-61. Lisboa, 1905;
7. SALVADOR, Frei Vicente do . **Obra citada**, p. 274;
8. LIVRO SEGUNDO DO REGISTRO DE SESMARIAS CONCEDIDAS PELO GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE (1674/1680), fl.27-v. Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Caixa n.º 65;
9. TRANSLADO DO AUTO DA REPARTIÇÃO DAS TERRAS DA CAPITANIA DO RIO GRANDE, AOS 21 DIAS DO MÊS DE FEVEREIRO DE 1614, In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vol. VII, nºs, 1 e 2, 1909.

CONTRABANDO DE PAU-BRASIL NA BAÍA FORMOSA (entre 1695- 1699)

Olavo de Medeiros Filho

No governo de Bernardo Vieira de Melo, um navio holandês ancorou na Baía Formosa, litoral oriental da Capitania do Rio Grande. Dele desceram diversos homens, que em seguida se dirigiram à mata litorânea, onde cortaram madeiras, depois conduzidas para bordo do aludido navio (1).

Um certo Luís Soares de Albuquerque denunciou o fato ocorrido, perante os encarregados da Justiça Real, no Rio Grande, apontando a incidência de crimes previstos na legislação portuguesa, cometidos por Afonso de Albuquerque Maranhão, proprietário do Engenho Cunhaú, e por Antônio Gomes Pessoa. Aquelas terras da Baía Formosa pertenciam ao referido Senhor de Cunhaú, que foi apontado por Luís Soares de Albuquerque como co-autor do crime de contrabando de pau-brasil, madeira cujo comércio era privativo de sua Majestade.

Juntamente com Antônio Gomes Pessoa, Afonso também teria vendido tabaco aos contrabandistas.

Luís Soares de Albuquerque, em depoimento prestado à Justiça, revelou os nomes de seis outras pessoas, indiretamente envolvidas na transação comercial mantida com os holandeses. Em dia e mês que o precário estado da documentação compulsada não nos permitiu apurar, apenas sabendo-se que no ano de 1708, compareceram os seis acusados perante o Ouvidor Geral da Paraíba, Gonçalo de Freitas Baracho, em cumprimento a precatória vinda do Rio Grande.

Em pousadas daquele Ouvidor Geral, e perante o Escrivão da Ouvidoria, Paulo de Almeida, compareceu primeiramente Gabriel Martins de Carvalho, morador em Camaratuba, que vivia de suas lavouras. Interrogado sobre a acusação que lhe pesava, de que teria vendido tabaco a Afonso de Albuquerque Maranhão e a Antônio Gomes Pessoa, tendo estes repassado o produto aos contrabandistas holandeses, Gabriel negou peremptoriamente a acusação.

Foi, em seguida, inquirido Antônio Pereira Barbosa, oficial de carapina, morador no Picão, que informou ao Ouvidor Geral, ter presenciado os holandeses cortarem paus na Baía Formosa, podendo afirmar, com a sua experiência profissional, que não se tratava de pau-brasil. Adiantou mais, Antônio, não ter visto os holandeses carregarem aqueles troncos abatidos para o navio.

João Ferreira Machado, morador em Camaratuba, onde plantava suas roças, negou a acusação de que tivesse vendido a Afonso de Albuquerque Maranhão e a Antônio Gomes Pessoa, certa quantidade de tabaco, produto que os dois últimos referidos teriam, por sua vez, repassado aos tripulantes do navio holandês. Negou, também, a possível venda de pau-brasil aos estrangeiros.

Agostinho Rodrigues, morador no Picão, oficial de carapina, interrogado sobre o conteúdo da denúncia, afirmou ter sido um dos homens que haviam presenciado os holandeses a examinar as matas em Baía Formosa, porém não constataria terem sido levados troncos de pau-brasil para a embarcação estrangeira.

Pedro Coelho Ferreira, morador na Ponta de Lucena, que vivia de suas lavouras, declarou encontrar-se na praia de Baía Formosa, naquela ocasião em que os holandeses se achavam ancorados na costa. Afirmou ele ter presenciado, juntamente com Antônio Pereira Barbosa, os holandeses “ao modo de quem examinava e buscava alguns paus”, cortarem diversas árvores, porém não vira os ditos estrangeiros conduzirem pau-brasil para o navio.

Finalmente, Cosme Soares Barbosa, também morador na Ponta de Lucena, declarou ter visto os holandeses conduzirem lenha para o navio, mas que não se tratava de madeira de pau-brasil.

Infelizmente, o restante dos Autos não revestiu à passagem do tempo, o que não nos permitiu acompanhar o seu desfecho. Mas, tudo indica que o efeito tenha sido arquivado, à falta de provas.

Aquele Ouvidor Geral, Gonçalo de Freitas Baracho, achase citado no livro “Desagravos do Brasil e Glória de Pernambuco”, escrito por Dom Domingos de Loreto Couto (1757). Segundo o aludido autor, Gonçalo de Freitas Baracho era natural do Recife, diplomado em direito pela Universidade de Coimbra. Desembargador, serviu na Relação da Bahia. Dele, informa ainda Loreto Couto: “Foi este ministro dos mais célebres letrados do seu tempo, muito reto na administração da justiça, e inimigo jurado do interesse, como paixão indigna de ânimos generosos” (2).

Quanto a Afonso de Albuquerque Maranhão, foi ele Senhor do Engenho Cunhaú e Capitão-mor de Goianinha, no Rio Grande. Teve ele uma destacada atuação na chamada Guerra dos Bárbaros, ou Levante do Gêntio Tapuia, tendo combatido aqueles indígenas no interior da capitania do Rio Grande. Afonso era neto, por linha varonil, de Jerônimo de Albuquerque Maranhão, o segundo capitão-mor que governou o Rio Grande, e o primeiro que teve o Maranhão.

-
1. CONTRABANDO DE PAU-BRASIL NA BAÍA FORMOSA. Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Caixa n.º 89.
 2. LORETO COUTO, Dom Domingos de . **Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco**, pp.405-406.

A HISTÓRIA DO PRESÉPIO E A NATIVIDADE

José Melquiades

O presépio se liga intimamente à presença dos Magos, no nascimento de Jesus, o que se costuma dizer: **na Gruta de Belém**. A palavra vem do latim (**praesepe** ou **presepium**) e tem o significado de estábulo, curral ou redil. Sempre fomos acostumados a ver o presépio com o menino Jesus deitado num berço rodeado de pastores e animais. Encantadora postura !

São Mateus, o evangelista que descreve a natividade, lembrou-se das ofertas dos Magos, mas esqueceu-se de nos mencionar essa fauna. Os fiéis mais exigentes não perdoam ao evangelista esse esquecimento. Mateus informa que os Magos ao deixarem Herodes seguiram a estrela e encontraram o menino Jesus numa casa, na companhia de sua mãe:

– **Et entrantes domum, invenerunt puerum cum Maria**. São Lucas, que teria sido médico de São Paulo e não conhecera Jesus, engrandeceu a cena com detalhes exuberantes. Informa-nos que um anjo desceu do céu e avisou aos pastores o nascimento da criança; e uma multidão da Milícia, em latim, significa exército. Em Roma, um exército jamais teve menos de mil soldados. Carlos Gois, em **Raízes e Cognatos**, afirma que milícia vem de **miles, militis** (soldado) e que **miles** era “cada um dos mil homens com que cada tribo era obrigada a contribuir para a formação da milícia “.

Ora, um coro angélico de mil vozes entoando **glórias nas alturas** não deixa de ser um concerto formidável. Lamentavelmente, nenhum historiador da época viu ou ouviu esse magnífico triunfo. Na euforia do canto, os anjos se retiraram para o céu e deixaram os pastores desorientados: nenhum deles lhes disse onde estava o divino recém nascido. Tiveram que adivinhar. Às tontas, foram até Belém e acharam o menino deitado num presépio - **invenerunt infantem positum in praesepio**. Em nenhuma versão grega ou latina

se encontra a palavra **gruta de Belém**. E já estava bem provado que Jesus nasceu em Nazaré.

No texto grego, o termo usado para estábulo é **phatne**. Do presépio de Lucas é que se tirou a **manjedoura**, um galecismo que vem de **manger** e também nos deu **manjar**. Manjedoura era um tablado ou tabuleiro onde se colocava ração para os animais. São Lucas, na pressa de reconduzir os anjos à morada celestial, também esqueceu de mencionar onde estavam os animais apascentados pelos pastores, todos muito distanciados do presépio, o que também é lamentável.

Até a Segunda década do século XIII não se conhecia o presépio como a **creche** de Jesus infante, nessa cena da natividade. Virgílio se refere a **equi in praesepibus**: cavalos em estribarias, o que está bem correto de conformidade com as acomodações eqüinas. Acredita-se que foi São Francisco de Assis quem teve a feliz idéia de montar o primeiro presépio numa gruta de Gréccio, lá pelo ano 1223. Na gruta ou no presépio colocou o burro, os bois, a vaca, os Magos e seus três camelos, todos acompanhados de alguns pastores. Graças a Deus, São Francisco corrigiu a omissão dos dois evangelistas. Embora Jesus tenha nascido em Nazaré, aí temos o presépio na **gruta de Belém** com os animais diante da criança, longe da casa onde afirma Mateus que o menino se encontrava, na companhia de Maria, sua mãe.

São Francisco, ao reunir os bichos, no presépio, esqueceu-se do galo, o qual teria cantado toda noite repetindo o estribilho: **Cristo nasceu . . .** Essa falha foi corrigida no **I Ato do Hamlet**, quando Shakespeare nos garante que um galo cantou durante a noite anunciando o nascimento do Salvador, o que deve ser um bom alívio para a loucura do príncipe introduzido na tragédia.

O galo não poderia faltar nesse ato de fé, uma vez que Jesus o usara como relógio de precisão para despertar as mentiras de Pedro:

— **antes que o galo cante, negar-me-ás três vezes**. O galo cantou, num terreiro de Jerusalém, e Pedro recobrou os sentidos. Os presépios foram armados em Portugal, durante a epifania, no século XVI. Chegaram ao Brasil, em 1584, trazidos

pelos jesuítas, que os introduziram no Rio de Janeiro. Daí por diante, o presépio criado por São Francisco tornou-se o encanto de Natal com a renovação do nascimento do menino Deus.

E aquilo que os evangelistas nos esconderam, Francisco de Assis nos revelou com o encanto da poesia pastoril. Em inglês e francês, a palavra mais utilizada para o presépio é **creche**. Assim se define, em língua inglesa: **creche is a representation of Nativity scene with careful modeled figures of the Holy Family; a representation of the stable of Bethlehem with the infant Jesus surrounded by Mary, Joseph, the oxen and asses.**

Em francês, a informação não é diferente. *Crèche: mangeoire où fut déposé Jésus naissant*. Por mais que em português o termo **creche** venha rotulado de galicismo, em francês, a palavra vem do antigo alemão **krippya**, abrandado em **krippa** e tem o mesmo sentido de estábulo. De **krippa** o inglês herdou **crib** (berço) com o mesmo sentido de **creche**.

O sentido religioso de **creche**, **manjedoura** ou **presépio** vem de São Francisco a partir do século XIII, enfatizado pelos albores da renascença a partir do século XVI e amplamente divulgado ou propagado pela Igreja em todo seu universo católico.

O presépio de Santos Reis, aqui na Praia da Limpa, foi armado pela primeira vez, em 1996 "com 18 figuras". Iniciativa do vigário Manoel Pereira; e isso é tudo quanto nos basta para ilustrar a história de nosso bairro.

Finalmente o Natal

Não se sabe ao certo (nem saberemos jamais) o dia, o mês e ano em que Jesus nasceu e morreu. Presumem uns imaginosos que tenha sido no mês de nisã. Esse mês, no calendário hebraico, oscilava entre março e abril, período no qual os judeus celebravam a Páscoa e a festa dos Ázimos, ou seja, a libertação de Israel. E isso é tudo e não diz nada. Ora, numa cronologia ou calendário escrito no ano 336 para uso

dos cristãos, a Igreja de Roma determinou que a data do nascimento de Jesus fosse no dia 25 de dezembro. A Igreja de Jerusalém não aceitou a imposição, porque celebrava a natividade no tempo da epifania, isto é, no dia 6 de janeiro, o que também era bastante arbitrário. O mesmo fazia a Igreja grega.

A Igreja de Roma sempre se valeu da tradição. Acreditava, como ainda hoje acredita, que a tradição é um conjunto de verdades relacionadas sobre a fé e a moral, chamadas verdades reveladas sem nunca terem sido escritas nos livros inspirados. Essa tradição é como se fosse um dom do Espírito Santo. Mais um exemplo de autopistia. E quis Deus que isso fosse verdade para que seu filho muito amado não se tornasse um enjeitado do tempo.

Coincidência ou não, no século VI, o monge ou abade Dionísio, o Exíguo (500 – 560), teólogo, matemático, astrólogo e exegeta, em cálculos errôneos, datou o nascimento de Jesus como tendo sido no dia 25 de dezembro de 753, isto é, 753 anos depois da fundação de Roma. Errou. Tomou como base, além da fundação de Roma, o calendário hebraico, o senso de Querino, a era de Ácio e as Olimpíadas realizadas de 4 em 4 anos. Errou exatamente em 4 anos.

Por sua culpa Jesus morreu antes do tempo: morreu aos 33 anos quando, na realidade, ele morreu aos 37 anos. Autoridade incontestável, nesse engano, é o Padre Inágnio Errandonea, S. J. No verbete **Jesus** incluído no seu **Diccionario del Mundo Classico** (Ed. Barcelona, 1954) esclarece o erro com precisão de mestre.

Os entendidos em calendários afirmam que o fim de dezembro não corresponde ao **mês de nisã** (entre abril e maio), mês de celebração da páscoa e dos ázimos, entre os israelitas, o primeiro mês de calendário babilônico. Presumivelmente (sem nenhuma certeza) Jesus teria nascido ou morrido nesse Mês. De qualquer modo, os exegetas não têm mais dúvidas que Jesus morreu aos 37 anos e que os cálculos de Dionísio não correspondem à realidade.

Esse mesmo Dionísio, de uma audácia ilimitada, calculou com absoluta certeza, que o número dos anjos reunidos no trono celeste era de 399.920.000. Isso no começo do mundo. Depois houve uma rebelião no céu e o número baixou para 266.613.336. Uma baixa considerável. Mesmo que Miquéias tenha visto o Senhor “cercado pelo exército do céu”, em nenhuma passagem da Bíblia se lê sobre uma guerra nos páramos celestiais. A queda dos anjos corre por conta de Evangelho apócrifo de Enoc, invenção do século II, como nos Atos de Tomé, outro livro apócrifo do mesmo século, no qual o apóstolo da dúvida manda que “as mulheres deixem seus maridos”, uma forte apóstrofe encratita. Em matéria de exegese, o que é apócrifo é falso.

De qualquer modo, pelos cálculos de Dionísio, 133.306.664 anjos foram expulsos do céu e mandados para lugar ignorado. Lamentável deserção. Possivelmente, Milton prevaleceu-se dessa sobra para criar e seu **Pandemonium**, lá pela altura do Canto X, e assim inaugurou a capital do inferno, no seu monumental **Paradise Lost**. Nem tudo estava perdido.

Esse 25 de dezembro, como data do nascimento de Cristo, foi celebrado, pela primeira vez, no início do ano 336, como data do grande martírio, isto é, antes dos cálculos de Dionísio. Por ironia da história, o dia 25 de dezembro, em Roma, era a data de um festival pagão introduzido pelo imperador Aureliano, no ano 274 A .C: Tinha a finalidade de comemorar os revérberos do **sol invicto**, o que os romanos chamavam **natalis solis invict** e que nós outros ainda chamamos de aurora ou nascer do sol.

O sol, como dualidade de vida e luz, era uma divindade introduzida nos mistérios iniciáticos celebrados em Elêusis, o que a Igreja sempre combateu. Ironicamente, a Igreja de Roma transferiu o nascimento do sol (**natalis solis**) para o nascimento de Cristo (**Christus natus**), dogmatizando a mesma data ou cristianizando o paganíssimo, 25 de dezembro, que nós humildes cristãos batizados, erroneamente, veneramos e respeitamos pelos séculos afora. Esses cultos são arranjos comprometidos em decisões

tardias. Eis aí os mistérios da fé; e eis também o que se chama em teologia de autopistia. Que Deus nos ilumine.

(Do livro de José Melquíades: HISTÓRIA DE SANTOS REIS: A CAPELA E O BAIRRO).

SINOPSE HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE SÃO TOMÉ

Aluísio Azevedo

Aproveito este espaço, para inserir este trabalho, através do qual focalizo o Município de São Tomé, localizado na Microregião Borborema Potiguar, por considerá-lo como sendo a comunidade de mais antigo povoamento, em toda a região do Alto e Médio Potengi.

Esta afirmação está fundamentada em estudos, por mim realizados, de modo especial o que se encontra publicado na Enciclopédia do IBGE, do seguinte teor: "O primeiro habitante do atual Município de São Tomé foi Francisco Diniz da Penha, que a 10.01.1736 requereu e obteve, do Governador da Província do Rio Grande do Norte, o Capitão-mor João Teyve Barreto de Menezes, a carta de data e sesmaria do Pica-Pau, onde edificou sua fazenda, construindo as primeiras casas, cercando as pastagens e estabelecendo as primeiras casas, cercando as pastagens e estabelecendo as primeiras culturas." Até prova em contrário, não houve, em toda a região, povoamento mais antigo, resultando deste fato o início da colonização por homens civilizados.

Nas obras pesquisadas, encontram-se duas outras citações bastante antigas, a primeira que revela a presença de José da Costa Vilarinho, como proprietário de terras, em abril de 1738, entre o Pica-Pau e Pedra Preta, na vertente do Potengi, e a segunda que registra a existência da Fazenda Barra, em fins daquele século XVIII, pertencente ao Coronel Francisco de Araújo Correia. Convém ressaltar que, no ano de 1870, aquela propriedade não mais pertencia aos descendentes do citado coronel.

Quanto ao fundador da povoação, hoje cidade de São Tomé, os historiadores são unânimes em afirmar ter sido Tomás de Moura Barbosa, que construiu uma pequenina casa comercial, à margem direita do Rio Potengi no ano de 1890, em torno da qual foram construídas outras casas residenciais, e que o lugar teve o primitivo nome "**Bodega**", motivado pela casa comercial do

fundador. Registra-se, também, que o Mestre Cascudo cita o nome de Santa Tereza, atribuído a São Tomé, naqueles tempos remotos.

Quanto ao topônimo São Tomé, há uma versão que não o identifica como sendo em homenagem ao apóstolo Tomé. Cita-se o fato ocorrido na casa de um Andrade, com a chegada de um homem cansado e faminto, que pedira comida. Como só havia um pouco de mel de abelha foi-lhe oferecido como alimento, que ao ingerir, em forma de “garapa”, depois de reconfortado, o homem suspirou e disse: “**santo mé**”. Deste episódio, segundo se afirma, veio a denominação “**São Tomé**”.

Fundado o lugar, em 1890, quatro anos depois, foram construídos o cemitério e a primitiva capela, uma iniciativa dos irmãos Francisco Antônio (Tio Chico) e Inácio Bezerra de Melo, cujo patrimônio foi doado por Maria Rosalina de Moura, viúva de Francisco de Moura Barbosa. Anos mais tarde, aquele patrimônio fora vendido, ocorrendo, então nova doação, desta feita pelo fundador do lugar, Tomás de Moura Barbosa.

A atual Matriz encontra-se no mesmo local da antiga capela e tem por orago Nossa Senhora da Conceição. O 1º Vigário foi o Cônego Celso Cicco. São capelas paroquiais: Barcelona, Ruy Barbosa, Lagoa de Velhos e Sítio Novo. A paróquia foi criada a 02.02.1922, por ato de Dom Antônio dos Santos Cabral, 2º Bispo de Natal, sendo desmembrada da de Santa Cruz.

A Agência dos Correios foi instalada, no lugar, a 16.12.1925.

O Município de São Tomé foi criado pela Lei nº 698, de 29.10.1928, no governo de Juvenal Lamartine, sendo formado por terras dos Municípios de Santa Cruz, Currais Novos, Lages, São Gonçalo e Macaíba. Sua instalação ocorreu a 01.01.1929, com a posse do seu 1º Prefeito Municipal, o Sr. Félix Gomes de Melo.

A então Vila foi elevada à categoria de Cidade, pelo Decreto n.º 457, de 29.03.1938, na Interventoria Rafael Fernandes.

Do primitivo Município de São Tomé, em 1958, foram desmembrados os Municípios de Barcelona e Sítio Novo. Em

1963, do Município de Barcelona foi desmembrado o de Ruy Barbosa e do Sítio Novo o de Lagoa de Velhos.

A Comarca foi criada pela Lei n.º 146, de 23.12.1948 e a sua instalação ocorreu a 27.01.1951, pelo seu 1º Juiz de Direito, o Dr. Manoel Luiz Gomes Neto.

São Tomé está localizado na Microrregião Borborema Potiguar, tem uma área de 878 Km² e uma altitude de 175 metros acima do nível do mar. Sua população, pelo mais recente Censo de 1996, é de 11.052 habitantes, sendo 5.288 na zona urbana e 5.764 na zona rural.

A seguir, registro alguns eventos mais recentes da história da comunidade. O sindicato dos Trabalhadores Rurais foi fundado a 08.09.1963, a energia elétrica da COSERN foi inaugurada a 11.10.1969, a Agência do Banco do Brasil foi instalada em 09.11.1982 e a Central Telefônica da TELERN foi ativada a 13.02.1986.

O Município tem a atividade econômica principal no setor agropecuário, destacando-se as culturas do feijão, do milho e do algodão, esta última antes da fase do bicudo. A exploração mineral também é praticada, de modo especial, na época da estiagem. Há, no Município, uma Cooperativa Agropecuária, que presta grande assistência aos agricultores e pecuaristas, ao lado da EMATER, com o seu escritório local.

Na área da saúde, a cidade conta com um Centro de Saúde e um Hospital-Maternidade, além de postos de saúde, na zona rural.

O Setor da Educação é bastante desenvolvido, com dezenas de escolas do 1º grau e 1 do 2º grau.

Na área do lazer, a cidade é servida pelo tradicional "Potengi Clube", que promove as grandes festividades sociais comunitárias. Com relação ao esporte, propriamente dito, são praticadas quase todas as modalidades esportivas, havendo, na cidade, um moderno estádio de futebol, com o nome de "Rainel Pereira", numa justa homenagem ao grande benfeitor, que dedicou grande parte de sua fecunda existência ao progresso de sua terra de adoção.

V

Memórias

UM CÉRULO PALADINO

Por João Batista Pinheiro Cabral*

Faz parte do nosso folclórico show tupiniquim o dito, com ares de aforismo, que somos um povo de memória curta, que olvidamos rapidamente os fatos e as pessoas que passam pelas nossas vidas, independentemente do significado delas para a formação do substrato telúrico coletivo brasileiro.

Nesta Potiguarânia Cósmica, que já conta com quase quatrocentos anos de sapiência popular acumulada, costuma-se dizer que a solidariedade (e, por extensão, a lembrança), dura até o sétimo dia, ou – quando muito – até o trigésimo dia.

Se essa conceituosa sentença for regra, terá, certamente, suas exceções. Uma delas será, indubitavelmente, o caso de **DJALMA MARINHO**, o homem que pintava cavalos azuis, um Grande (no sentido Ibérico do termo), da terra potiguar que se encantou no já distante 26 de dezembro de 1981, há quinze anos, mas que continua presente, vivo e atual nos corações e nas mentes de seus coestaduanos e compatriotas.

Recentemente, estive em Brasília onde visitei dois amigos que honram a representação política nordestina na Câmara dos Deputados. Primeiro, estive no Gabinete de Iberê Ferreira de Souza. Parabenizei-o pelo trabalho competente e limpo no relatório do Orçamento da União Federal para o ano que agora finda. Logo a conversa descambou (no bom sentido), para a personalidade **DJALMA MARINHO**, Deputado que tanto honrou e dignificou a representação de nosso Estado, em momentos decisivos da história política do Rio Grande do Norte. Segundo, estive com o Deputado José Luiz Clerot, da representação da Paraíba, que me levou até a sala da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, justamente denominada “**SALA DJALMA MARINHO**”, campo de batalha parlamentar onde o Deputado paraibano relatava um projeto sobre o rito sumário nos processos relacionados com as desapropriações de terras agricultáveis ociosas, para fins de Reforma Agrária. Terminada a sessão, passamos a falar sobre o mais ilustre e

digno ocupante da presidência daquela importante Comissão da Câmara dos Deputados. Emocionado, o parlamentar paraibano lembrou que em memorável sessão, na qual se prestava homenagem a **DJALMA**, os componentes da Comissão de Constituição e Justiça decidiram, por unanimidade, dar o nome de **DJALMA MARINHO** à sala onde ele havia de modo galante, intemorato e nobre, imortalizado o seu profundo respeito pela soberania do Poder Legislativo. "Foi nesta sala", disse orgulhosamente o Deputado Clerot, "que o **DJALMA MARINHO** negou-se a ser conivente, subserviente, às pressões do Poder Executivo, e isto no auge do regime de execução".

Silenciosa e pausadamente percorri a sala em toda sua extensão em busca de detalhes que evidenciassem a lembrança e a presença de **DJALMA** naquele recinto. Por trás da mesa diretora encontram-se, em posição de destaque, pela ordem, um busto de bronze de **RUI BARBOSA**, uma tela onde o artista retrata **TIRADENTES** diante do carrasco e um quadro, um retrato emoldurado, de **DJALMA MARINHO**, adornado pelas letras douradas que formam as palavras "**SALA DJALMA MARINHO**".

Na parede lateral, à direita de quem entra, encontra-se a galeria das fotos dos ex-presidentes daquela magna Comissão da Câmara Federal. Lá está, outra vez, o plácido retrato de **DJALMA**, o único parlamentar brasileiro a ter duas fotografias emolduradas naquele recinto. Uma como patrono da sala e outra como seu presidente, por duas vezes, em 1966/67 e em 1979. Ali encontra-se imortalizado **DJALMA MARINHO**, ladeado pelas fotos de outros dois Deputados que também exerceram a presidência daquela importante Comissão, **Lauro Leitão** e **Tarso Dutra**, respectivamente. Aliás, com **Tarso Dutra**, **DJALMA** teve uma curiosa experiência, comum no meio político, onde as coisas mudam repentinamente de figura, assim como as nuvens mudam subitamente de configuração no firmamento, segundo o saudoso **Magalhães Pinto**.

DJALMA chegou a ser escolhido para ocupar o cargo de Ministro da Justiça pelo Presidente **Costa e Silva**, mas foi

desconvidado de última hora por pressões do então presidente da ARENA (partido de sustentação do Governo), Senador Daniel Krieger, que queria o importante cargo para o outro Rio Grande, o do Sul. Daniel Krieger, dizia DJALMA, sem nenhum rancor, teria lhe confidenciado depois que fora o então vice-presidente Pedro Aleixo, mineiro, que teria lembrado ao Presidente a solução para o impasse: “Tire o Gama e Silva do Ministério da Educação, coloque-o no Ministério da Justiça e faça o Tarso Dutra, gaúcho, Ministro da Educação”. No dia seguinte, foi publicada uma nova relação do Ministério de Costa e Silva com as duas modificações que teriam sido sugeridas ao Marechal-Presidente para aplacar à exigência do Sul. “Foi uma surpresa geral”, dizia DJALMA, candidamente, inclusive para ele próprio que só ficou sabendo da notícia minutos antes da publicação pelo seu grande e íntimo amigo de longa data, Senador Dinarte Mariz, a quem chamava ternamente, em tom de brincadeira, de “minha cota de sacrifício sentimental”, sempre que lhe cobravam a fidelidade daquele velho e tradicional homem público potiguar que foi Dinarte Mariz.

DJALMA era assim. Não guardava rancores dos insucessos políticos, partidários ou eleitorais. Disputou, em 1957, com Carlos Lacerda, a liderança de seu partido, a UDN, mas foi derrotado, segundo confidenciou a Antônio Teixeira Júnior, jornalista de “O GLOBO”, por uma frase atribuída ao então Deputado por Minas Gerais, Pedro Aleixo, que teria dito numa reunião da cúpula do partido: “DJALMA é nordestino demais para ser líder da UDN”. Ele contava esse episódio, descontraidamente no bar do Hotel Nacional, em Brasília, com graça nordestina e humor britânico, sem qualquer sinal de rancor ou mágoa.

Quando foi derrotado para o Governo do Estado, em 1960, por outro titã da vida pública do Rio Grande do Norte, Aluizio Alves, numa das mais memoráveis campanhas cívicas destas plagas potiguares, DJALMA dignamente reconheceu a vontade das urnas e prontamente desejou ao vencedor sucesso na árdua e hercúlea tarefa de governar o Estado. Os votos e as felicitações oferecidas por DJALMA ao recém-eleito, ao que tudo

indica, foram sinceras, pois Aluizio Alves conseguiu realizar uma administração que marcou época na história política do Estado.

Por ocasião do desfavorecimento das urnas na campanha para o Senado, contra Agenor Nunes de Maria, tragado na avalanche peemedebista de 1974, ao ser lisonjeado por políticos nos corredores do Congresso Nacional em Brasília que lamentavam o seu insucesso e lhe diziam “Cada povo tem os representantes que merecem”, DJALMA filosoficamente perguntava “E nas vezes em que fui eleito, também se aplica o mesmo axioma ?”.

Quando foi derrotado para Presidência da Câmara, por pressão exagerada e escancarada do executivo que não lhe perdoava a altivez democrática no rumoroso episódio Márcio Moreira Alves, eleição na qual foi sobrepujado pelo modesto e flexível Deputado Nelson Marchezan, do Rio Grande do Sul, DJALMA recebeu, no mesmo dia, a notícia de que o Diário Oficial publicara a demissão de dois familiares seus, ocupantes de cargos federais. A isso tudo ele reagiu resignada e filosoficamente com o seguinte desabafo: “Isso não foi uma derrota, foi uma surra, um massacre”. E só disse isso.

DJALMA era incorrigivelmente apaixonado pela terra potiguar. Algumas vezes tive oportunidade de recebê-lo, juntamente com a esposa, para jantar em minha casa em Brasília onde, por mais de vinte anos, exerci o magistério na Universidade de Brasília, UnB. Numa dessas ocasiões ele nos deleitava com a narrativa de um fato que bem ilustra seu apego à terra onde nasceu. Naquela noite, historizou seu encontro com um conterrâneo de São José de Campestre, que trabalhava na feira livre do Núcleo Bandeirante. Identificando-se com o feirante perguntou-lhe: “Está gostando daqui ?”. E o conterrâneo emocionado respondeu: “Doutor, terra boa prá se ganhar dinheiro é essa daqui. Mas terra prá se querer bem é a nossa Terra. Tô doido prá chegar o fim do ano, prá passar as férias lá, com meus pais e meus amigos”. E a partir daí falou, quase ininterruptamente, sobre o processo de expulsão dos nordestinos de suas origens para tentar a vida no Sul e no Centro-Oeste “maravilhosos”.

DJALMA possuía, além da longa experiência política, uma sólida formação jurídica e humanística. Sua cultura e seu saber jurídico vêm de muito longe. Vêm da velha e tradicional Escola do Recife, a vetusta Faculdade de Direito do Recife, onde foi discípulo dos mestres Anibal Freire, Laurindo Carneiro Leão e tantos outros catedráticos que, no auge do autoritarismo dos anos 30 e 40, ensinaram-no a amar a liberdade e a respeitar as leis. Formando, retornou ao Rio Grande do Norte onde militou como advogado até 1946. Eleito Deputado Estadual Constituinte naquele ano, foi relator da Constituição do Estado na redemocratização. Essa Constituição, fruto de seu trabalho, foi considerada por muitos juristas brasileiros, no tocante ao direito individual e às liberdades públicas, como a mais aperfeiçoada de todas quantas foram elaboradas no Brasil, naquele ano, incluindo-se aí a própria Constituição Federal. Este feito era um dos maiores (e poucos) orgulhos pessoais de DJALMA MARINHO.

Na esfera federal, como já aludido, ele também deu repetidos exemplos dessa sua indissimulável fidelidade às liberdades individuais, públicas e institucionais e de sua preocupação com o indivíduo enquanto ser humano. Seu humanismo brotou da leitura dos clássicos da Literatura, da Filosofia e da História, especialmente da França. DJALMA sabia de cor páginas e mais páginas do Poeta Baudelaire, que gostava de recitar nas tertúlias e nas noitadas no bar da torre de bronze do velho Hotel Serrador, no Rio de Janeiro, e no bar do Hotel Nacional, em Brasília. Sua filosofia de vida e seu Direito eram franceses. Suas maiores inspirações políticas e oratórias eram a grande Revolução Francesa de 1789, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e do Cidadão, e a Revolução Americana de 1776. Seus heróis eram Locke, Montesquieu, Rousseau, Voltaire, Jefferson Hamilton e todos que pugnaram pelas liberdades individuais, públicas e institucionais.

No meu último encontro com DJALMA, no seu apartamento na Capital Federal, pouco antes da viagem para Natal, onde veio a falecer, pediu-me para traduzir umas correspondências recebidas da Biblioteca do Congresso dos

Estados Unidos, em Washington, relacionadas com a Constituição norte-americana. Talvez por tudo isso fosse tão difícil para DJALMA MARINHO conviver com qualquer tipo de autoritarismo, institucionalizado ou não.

Depois de seu encantamento, que se deu em Natal na madrugada de 26 de janeiro de 1981, DJALMA recebeu inúmeras homenagens e demonstrações de reconhecimento, algumas já referidas acima. Cumpre salientar, ainda, dentre as muitas expressões de estima, as seguintes: O Centro de Convivência “DJALMA MARINHO”, espaço aberto no Campus Universitário da UFRN para conagração da comunidade universitária; aposição de seu nome a uma rua no bairro de Lagoa Nova, nesta capital; a iniciativa da Câmara Americana de Comércio de lançar na Internet uma “Home Page” no Banco de dados e Acompanhamento Legislativo, com a chamada DJALMA, onde se pode encontrar uma série de informações sobre a sua atuação parlamentar; a edição, pela Câmara dos Deputados do Volume n.º 25, dos “Perfis Parlamentares”, dedicado à sua vida pública; a homenagem de Diógenes da Cunha Lima que escreveu-lhe, num gesto de reverência sublime, afetiva e monumental, o esboço biográfico e humano intitulado “O Homem que Pintava Cavalos Azuis”, a atitude do Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Região, na presidência proficua e pioneira do Dr. José Vasconcelos da Rocha, que instituiu a Comenda DJALMA MARINHO, conferida por relevantes serviços prestados à Justiça Laboral no âmbito de sua jurisdição; a lembrança deste escriba, por ocasião dos dez anos de seu desaparecimento, que consistiu em publicar, num dos jornais de grande circulação desta capital, um artigo analítico intitulado “Dez anos sem DJALMA MARINHO”, e last but not least, o rico e exuberante anedotário que o povo do Rio Grande do Norte, em sua multissecular sabedoria, dedicou-lhe, repleto de estórias formidáveis que vão de Zé Areia ao Papa.

Estou escrevendo esta página na obrigação cidadã de chamar a todos nós norte-rio-grandenses o dever que temos de estudar os feitos dos que exerceram atividades públicas como

nossos representantes e mandatários. A carreira de DJALMA MARINHO engrandeceu a História do Rio Grande do Norte e enalteceu o parlamento brasileiro por mais de trinta anos. Dele pode-se dizer que ao longo de seus mandatos foi digno, competente e fiel à Democracia. E, com licença de Diógenes da Cunha Lima, permito-me acrescentar: DJALMA foi um **cérulo paladino**, montado no pégaso magicamente pintado de azul de Metileno, que deixou a potiguarânia cósmica flutuando rumo ao horizonte que, se às vezes, parece emoldurado por um arco-íris, outras tantas, apresenta-se plúmbeo. Ao encantar-se, o paladino DJALMA trocou definitivamente e Diogeanamente o lusco fusco da gruta dessa existência terrena pela Cérula, Constelada e fulgurante esfera em que agora habita na condição de "encantado", como dizia Cascudo.

*(João Batista Cabral é professor aposentado da Universidade de Brasília, UnB e pertence à Academia norte-rio-grandense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.)

RELEMBRANÇAS

Nilson Patriota

“Minha vida tem sido um conto mal contado” – Dindinha Clarinha nos dizia. Conquanto sempre a ouvíssemos repetir esta frase, que nos soava de forma um tanto subjetiva ou filosófica, éramos crianças e jamais chegáramos a entendê-la. Pensávamos que se tratava de uma sentença ligada à arte insuperável de se contar estórias, na qual aquela nossa tia-avó materna era um fenômeno ! Os contos que ouvíamos de seus lábios eram tão belos, tão fantásticos, que emudecíamos e ficávamos longo tempo a sonhar acordados, até adormecer e sonhar novamente dormindo.

Quem sabe se citada frase não teria na verdade sua razão de ser !? ... Entretanto, caso tivesse, não há como explicá-lo, por não sabermos bem o que Dindinha pretendia transmitir. O que sabíamos, no entanto, é que a nossa Dindinha era um prodígio ! Suas estórias, tão cheias de encanto, faziam parte de um ritual, vez que era hábito em nossa casa os adultos, à noite, reunir as crianças para a narração de contos que as entretecessem e as ajudassem a Ter bons sonhos ao adormecer. É que as estórias, além de estimular a imaginação das crianças para a criatividade, também as instruíam, pondo-as em contato com a realidade literária que, à falta de livros, então extremamente escassos, não lhes era fácil alcançar. Ademais, os contos de mouras tortas e princesas encantadas tornavam-se bem comportadas e quietas. Sinal de que não perturbariam o ambiente quando os adultos estiverem conversando na sala de visita sobre os fatos do dia, a política, o comércio, a agricultura, a criação, os tempos bons ou maus.

Na antiga vila de Touros não dispúnhamos de energia elétrica nem de ruas pavimentadas, como agora. As ruas eram arenosas, já que as casas tinham sido construídas sobre as dunas que ondulavam entre o rio e o mar. Para a meninada, brincar na areia alvinha dos morros era uma delícia, e nada pode atraía mais uma criança do que um areal onde ela possa correr, pular, deitar-se,

revolver-se, espojar-se. Sobretudo quando a saúde é exuberante. Antigamente, então, quando a maioria das coisas ainda não tinham sido inventadas, e raríssimas eram as diversões disponíveis. Nos lugarejos primitivos o tempo propício para se brincar na rua dependia de vários fatores. O mais importante era a lua. Nas noites de lua as meninas brincava de cantigas de rodas, e os meninos de “tica” e “capitão-amarra-a-negra”. Nessas noites mágicas, energéticas, em que podíamos correr ao ar livre, despreocupados do temor e das surpresas das trevas, ficávamos possuídos de um frenesi tão grande que achávamos difícil parar. Então, para que pudessemos conciliar o sono, fazia-se necessário que nos entretecem com estórias que nos apassivassem o ânimo e limitassem a excitação. Assim, já banhados e livres da poeira que se grudara em nossos corpos por ocasião das correrias, nada mais tínhamos a fazer a não ser deitar e dormir. E o sono? Para onde tinha, naquelas noites esplêndidas, viajado o sono? Era aí que entravam em ação as contadoras de estórias.

Nosso calmante eram as estórias encantadas, os contos de fadas emanadas das *mil e uma noites* da fantasia árabe, das aventuras dos cavaleiros andantes medievais e das peripécias dos heróis saídos da mitologia folclórica e da literatura de cordel, tudo juntos com as narrativas e cantos dos autos populares, como o fandango, a chegança, o pastoril.

Imagine o leitor a ausência de tudo quanto atualmente ajuda a conter e a controlar a dispersão e instintiva liberdade infantis, como o rádio, o som melódico, a televisão, o cinema, a iluminação elétrica, com suas múltiplas motivações de reuniões, esportes, passeios, etc., e, agravando mais a falta de tudo isso, uma casa repleta de crianças saudáveis e necessitadas de despender energia; crianças que não tinham aonde ir nem o que fazer, reclusas, à noite, entre quatro paredes, num ambiente cheio de sombras cambiantes e apenas difusamente iluminado pelo bruxuleio dos candeeiros e lamparinas. Daí porque, nas noites claras o areal da rua, isento de obstáculos, banhado na expletiva claridade lunar, transformava-se num convite irresistível, energético, radioso, mágico.

Era mesmo necessário que se contassem estórias...

Minha mãe as contava. Oda, nossa ama, também. Todavia, nada podia se comparar à catarse, ao efeito soporífero dos contos encantados que eram narrados com pendor artístico, minúcias de detalhes, impressionante e fantástico realismo, por aquela cândida criatura de tez suave, alabastrina, de olhos azuis, líquidos, translúcidos, a quem simplesmente chamávamos Dindinha Clarinha, tia de nossa mãe e nossa tia-avó.

Acredito que somente a narrativa nostálgica e memorável de seu Nicolau, o sardo, podia causar sobre mim um efeito semelhante, vez que ele falava a respeito de coisas parecidas com meus próprios sonhos e receios, referindo-se ao vento

Dindinha Clarinha quando mocinha fora professora e talvez por isso mesmo gostava tanto de ler. De personalidade forte, mesmo assim era dotada de um temperamento afável e de uma ternura cautelosa mas comovente, sobretudo quando se tratava de lidar com crianças. A maior parte de seu inesgotável repertório de contos, creio que provinha das *Mil e uma noites*, levado ao seu conhecimento pela copiosa leitura de livros a que tivera acesso quando estudante no Colégio das Carmelitas, da Bahia. Outra parte vinha da tradição oral, fresca e muito bem conservada em sua prodigiosa memória.

Casara muito jovem e em poucos anos se tornara viúva, morando, então, no Rio de Janeiro. Ao morrer-lhe o esposo, sentiu-se carente e buscou apoio no seio da família. Então, voltou a Touros para viver perto dos seus. Tinha apenas dois filhos, Trajano e Pompeu, preito às homônimas e célebres personagens romanas cuja história conhecia através de leitura. Ambos os filhos, inclinados a seguir a carreira do pai, foram pilotos mercantes e levaram a vida toda apostando em quem chegaria primeiro aos cafundós do mundo. Uma luta inglória, uma guerra perdida, quando se chega por fim à simplória conclusão de que todas as terras com as cidades se parecem entre si e a humanidade é sempre a mesma.

Boa Dindinha! Dos contos que nos contava, tenho para mim que o mais comovente era aquele em que, todas as manhãs, um rei irado entregava à cimitarra do carrasco a mulher com quem à

noite desfrutara dos prazeres do amor. Não lhe importava que a moça tivesse sido escolhida entre as mais formosas beldades de seu populoso harém, constituído dos mais belos rebentos femininos das famílias mais ricas e importantes de seus vastos domínios.

E assim, enquanto o vento leste soprava, gemendo nas frondes altaneiras do quintal de nossa casa, enchendo de presságios nossa alma ainda implume, delicada, impressionável, legiões de mouras tortas, fadas encantadas, cinderelas, gênios e paladinos se sucediam como protagonistas da intricada teia de confabulações políticas, intrigas palacianas e trepidantes aventuras, que somente a imaginação coletiva duma humanidade irrequieta e sonhadora poderia ter urdido, através dos milênios, com tanta perfeição.

Tenha-se em vista que o ambiente era propício. Sobretudo nos meses de inverno, quando os temporais tornavam as noites mais longas e escuras. Nessas noites de ventos fortes, impetuosos, friorentos e gemebundos, tínhamos de ser retidos em casa, pois era impossível se brincar na rua encharcada, transformada em poças d'água ou em lagoa.

Mas o período chuvoso passava cedendo lugar à estação seca. Com o estio chegavam as noites maravilhosas, desfrutáveis, quando o luar despejava frescor e claridade sobre a vila, recarregando as baterias da meninada. Era a época dos ventos bons. *O nordeste ou vento largo, o noroeste, o vento oeste e também o vento sul.* Este soprava crestando os casulos e a folhagem dos algodoads, queimando as vingas das mangueiras e os maturis dos cajueiros.

De tanto observar a suavidade ou a força dos ventos circulantes, correndo pelo mistério das noites, ao longo da insônia intermitente que me marcou a infância, por eles me tornei fascinado, escravo de seus sortilégios, comparsa de suas fantasias. E havia ainda mais seu Nicolau, um velhinho de jeito matreiro, com uns olhos marejantes e uma prosa cordial e amena que conquistara o nosso coração.

Seu Nicolau chegava lá em casa à noitinha e conversava horas com meu pai. Em geral falava sobre as coisas que

aconteciam em seu pequeno mundo, mas também – e de forma compulsiva – acerca do vento, que teria sido bom ou mau; beneficiado ou prejudicado a pescaria, o gado, a lavoura, naqueles dias ou período.

Segundo era corrente, nascera na Sardenha, uma ilha de rochas vulcânicas erguida pelas erupções no mar primitivo. Desta ilha longínqua e cheia de penhascos, distando cento e cinqüenta milhas da costa da Itália, era do que seu Nicolau mais gostava de falar. Filho de pescadores sardos, ali nascera no início da década de 1870. Tinha vinte anos quando um dia sonhou com o mundo exterior. Então, contrariando a vontade de seus familiares e enfrentando a oposição dos amigos, embarcou no cargueiro *El Greco* e deu com os pés no continente. Da Itália transferiu-se para o Brasil em busca de sua sorte. Percorreu vários Estados e esteve em algumas capitais. Sonhava em ser comerciante. Embora lhe faltasse o dinheiro necessário para abrir o negócio, jamais desistiu. Trabalhou em todo serviço pesado que encontrou. Um dia verificou que já possuía alguns trocados. Contou o dinheiro e viu que era ainda insuficiente para se estabelecer, mas dava já para iniciar um negócio ambulante. Então resolveu ser mascate, condição em que chegou ao Rio Grande do Norte. Vendendo bugigangas, viajando de burro ao longo do litoral, afeiçãoou-se a uma mulher simples e boa com quem se casou. Por alguma força maior de seu destino, fixou-se como comerciante em Touros, onde ganhou algum dinheiro e chegou a ser considerado próspero e rico.

Não obstante aquele sotaque carregado e a dificuldade de pronunciar certas palavras, era uma coisa apreciável ouvir seu Nicolau. Falava de sua terra como se tivesse chegado da Itália na véspera, tão claras e nítidas eram as imagens que guardava. Com mais de setenta anos, sentia uma saudade obsessiva da Sardenha, mas estava consciente de que jamais regressaria à pátria onde os parentes mais próximos já haviam morrido. Talvez por isso mesmo mais se apegava às suas lembranças e nostalgias.

Era interessante e instrutivo ouvir aquele homem velho e rude falar de coisas delicadas, como flores, por exemplo, exaltando a beleza da **machia**, a flor amarela e branca que um certo Napoleon preferia às demais; referiu-se à **caberecola** carregada de frutinhas vermelhas, tão saborosas quanto o morango, e também à **guarcia**, ao carvalho nativo cuja casca era exportada para o continente, onde se transformava em rolhas de garrafas do famoso vinho sardo, de buquê apurado, tão fino e nobre que não podia viajar engarrafado. E falava, também, acima de tudo, sobre o vento.

Assim como nos contos das *Mil e uma noites*, narrados por Dindinha Clarinha, a estória que mais atraía, e também revoltava, era a do rei sanguinário que entregava à cimitarra do carrasco a mulher com quem passava cada noite, na narrativa emocionada de seu Nicolau agradava-me a denominação de cada vento.

Havia o **mistral**, o **ponente**, a **tramontana**, o **grecale**, o **levante**, o **simum**, o **sirocco** e assim por diante. Alguns eram ventos brandos e calmos, outros, ventos impetuosos, destrutivos, renitentes. Quentes, os que eram soprados pela fornalha ardente do **Saara**; frios, aqueles que envolviam a ilha e a península numa névoa leitosa. Mas o **mistral**, o **levante** e o **ponente** eram brisas suaves, virações brandas e bonançosas que alegravam o coração, inclinando-o para o amor.

Descritos por seu Nicolau, os eventos me fascinavam.

Anos atrás, viajando pelos pampas, pude compreender o porquê do fascínio da conversa de seu Nicolau. O vento sempre tinha me fascinado. Naqueles dias, o **minuano** soprava da Patagônia regelando o planeta. Em Santa Rosa eram poucas as pessoas que se atreviam a sair à rua. As poucas com as quais me encontrei pareciam tristes, indiferentes. Envoltas em seus capotes de pele tomavam a aparência de ursos deprimidos. Cheio de energia e bem abrigado, entrei numa cantina e bebi várias *botellas* de vinho, comi peixe e churrasco. Saciado da fome que o frio me dava, paguei a conta e saí para a rua. De repente senti o impacto

do vento, sua navalhada fria penetrando-me na carne, na medula dos ossos. Por pouco não fiquei congelado, como uma estátua decorando uma praça. Soprava, intenso, o **minuano**. Então corri para o hotel, onde bebi conhaque, envolvi-me num edredão e adormeci. Naquela noite sonhei com um mundo lunar frio e deserto, onde o vento unicamente existia, gemendo eternamente nas profundas crateras de água congelada da lua e nos mares silenciosos e sombrios como geleiras.

Ao chegar a Buenos Aires, o sentimento de exílio ainda me perturbava. Tinha uma nítida impressão de que o **pampeiro** me desfigurara a alma, fazendo-me sentir como nos tempos em que o vento trazia as fantasmagorias noturnas, os monstros mitológicos, os duendes das trevas. Aqueles seres noturnos que rondavam a casa e subiam ao telhado para, lá de cima, através de uma rachadura da telha, amedrontar as crianças insones.

Não há dúvida de que vem da infância o medo que reside nas profundezas de cada um de nós, bem como a iminência do perigo, verdadeiro ou não, que o desperta. Por algum mecanismo que desconheço, geneticamente deve ter sido preservado no ponto mais recôndito de cada uma de nossas células.

“Soprai, ó ventos brandos ! - declamava Dindinha Clarinha, no final de seus contos, para afastar de nós o sobosso e nos fortalecer. - Que os ventos impetuosos sejam raros, e doce venha o amanhecer”.

Ao que hoje eu acrescentaria: - Que os fantasmas que gemem e voam dentro das ventanias noturnas, desfaçam-se prontamente, ao simples toque de uma mão infantil sobre um computador, que de pronto incandesce a lâmpada milagrosa inventada por Edson para afastar os presságios das noites e conciliar a alma infantil tão cheia de curiosidades e de receios.

HOMERO HOMEM E A 1ª SEMANA DE CULTURA NORDESTINA

Manoel Onofre Jr.

Considerado um dos maiores poetas brasileiros, o nordestino-grandense Homero Homem distingue-se no cenário pós-Modernismo não só pela qualidade, mas também pela quantidade da sua obra poética: nada menos de 18 livros. Além de poeta, HH foi, também, ficcionista, e com algum mérito, especialmente na literatura infanto-juvenil. Seu “Menino de Asas” já vai na 22ª. edição, e “Cabra das Rocas”, outra novela de sucesso, cuja ação, aliás, transcorre em Natal, é o único livro de ficção potiguar já traduzido (“**Gente delle Rocas**”) - tradução para o italiano, por Laura Draghi e Danuza Garcez Ourique (Editora Giunte Marzocco, Florença, 1977).

Homero nasceu no Engenho Catu, município de Canguaretama, a 5 de janeiro de 1921, mas viveu sempre, desde jovem até morrer (1991) no Rio de Janeiro, onde projetou-se, também, como jornalista, e professor universitário.

O ano de 1978 assinalou o reencontro do escritor com a sua terra. Foi durante a 1ª. Semana de Cultura Nordeste, promoção da UFRN, com apoio do Governo do Estado, da qual ele foi um dos principais artífices. Nessa semana memorável, Natal teve oportunidade de acolher alguns dos mais ilustres intelectuais brasileiros. Gilberto Freyre, Afrânio Coutinho, Rubem Braga, Osman Lins, Eduardo Portela, R. Magalhães Jr., entre outros, aqui vieram proferir palestras e participar de debates com escritores da terra.

O êxito retumbante do empreendimento, como já disse, deveu-se, em grande parte, a Homero Homem. Foi ele, com o seu prestígio nos meios literários do Rio, que conseguiu trazer à Província toda aquela constelação de escritores. Mas, ao invés de colher os louros, que legitimamente lhe cabiam, teve a sua participação subestimada pela mídia, e houve até quem lhe

atirasse pedras, como ele próprio me confessou, em carta de 07/11/78.

Acho interessante transcrever aqui alguns trechos desta carta, pelas revelações, que faz, sobre os bastidores da nossa vida literária, entre outras coisas.

Referindo-se a um escritor potiguar, residente no Rio, não convidado para a Semana — o que gerou incompreensões —, diz Homero: “. . . o que funcionou bem na Semana foi creditado a terceiros (v. JB do Rio, página inteira do 2º caderno, na qual eu não existo pra nada, nem mesmo para atrapalhar...). Quando a coisa não deu certo, aí sim, o negócio “ foi responsabilidade do HH “... Ora, sempre sonhei com aquela Semana, recusei-me sistematicamente por mais de 20 anos apenas para ir aí comer e beber por conta do estado ou de quem quer que fosse, portanto só pela alegria individual de “manter saudades” ou de passear minha vaidadezinha de escritor pelas ruas de Natal. Iam magotes de escritores e “escritores” e sempre respondia que tinha medo de avião e pronto; eles se esqueciam de mim. Mas, a primeira vez que me pediram que voltasse aí e devolvesse aos jovens um pouco do que aprendera nos livros, na banca de professor universitário, na meditação e até à base de m / erros (numerosos) e desacertos pela vida a fora, também um pouco, quem sabe ? daquilo que ficara depositado na pele e no mais fundo do coração da minha poesia e da minha pobre prosa, aí, eu (que esperara mais de 20 anos por esta oportunidade e me recusara, delicadamente, a voltar aí até em companhia de um Presidente da República) peguei o avião, cheguei, dei meu recado e voltei. Mas para que isso acontecesse foi necessário que surgisse uma Universidade em Natal e que toda uma mentalidade geracional e cultural começasse a mudar para melhor. Lembro-me ainda do que disse ao pró-Reitor Cláudio Emerenciano na visita de 76: “agora só volto de novo em companhia de valores nordestinos de todos os quadrantes para reuni-los aqui e para que todas nós juntos comecemos a devolver ao Nordeste um pouco de muito que ele nos deu: a oportunidade de ter nascido aqui; pagar talvez na única moeda

com que possamos pagar esse privilégio: uma Semana Cultural Nordestina reunindo seus valores para que estes devolvam com juro um pouco do que aprenderam e do que já nasceram sabendo...” Era a semente da “Semana” que germinou tão bem no solo novo da Universidade, e contou, para realizá-la, com gente da estirpe do Reitor Domingos Gomes de Lima, do Governador Tarcísio Maia, do Sanderson Negreiros, até do novo Governador, Lavoisier Maia, via sua mulher, que, de certo modo o representou no almoço realizado no hotel Othon Copacabana, também presentes a Professora Marlúcia e uma mocinha de Caicó, secretária e prima desta última. Foi nesse almoço de reencontro com o Reitor Domingos, que voltava cheio de planos, convênios e marcos alemães para investir na nossa Universidade, que eu falei pelos cotovelos sobre a futura Semana e a necessidade de fazê-la, propus o temário para a mesma e nomes a serem convidados, dentro de critérios impessoais e altos. Exemplo que partia de casa : tinha eu uma única desafeição no ambiente literário do Rio – Ledo Ivo – e o fato era notório. Pois bem: foi ele a primeira pessoa que convidei em nome da Reitoria e tornei claro que a sugestão partira de mim e que o convite era extensivo à sua mulher, Leda. Queria caracterizar com esse gesto, que tinha lá o seu simbolismo, que o Nordeste e o Brasil são maiores do que as nossas pobres desafeições e desencontros humanos. Achava que a hora da abertura cultural brasileira estava próxima e a Semana poderia se tornar o símbolo dela – e a antecipação dessa aurora democrática que vinha sendo transformada em dia pleno de solaridade pelo Presidente Geisel.

Resumindo e encerrando, meu caro Onofre Júnior: como resultado de tudo, no plano local e nacional : a tão sonhada abertura pluricultural e uma alta lição universitária e humanística (apesar do baixo nível de alguns debates e de certas idéias jogadas na liça ... e no fundo dos bares de Natal ... – o joio acompanhando o trigo, como em todos os tempos). E no plano pessoal ? Um quatro inimizadas ferozes, calúnias, tentativas de esvaziamento de meu pobre nome de escritor profissional nos cadernos literários e de noticiário cultural de alguns grandes jornais ...

Mas, como diz a minha filha caçula tentando consolar-me: “Deixa pra lá, pai, até que foi bom. O único defeito da Semana pra mim foi não ser tempo de caju. O senhor vivia me dizendo que caju dá pendurado de castanha pra debaixo, mas desconfio que é pra cima. Não vi nenhum, pois não era tempo de safra. “

Em dezembro será. Quem sabe se não irei aí lançar obstinadamente a semente de meu livro de amor ecológico e humano à terra, debaixo do cajueiro de Pirangí ? Pelo menos pode cair algum em cima de mim, o que é infinitamente mais seguro e melhor do que fazer tarde de autógrafo embaixo de coqueiro, por exemplo... Pois, como diz Machado, é melhor cair das nuvens do que do terceiro andar; (o caju é aqui a nuvem machadeana; o coco verde é o terceiro andar). Releve, estou apenas alegorizando, para me consolar da pedrada humana, seja ela ideológica, desengajada ou, simplesmente, gratuita.

Com desculpas pelo tamanho deste bilhete que virou epistola aos coríntios, afetuoso abraço do

Homero Homem.”

VI

Reflexões

REFLEXÕES COM ALGUMAS RIMAS

João Wilson Mendes Melo

A sabedoria e as consciências

*Sobre o campus imenso da Universidade,
Seus laboratórios, suas salas de aula
Onde se deseja desenvolver a inteligência,
Crescer o conhecimento e a sabedoria,
Pairava um silêncio
Indicador do trabalho mental e da meditação.*

*Nos pátios de estacionamento
Adultos e menores sujos, sem instrução, sem escola,
Varrem e lavam carros que os pés dos homens
E a poeira da cidade sujaram.*

*Terminam as aulas, esvaziam-se as salas
Os pátios e jardins se enchem.
Nuvens de pó dos ventos de agosto
Pulverizam os limpos e os sujos,
Os instruídos e os analfabetos.*

*Minutos após,
Com a força do vento, uma neblina
Tenta lavar o que a poeira sujou,
Molhando a todos, cabeças e braços,
Livros, cadernos, vassouras e panos de esfregar.
Tudo é molhado, indistintamente,
Pela água que cai, pulverizada e fina,
Menos as consciências e a sabedoria
Que são imunes à luz e ao calor do sol,
E à neblina fria.*

O clamor dos inocentes

*É o maior e o mais alto dos grandes clamores
Que a consciência castiga e a alegria consome:
Quatrocentos milhões de crianças no mundo
Que se deitam à noite e não dormem, com fome!*

*Eis por que, de agora e para sempre,
No silêncio da noite,
O universo total em susto acordará
E, tranqüilo dormir, nunca mais poderá,
Enquanto ouvir soar, como justos açoites,
O choro inquietador da infância condenada;
Da inocência a sofrer, retorno aterrador
Dessa voz infernal das armas que forjou,
Sem os frutos da terra que tão mal cultivou.*

A mulher e a exposição de arte

*Pouca distância havia
Entre mim e os quadros a óleo, magníficos,
De casario e natureza morta,
Que admirava nas formas e nas cores,
No que havia de belo
Que o gênio do artista sempre exorta.*

*Eis, no entanto, que entre mim e os quadros
A figura maior da natureza viva
Passou, ganhando em forma e em cores
Com o acréscimo feliz dos femininos odores:
Um corpo de mulher, onde Deus por sua iniciativa,
Marcou para o artista o divino modelo
E para os homens e toda a criação
A obra maior da eterna perfeição.
E o trabalho do homem antes tão belo*

Se apagou.

Não houve mais do artista o tão recente encanto.

A exposição de arte se ofuscou.

REFLEXÕES DE MARIA EUGÊNIA.

Solução da Lágrima

Jesus disse no sermão da montanha: Bem-aventurados os que choram porque eles serão consolados.

Na minha fonte de lágrimas eu tenho sentido a presença de Cristo em meu coração. Minhas lágrimas não são amargas, nem salgadas, nem doces. Elas têm um sabor diferente, como se de minha alma vertesse paz. Sim, paz, porque são vertidas suavemente, impregnadas do amor de Deus. Ele está comigo. Ele sabe que posso suportá-las, senti-las correndo pela minha face, como um rio tranqüilo e manso, a percorrer os caminhos do coração. Chorar nos dá conforto. Nossa alma se compraz na dor que flui do nosso âmago, como bálsamo que cicatriza todas as feridas.

Nós sabemos que milhares e milhares de pessoas choram neste Vale de Lágrimas, pela perda irreparável de um ente amado, querido: aquele que partiu para um país distante e nunca mais há de voltar; aquele que deixou uma saudade imorredoura, uma distância infinita, como o além que não se toca.

Onde estará o nosso ente querido? Certamente, o Senhor o tomou a seu lado, quer em forma de anjos com seus rostos infantis, quer em forma de santos, como cristãos que souberam amar e servir aos seus semelhantes, como os apóstolos, São Francisco de Assis e Santo Agostinho. Estes são os eleitos, aqueles que souberam viver, que conheceram a palavra e louvaram o nome do Senhor. Certamente, estão gozando nos céus as delícias dos seus galardões.

Chorar faz bem à alma. Ela se aquieta dentro do peito e nos faz sentir a presença do Altíssimo.

Perdeste um ente amado? Chore, chore, chore. Verás que um manancial de paz inundará o seu coração, que se aquietará dentro do peito, assim como uma criancinha adormece nos braços de sua mãe.

Estás feliz ? Chore também que a felicidade é um sentimento nobre da vida e, às vezes, choramos de alegria. Se chorares, sentirás a teu lado a presença daquele que enxugará tuas lágrimas e ficarás esperando a resposta do Evangelho: “Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão”.

Sê forte na dor. Chore de alegria ou de tristeza.

Chorar de alegria é uma dádiva.

Chorar de dor é uma bênção.

Variações Sobre Cantares de Salomão

Rosa de Saron o Lírio dos Vales

Eu sou a rosa de Saron, o lírio dos vales. Como rosa entre espinhos exalo o meu perfume e, como lírio, sou um copo de leite para ofertar ao meu amado.

Sob as sombras da macieira me assento e provo o doce sabor do seu fruto.

Vou à sala do banquete e o amor é o nosso estandarte, balançando ao vento.

Sustentai-me, amado meu, com passas e maçãs, para saciar a fome do nosso amor.

Que a sua mão esquerda esteja sempre sob a minha cabeça e a mão direita não deixe nunca de me abraçar.

Quando estivermos dormindo, ó filhas de Jerusalém, não nos acordem gamos e gazelas, para despertar o nosso sono.

Ouçõ a voz do meu amado que vem de longe; saltando sobre montes e outeiros, como gamos que saltitam nos relvados.

Ele me diz: levanta-te, amada minha, vem adoçar a minha boca com os teus beijos.

Eis que o inverno passou e as chuvas cessaram. Agora, aparecem as flores que perfumam os campos. Ouve-se o canto dos pássaros e o arrulhar dos pombos.

As figueiras já deram os seus frutos e as vides se enchem de cachos de uvas.

Levante-te, formosa minha e vem pomba minha. Quão bela és entre as mulheres. Mostra-me a tua face e embala-me com a tua voz.

Não deixes que as raposas e rapozinhas façam mal às vinhas. Queremos nos embriagar de amor.

Antes que o dia durma e caiam as sombras, volta, amada minha, faze-te semelhante às gazelas que saltitam sobre os montes.

Eu sou do meu amado e o meu amado é meu. Ele apascenta o seu rebanho entre os lírios.

A Sulamita

Sulamita minha que veio do deserto e que debaixo da macieira viu a luz do dia.

Quero que o amor sele os nossos corações e será sempre forte como a morte. Brasas de fogo são labaredas do nosso amor.

Não há águas que apaguem esse fogo, ó Sulamita, pomba minha! Tu estás perfumada de mirra, de incenso e dos aromas do oriente.

Onde está o teu amado, ó Sulamita? Ele desceu ao seu jardim, aos canteiros de bálsamo, para se alimentar e colher os lírios.

Quão formosa és tu ó Sulamita! Tudo em ti me deslumbra os teus olhos como os das pombas entre teus cabelos de ébano e os teus dentes, puro marfim. As tuas faces são pedaços de romãs e os teus lábios, favos de mel e o teu falar é doce.

Sulamita minha, pomba minha, bem-aventurada. Rainhas e reis te louvarão.

Quando apareces és como a alva do dia, formosa minha. És, bela como a lua, brilhante como o sol. És um desfile de bandeiras.

Tu és um jardim de delicias e um pomar de frutos mais doces do que o mel. És um poço de águas vivas que correm do Líbano! Levanta-se o vento norte e o vento sul, que assopra no meu jardim, onde se derrama os seus aromas.

Vem, Sulamita minha, vem! Vamos comer os frutos excelentes do nosso pomar de noqueiras. As vides florescem e brotam as romeiras.

Vem, ó Sulamita minha. Tu és uma fileira de dois exércitos.

* *

Amado meu, vem. Aqui estou debaixo da macieira, onde vi a luz do dia.

Põe-me como selo sobre o teu coração e como selo sobre o teu braço, porque o nosso amor é mais forte que a morte e o ciúme duro como a sepultura. As suas brasas, de fogo, labaredas do Senhor.

*O nosso amor jamais poderá ser apagado pelas muitas águas,
nem pelos rios poderá ser afogado.*

*A minha vinha está diante de mim e mil peças de prata tenho
para te ofertar, ó amado meu. Faze-me pois ouvir a tua voz.*

*Vem depressa, amado meu, veloz como os gamos e os veados
sobre os montes dos aromas.*

**

Variações Sobre O Salmo 104

*Vou viajar no carro das nuvens
E pedir ao vento
Que me leve às moradas do Céu.
Ele será o porta-voz de minhas palavras
e os trovões alardearão o meu nome
perante a face do Senhor.
Ele abrirá a porta
e eu entrarei em sua casa
e, perante sua face, me curvarei
e louvarei o seu nome para todo o sempre.*

*As águas corriam sobre os montes
e a dos trovões ecoava sobre os prados.
As nascentes mitigavam a sede
das cabras montezez e das ovelhas que pastavam.
Pássaros, borboletas, e animais dos campos
a eles se uniam.
E Deus, olhando os montes
e as águas transluzentes,
sorria para o homem
que segava os feixes de trigo
e os frutos que colhia.*

*Os cedros do Líbano rebrilham ao sol,
onde as aves fazem seus ninhos.
Ao redor, cabras montezez se refugiam nos montes
e as ovelhas se escondem nas rochas escuras.
Os leõeszinhos bramem de fome
e buscam sustento nas presas ao redor.
Quanto á cegonha, a sua casa é nas fáiás.
Quando nasce o sol os animais logo se recolhem
e se deitam nos seus covis
e o homem sai para o seu trabalho até a tarde.
Ó Senhor ! Todas as coisas fizestes com sabedoria.
Quão variadas são as tuas obras !*

A terra está cheia de glória !

*Ó senhor ! Quão maravilhosas são as tuas obras !
No vasto e espaçoso mar
se movem os seres que nele habitam.
Quando tu olhas para a terra, ela treme,
se tocas os montes, logo fumegam.
Eu me alegrarei no Senhor
e a minha meditação será doce e suave.
Que desapareçam da terra
os ímpios e os pecadores.
Que o teu santo espírito
renove para sempre a face da terra
e a minha alma bendirá para sempre
o nome do Senhor.*

VII

Nossos Poetas

A ESTÓRIA TRISTE E A LENDA DE YVA, A SUICIDA

Gilberto Avelino
(A Ivan Maciel de Andrade)

Yva, extenuada de martírios
E de cansaços de longas esperas,
Procurou o mar em tarde de dezembro.
Ela trazia no olhar aquela invencível vontade
Do gesto extremo: esquecer caminhos, mágoas,
Dores, tristezas, alegrias (tão poucas),
De que se nutrem os fios da vida.
O avô — navegante antigo de barco pescheiro,
Contava-lhe, acariciando-lhe os cabelos de menina,
Deliciosas estórias do mar que tão bem conhecera.
Ficou-lhe na memória (o tempo não conseguiu destruir)
A mansa voz do avô, entre evocações de tempestades
E calmarias: — “o mar guarda intactos os corpos
das pessoas que muito sofreram e sonharam, e, enfim,
esmagadas que foram pelo mundo, dando-lhes a paz
que só o mar tem e anuncia na música das suas águas...”
Yva estivera antes, calada e cansada,
No décimo quinto andar de edifício da cidade agitada.
Os olhos grandes, débil o corpo, os braços franzinos,
Mirava, da janela entreaberta de sol iluminada,
A vida lá embaixo girando
Em redemoinhos de sonhos, angústias e problemas.
Escapavam-lhe, ante a ânsia de morte de que era tocada,
Os carros de luxo passando, os políticos mais gesticulando,
Ou os computadores febris gerando juro e correção monetária
em desfavor da miséria e da necessidade
de tantos de parcas moedas.
Sentia somente que estava cansada de longas esperas,
e a esperança era imbatível minguate a devorando.
Lá embaixo, a opulência ostensiva de poucos
mutilando tanta gente — o coração também não sentia.

O corpo adolescente, de pureza perdida em quase criança,
Não quis ver boiando em sangue e em pedaços.

E ouvia ecos da voz do avô — navegante antigo de barco
[pescheiro]

conhecedor dos mistérios e dos sortilégios do mar,
mansamente repetindo:

— “o mar guarda intactos os corpos
das pessoas que muito sofreram e sonharam, e, enfim,
esmagadas que foram pelo mundo, dando-lhes a paz
que só o mar tem e a anuncia na música das suas águas...”

Yva, detendo a compulsão do frágil corpo, não se lançou ao
[chão,]

e procurou o mar em alegre tarde de dezembro,
nele adentrando-se, conduzindo nos braços leves
o gesto derradeiro.

Senhores, assim diz a lenda: em noite (faça ou não
lua cheia), a zero hora de cada janeiro,
o vulto de Yva multiplicado aparece
em trabalho incessante ao longo da praia,
distribuindo — com claridades de céus — casa, terra,
peixe, carne, leite, pães com manteiga, roupa e remédio
que sara todos os males, às falanges de famintos, humilhados
e ofendidos, que, trabalhando e cantando, estão agasalhados
e alimentados durante os trezentos e sessenta e cinco dias
[do ano.]

TRÊS CANÇÕES PARA OS TEUS SENTIDOS

Gilberto Avelino

(1)

*Amada, é tarde.
O vento já vem do mar,
E a madrugada acorda
Dálias e margaridas.*

*O mar que queremos,
O mar que é nosso,
Recomeçou
A cantar lá fora.
O mar não descansa.*

*Não te cansas.
Exausta não te fazes,
Embora seja tarde.*

*Em nós, com permanência,
Aquele luzir de estrela!*

(2)

*O amor cálido,
Que dele participas,
Apascentá-lo, não podes.*

*Mesmo sem pausa
Das tuas mãos
De linho,
E que tudo podem,
Não há
De domá-lo.*

(3)

Pelo que fazes constantemente

Em favor do meu sossego:

Pelas mãos que me dás

Em gesto largos,

Eu te agradeço e tudo digo:

Eu te amo com força de onda,

Que flui, inflete,

Ilumina, anseia,

Da onda que não dorme.

A VIOLETA

Gilberto Avelino

A violeta é flor triste.

Cismarenta, de palidez na cor.

Lembra a virgem, que de amor

De silêncio desfalece.

Irmã da ternura ou do sono,

Me parece que és.

Fina, meiga, doce e só,

Entre as flores alegres.

Em tarde que se desfaz,

Vem-me canção leve,

Tecida das tuas pétalas.

E suavemente adormeces.

VIII

Colaboração dos Amigos da Academia

HOMENAGEM AO MEU PAI

Denise Rocha de Azevedo

“O objetivo da sabedoria é o riso”, diz Moisés na Bíblia, e sendo assim, meu pai é sábio por natureza, pois faz, da alegria, a força para não desistir do caminho a seguir.

Seu jeito alegre, descontraído, forte, perseverante, destemido, traz o esplendor da força de vontade, do desejo pela luta, pela perseverança de alcançar. E assim ele alcança sempre, nunca deixando-se abater, pois sua vida é um eterno conquistar, abrir espaços, criar, realizar a cultura, cultivar o amor.

A ele agradeço a alegria da minha vida, a lembrança de que o sorriso é verdadeiro e acorda a alma para a vida ! E meu pai também é um homem sério, digno, honesto, coerente no que faz, objetivo no que diz, sábio no que escreve, amoroso por natureza!

Por ele cultivo, sempre, desde pequena, toda a minha admiração, todo o meu respeito, todo o meu bem-querer, de coração, com minha emoção, com meu amor e gratidão, pois ele é o espelho da minha alma, o objetivo do meu ser, pois se eu for um pouco do que ele é já serei alguém que, com certeza, fará crescer, no íntimo do ser, a sabedoria, a abnegação pela vida, a esperança de ser e crescer, dando pequenos passos, parando..., olhando..., e nunca deixando de dar mais alguns, sem esquecer dos que já foram dados !

Sua vida é assim : Caminhar devagar com perseverança, buscar sem medo, lutar com paciência, sofrer com abnegação, criar com benevolência, acreditar na vida por confiar em Deus, sonhar por merecer, alcançar por reconhecimento, viver por amor, ser por ser, um ser de essência, de verdade, de vida, vida de amor, pois ele é um ser iluminado, uma dádiva de Deus, na minha vida !

A ele e a minha mãe agradeço o que sou e o que poderei ser, pois sou a semente que eles plantaram, que germinou, que floresceu, para ser a única filha, menina, que Deus lhes deu !

Obrigado meu pai e aqui eu declaro todo o meu amor por
você.

(Saudação da psicóloga Denise Rocha de Azevedo ao seu pai, Acadêmico
Aluísio Azevedo, por ocasião de sua posse na ANL, no dia 20/11/1997.)

QUATRO POEMAS

De Betty Costa*

ENCONTRO

*Alguém, estranho à minha angústia
Beberá comigo
E juntos venceremos o tempo
Na noite adormecida.
E cantaremos um hino
Monólogo da nossa solidão
Vencida em sufocada frustração
Da ausência de paz.
Alguém que encontrarei por acaso
Olhará meus olhos
E me dirá que é bom estar assim
Nesse momento
Que não sabemos quando termina.
E eu direi, tão simplesmente,
Fica comigo,
Nessa hora incerta
Porque vale mais uma felicidade
Assim definida
Em duas taças ôcas
Que fazem festa num momento
De aceitação mútua,
De idéias que se comunicam,
Entre duas almas solitárias.
Deixe-me ficar assim, amigo
Nessa trajetória sem meta
Sem imposição de nada, sem tempo de espera.
Deixemos nos unir nesse momento
Talvez o único em felicidade pura
E juntos riremos da platéia que é o mundo,
Vazio, cáus,
Feto gerado
Do ódio universal.*

Betty Costa.

REENCONTRO

*Rosto que surge
Inesperado
Através da vidraça.
Meus olhos se prendem
Nessa visão de encanto
Que me provoca ânsias
de regresso.
Fragmentação da alegria de outrora
Que eu não sabia que me vinha
Ainda nessa tarde de inverno
Que me abandonava
E eu ansiava fraternidade
Sem esperar que esses passos me viessem
em regresso
Sem esperar o rosto
Através da vidraça
Que me separava da vida
em desesperança.
E muito mais que uma face aberta
Num riso antigo,
Nossas mãos se confraternizaram
No símbolo de paz
E eu ansiei
Que assim, nessa comunidade,
O tempo ficasse para nós estagnado
Cantando um hino de louvor
Ao nosso reencontro.*

Betty Costa.

AUSÊNCIA

*Um adeus,
Que eu não percebi naquela tarde
Quando a presença
Superava a angústia
Que eu não sabia que me vinha.
Agora a cidade
Ficou despovoada e triste
Com essa ausência
Em tudo,
Lembrança de fatos,
Histórias vividas
Num bar.
Para tanto,
Basta ter o coração aberto para o amor
E percebo então
Que naquela rua
Agora adormecida
Ficou uma vida inteira
Estagnada,
Momentos inacabados
De paz.
Vê como estou triste agora,
Como também eu me enganei
Com o nosso adeus.
Naquela tarde,
Que levou meu mundo
Repleto de ternura.*

Betty Costa.

*Talvez eu seja muito sensível
Para me acostumar
Com o nosso adeus.
Você me deixou tantas alegrias
Que eu agora não posso atingi-las
E, quando volto para o lugar
Que me dizia que lá eu ia ser feliz,
É bem mau para mim
Porque não vejo mais
Os teus passos chegando
Nem teu riso que me encantava
Nem a tua voz que me acalmava
E que fazia festa no meu coração
Tão pobre de carinho.
Mesmo assim,
Eu procuro buscar nesta cidade,
Alguma coisa que me comunique a "você",
E sempre, sem querer, me vejo lá
Naquela rua,
A olhar as vidraças mudas de um bar
Sem a solenidade
Do nosso encontro.
Nem percebo os rostos desiguais
Que desfilam indiferentes para os meus olhos.
Fico na expectativa
Que em meio a tantos,
Eu possa buscar o teu
Mas acabo sempre só
Em meio a essa multidão de vozes e de cores
Que me assustam.
Sei que poderia ir mas além,
Numa praia de novembro.
Porque lá, tudo o que acontece
É extraordinário.
Mas é inútil, é absurdo,*

*Tudo o que eu faço,
Tudo o que eu penso,
Tudo o que eu quero,
Pois estou sempre só,
E a gente quando está só
Não adianta nada nessa vida
Porque a gente vê tudo mal.
É para mim,
Difícil conceber que distante,
Possas te lembrar um pouco de mim
Talvez seja o silêncio de tua voz
Em mim,
Ou a ausência dos teus gestos,
Que me faz pensar assim,
Porque a gente acaba um pouco discrente
Quando se vê, que um bem na distância
É um amor que se perdeu.
De que servem nessa vida apenas lembranças ?
Acaso é bom, a gente viver só no interior de nós mesmos.
E dialogar com a gente mesmo ?
Eu gostaria de um dia chegar
Além dessas tormentas,
E ficar
Num porto seguro,
Sob a luz das estrelas,
Que são os olhos teus...*

(* Betty Costa, é natural do Rio de Janeiro, Poetisa e Redatora de scripts para o Teatro Carioca).

Jorge Fontoura*

Em vida, Neruda parece ter celebrado em sua vastíssima obra todas as coisas deste e de outros mundos. Foi, ao extremo, amado e premiado, perseguido e processado, citado e censurado. Seu percurso fabulesco de viagens e paixões parece compor um mosaico inesgotável, que se revivifica constantemente, mesmo após 1973, o fatídico ano em que morreram os três grandes “Pabíos” do século. Também o da música e o da pintura.

Na linguagem cinematográfica, o sucesso mundial de *Il Postino*, verdadeira ode de criatividade e emoção do diretor inglês Michael Radford, baseado no festejado texto de Antônio Skármeta, veio recentemente projetar o Nobel Chileno para um novo e entusiasmado público, não propriamente habituado à poesia e à literatura. Mário Rupolo, o “Carteiro”, na derradeira interpretação de Massimo Troisi, e o “Poeta”, vivido por Philippe Nolret, por certo já podem incluir-se no restrito rol do cinema de referência.

Dentro deste salutar momento de revival nerudiano, é lançado agora o livro das Respostas, por Massão Ohno Editor, de Diógenes da Cunha Lima, que, aceitando o desafio literário e a proposta abstrata, responde ao delírio onírico do antológico *Libro de las Preguntas*, uma das mais universais obras de Neruda.

Seguindo a mesma seqüência e diagramação do Livro das Respostas, as Respostas, em português, justapõem-se com delicadeza cirúrgica aos arroubos de sonho e surrealismo do texto original, em espanhol, em um sugestivo diálogo multilíngue que revela, desde logo, a intimidade cúmplice de ambos os idiomas.

Reluz ainda nas Respostas, a instantânea chispa criadora que tanto freqüenta o estro poético nordestino. Afinal, o autor é potiguar. Como não lembra dos memoráveis repentes, em passagens de tamanha colaboração cordelista: / Como le

digo a la tortuga / que vou la gano en lentitud ? / - Digo com tanta tardança / que nem começo a dizer / ; / Donde se plantaram los ojos / del camarada Paul Éluard ? / - Em recanto iluminado. Onde estiver / o camarada Paul é luar, / ; / Que diran de ml poesia / los que no tocaron ml sangre ? / -Dirão que é líquida e transita pelo coração / ; / Donde termina el arco-iris / en tu alma o en el horizonte ? / - / O arco-iris é uma ponte / entre a alma e o horizonte / . / Cuando el preso piensa en la luz / es la misma que te ilumina ? / - / Para mim a luz é luz / para o preso ela é divina /.

Na profusão das respostas, também não passa despercebido o grande conhecimento do autor sobre as nuances e circunstâncias da vida e da obra do poeta de Isla Negra. Em tal propósito. Diógenes da Cunha Lima revela visceral relação com Pablo Neruda e as convincentes adições tão bem urdidadas demonstram inequívoco e específico conhecimento histórico e biográfico:

/ Que hace una mosca encarcelado / em un soneto de Petrarca? / - A mosca foi atraída pelo dulce stil nuovo. /

Pablo Neruda claramente quis e, mesmo, imaginou-se algum dia respondido, mas não em vida, como chegou a confessar aos amigos do círculo mais íntimo de La Sebastiana, o emblemático refúgio de zinco e madeira, escondido no Casario multicolorido dos morros de Valparaíso. Ao fazê-lo agora, no Livro das Respostas, Diógenes da Cunha Lima parece realizar o impossível para, ao dialogar com o poeta ausente, usando do recurso infinito da criação literária, projetar-se aos “mais altos vãos da imaginação”.

(*Jorge Fontoura é cinéfilo e Jurista).

Reg
Vol.